

O GRANDE GATSBY

F. SCOTT FITZGERALD



O Grande Gatsby

F. SCOTT FITZGERALD

Colecção Novis - 5

Biblioteca Visão

Abril/Controljornal

Digitalização e Arranjo

Agostinho Costa

A celebridade de F. Scott Fitzgerald deve-se, em grande parte, ao êxito que obteve com o Grande Gatsby. É um romance que retrata uma geração e evidencia as contradições do sonho americano. A glória e a decadência do sel-made man, a ambição e a busca desenfreada do dinheiro, a corrida em direcção a um futuro tão prometedora como ilusório, tudo sobre o fundo de uma intriga amorosa, são ingredientes para construir uma história fascinante.

No entanto, esta obra não se limita a exibir o mundo da idade do jazz, nem a relatar as peripécias de um drama sentimental, pois alerta, quase como uma alegoria, para questões centrais que mantêm a sua acutilância nos dias de hoje.

Título Original: The Great Gatsby

Autor: F. Scott Fitzgerald

Tradução: Fernanda César

Autorização cedida por

Publicações Europa-América, L.da.

2000 BIBLIOTEX, S. L. para esta edição

Abril/Controljornal - Edipresse

Publicação Fevereiro de 2000

para Zelda

Põe então o chapéu doirado, se pensas que isso a
comove;
Se consegues saltar alto, fá-lo por ela, também, Até que
ela
te suplique: "Ó amante, amante do chapéu doirado, que tão
alto
saltas, Tens de ser meu!"

THOMAS PARKE d'Invilliers

Capítulo I

Quando eu era mais novinho, e mais vulnerável, o meu pai deu-me um determinado conselho que ainda hoje me anda às voltas na cabeça.

- De cada vez que te apetecer criticar alguém - disse-me -, lembra-te sempre de que nem toda a gente neste mundo gozou algum dia das vantagens que tu tens tido.

E mais não disse. Mas fomos sempre invulgarmente comunicativos, se bem que: de modo algo reservado, e percebi que ele queria dizer muito mais do que disse. Tornei-me, em

consequência disso, propenso a reservar todos os juízos, hábito que atraiu a mim muitas índoles curiosas e fez de mim,

igualmente, a vítima de não poucos chatos de carreira. A mente

anormal e ágil a detectar e a ater-se a esta qualidade, quando

ela se revela numa pessoa normal, e assim aconteceu que, quando andava na universidade, vim a ser injustamente acusado

de me meter em política, só porque conhecia as angústias secretas de pessoas impulsivas anónimas. Muitas dessas confidências, não era eu que as procurava - frequentemente fingi que dormia, que estava preocupado com outras coisas ou

que era uma pessoa de inconsciência hostil, quando, por qualquer inequívoco sinal, me parecia que uma revelação íntima

tremulava no horizonte; e que as revelações íntimas dos jovens

ou, pelo menos, os termos em que as expressam, são normalmente

plagiadas e deturpadas por supressões óbvias. A reserva de juízos é uma questão de infinita esperança. Ainda hoje tenho algum receio de estar a omitir qualquer coisa, se porventura me esqueço que, como o meu pai pretensiosamente insinuava, e

pretensiosamente repito, a capacidade de apreensão das fundamentais normas de conduta é desigualmente distribuída à

nascença.

E depois de apregoar deste modo a minha tolerância, sou obrigado a admitir que ela tem um limite. Pode a conduta humana alicerçar-se em rocha dura ou em terreno pantanoso, que

a partir de um certo ponto deixo de me preocupar com os seus

fundamentos. Quando, no Outono passado, voltei do Leste, senti que desejava para sempre que o mundo se apresentasse de uniforme e numa espécie de atenção moral; não queria mais excursões debochadas de privilegiados olhares breves ao coração humano. Gatsby, o personagem que dá o nome a este livro, foi o único que ficou imune à minha reacção - esse mesmo Gatsby que representava tudo aquilo por que sinto um genuíno desprezo. Se a personalidade é uma cadeia contínua de gestos bem sucedidos, então havia nele algo de grandioso, qualquer sensibilidade exaltada às promessas da vida, como se fosse aparentado com uma dessas máquinas complexas, capazes de registrar tremores de terra que se produzem a dez mil milhas de distância. Esta capacidade de reacção imediata não tinha nada a ver com essa impressionabilidade flácida que é dignificada sob o nome de temperamento criador, - era, antes, um dom extraordinário para alimentar a esperança, uma prontidão romântica, como eu nunca encontrei em qualquer outra pessoa e não é provável que volte a encontrar. Não - Gatsby acabou por se sair muito bem no final; foi o que tomou Gatsby como uma presa, qualquer poeira poluída que talvez flutuasse na esteira dos seus sonhos, aquilo que, temporariamente, me fez perder o interesse nas penas prematuras e nas relações arquejantes dos homens.

A minha família foi, durante três gerações, gente próspera e importante nesta cidade do Middle West. Os Carraway são como que um clã e diz-se, por tradição, que descendemos dos duques de Buccleuch; mas o verdadeiro fundador da minha linhagem foi

o irmão do meu avô, que veio para cá em 1, mandou um substituto para a Guerra Civil e iniciou o negócio de venda de ferragens por grosso, que o meu pai ainda hoje mantém. Não cheguei a conhecer esse tal tio-avô, mas sou suposto parecer-me com ele - particularmente no que se refere à pintura do seu rosto, de traços razoavelmente duros, que está pendurada no escritório do meu pai. Diplomei-me por New Haven em 1915, exactamente um quarto de século depois do meu pai,

e
participei, um pouco mais tarde, naquela duradoira migração
teutónica que ficou conhecida como a Grande Guerra.
Diverti-me
tanto com o contra-ataque que, quando regressei, andava
irrequieto. Em vez de ser o centro aconchegado do mundo,
o
Middle West parecia-me agora a orla esfarrapada do universo
e,
assim, decidi ir para o Leste aprender o ofício de corretor
de
fundos. Como toda a gente que eu conhecia era corretor de
fundos, calculei que o ofício tinha capacidade para manter
mais
um simples celibatário. Todos os meus tios e tias
conversaram
sobre o assunto tão seriamente como se se tratasse de me
escolher uma escola para os preparatórios e, por fim,
disseram: "Bom... está bem", com umas caras muito sérias
e num
tom hesitante. O meu pai aceitou financiar-me por um ano
e,
após protelações várias, vim para o Leste, pensava eu que
a
título permanente, na Primavera de vinte e dois.
O mais prático teria sido arranjar alojamento na cidade,
mas
a estação era quente e eu tinha acabado de deixar um país
de
vastos relvados e afáveis arvoredos, e assim, quando um
rapaz
lá do escritório me sugeriu que alugássemos uma casa a meias
numa cidadezinha dos arrabaldes, a ideia pareceu-me ótima.
Lá
descobriu a casa, um bungalow que mais parecia de papelão,
desgastado pelo tempo, a oitenta dólares por mês; mas no
último momento, a firma transferiu-o para Washington e eu
tive
de ir sozinho para o campo. Tinha um cão - tive-o, pelo
menos,

10

durante alguns dias, enquanto não fugiu - e um velho Dodge,
e
uma finlandesa, que me fazia a cama e preparava o
pequeno-almoço, resmungando para si própria, por cima do
fogão
eléctrico, não sei que sabedorias da sua terra. Estive
isolado
cerca de um dia, até que uma manhã, um homem qualquer, ainda
mais recém-chegado do que eu, me deteve na estrada.
- Como é que se vai para a aldeia de West Egg? - perguntou,
desamparado.
Lá lhe disse como era. E, quando continuei a andar, já
não

estava só. Eu era um guia, um explorador de rotas desconhecidas, um colono original. Por mera casualidade, ele

tinha-me cōnferido a liberdade de escolher a vizinhança.

E assim, com o sol e os numerosos rebentos a crescerem nas

árvores, tal como as coisas se desenvolvem no cinema ao retardador, ganhei essa familiar convicção de que a vida ia

recomeçar de novo com o Verão.

Havia, por um lado, muito que ler e, por outro, muita saúde a extrair do rejuvenescente ar puro. Comprei uma dúzia de volumes, vermelhos e doirados, sobre a banca, o crédito e investimentos, que assentavam na minha estante como notas de

banco acabadas de sair da Casa da Moeda e prometiam revelar-me

os cintilantes segredos que só Midas, Morgan e Mecenas conheciam. E tinha a sublime intenção de ler muitos outros livros mais. Já na universidade era especialmente devotado às

letras - houve um ano em que cheguei mesmo a escrever uma série de editoriais, num estilo solene mas claro, para o Yale

News - e o que eu ia fazer agora era reintroduzir todos esses velhos hábitos na minha vida, convertendo-me de novo no mais limitado dos especialistas, o homem esclarecido. Não é um mero

epigrama - ao fim e ao cabo, somos muito melhor sucedidos quando vemos a vida de uma única janela.

Foi por puro acaso que aluguei uma casa numa das comunidades

mais estranhas da América do Norte, nessa ilha estreita e tumultuosa que se estende directamente para leste de Nova Iorque, onde, entre outras curiosidades naturais,

11

existem duas formações geológicas invulgares. A vinte milhas

da cidade, um par de ovos enormes, idênticos nos seus contornos e separados apenas por uma delicada baía, projecta-se pela massa de água salgada mais domesticada do hemisfério ocidental adentro, que é o grande quintal líquido

de Long Island Sound. Não são perfeitamente ovais - tal como o

ovo na história de Colombo, são ambos achatados no ponto em

que se tocam -, mas a sua semelhança física deve ser motivo de

perpétua admiração para as gaivotas que os sobrevoam. Para os

não alados, no entanto, o fenómeno mais interessante é a sua

dissemelhança em todos os aspectos, à excepção da forma e

do
tamanho.

Vivia em West Egg(1), no - digamos, menos elegante dos dois ovos, se bem que este seja um rótulo muito superficial para exprimir o bizarro, e não pouco sinistro, contraste entre eles. A minha casa ficava mesmo na ponta do ovo, apenas a cinquenta jardas do Sound e comprimida entre duas enormes mansões alugadas à época por doze ou quinze mil dólares. A que ficava à minha direita era uma coisa colossal segundo qualquer medida-padrão - era uma imitação rigorosa de um qualquer Hôtel de Ville da Normandia, com uma torre de um lado, novíssima, sob uma barba ainda rala de hera incipiente, uma piscina de mármore e mais de quarenta acres de relvado e jardim. Era a mansão de Gatsby. Melhor dizendo, como ainda não conhecia o senhor Gatsby, era uma mansão habitada por um cavalheiro com esse nome. Em comparação, a minha casa era uma coisa que ofendia o olhar de qualquer um, mas como era pequena, sempre passava despercebida e, fosse como fosse, eu tinha o panorama da baía, uma vista parcial do relvado do meu vizinho e a consoladora proximidade de milionários - e tudo por oitenta dólares mensais.

*1. West Egg: Ovo Ocidental. (N. da T.)

12

Do outro lado da delicada baía, resplandeciam pela água os brancos palácios do chique East Egg(2) e a história desse Verão começa realmente num fim de tarde em que fui de carro até lá, para jantar com os Buchanan. Daisy era filha de uns primos meus em segundo grau e Tom, conhecia-o da universidade; já tinha passado dois dias com eles em Chicago, logo a seguir à guerra.

O marido dela, entre vários talentos físicos, tinha sido um dos mais prestigiosos pontas-de-lança que o futebol de New Haven conhecera - era, em sentido restrito, uma figura nacional, um desses homens que aos vinte e um anos atingem uma excelência tal que tudo o que fizerem a partir daí tem o sabor de anticlímax. A sua família era extraordinariamente rica - já na universidade o à-vontade com que manejava o dinheiro era

motivo de censura, mas agora tinha abandonado Chicago e vindo para o Leste em condições tais, que deixava qualquer pessoa estupefacta: tinha trazido de Lake Forest, por exemplo, uma récula de póneis de pólo. Na minha geração era difícil imaginar que alguém fosse a tal ponto rico que se desse a um luxo destes.

Por que razão vieram para o Leste, não sei. Tinham estado um ano em França, aparentemente sem um motivo particular, e derivado depois, sem parar, por aqui e por acolá, onde quer que houvesse pessoas ricas como eles que jogassem polo. Desta vez era para ficarem, dizia Daisy ao telefone, mas não acreditei - não conseguia ver o que se passava no íntimo de Daisy, mas qualquer coisa me dizia que Tom, com aquela muito sua insaciabilidade, continuaria para sempre a divagar à procura da dramática turbulência de um qualquer irrecuperável jogo de futebol.

E assim aconteceu que, num fim de tarde quente e ventoso, me meti de automóvel a caminho de East Egg, para ir visitar dois velhos amigos que, a bem dizer, mal conhecia. A casa deles era ainda mais requintada do que eu já esperava,

*2. East Egg: Ovo Oriental. (N. da T)

13

uma alegre mansão colonial, vermelha e branca, ao estilo georgiano, que dava para a baía. O relvado começava na praia e corria por um quarto de milha em direcção à porta principal, saltando por cima de relógios de sol, passadeiras de tijolo e jardins estimulantes - momento final este em que tocava a casa, derivando pelas paredes acima em trepadeira viva, como se levado pelo impulso da sua corrida. A fachada era rasgada por uma fila de portas envidraçadas, agora resplandecentes com os doirados reflexos do sul e abertas de par em par ao ar quente e ventoso do entardecer, e Tom Buchanan, em traje de equitação, estava de pé e de pernas afastadas no pórtico de entrada.

Tinha mudado, desde New Haven. Era agora um robusto trintão, de cabelo cor de palha, com uma boca muito dura e um ar de

superioridade. Dois olhos brilhantes de arrogância dominavam-Lhe o rosto e conferiam-lhe o aspecto de estar sempre agressivamente inclinado para a frente. Nem mesmo a efeminada elegância do traje de equitação conseguia esconder o enorme poder físico daquele corpo - parecia que enchia aquelas botas reluzentes até rebentar os atacadores e, quando o seu ombro se movia por debaixo do fino casaco, deixava transparecer uma grande massa compacta de músculos em contracção. Era um corpo capaz de uma enorme força mecânica - um corpo cruel.

Quando falava, a sua voz de tenor, áspera e rouca, aumentava a impressão de intratabilidade que ele já por si comunicava, havia nela um toque de paternal desdém, mesmo para com as pessoas de quem gostava - em New Haven havia colegas que lhe tinham um ódio visceral.

- Não fiquem agora para aí a pensar que a minha opinião sobre estas questões é definitiva - parecia ele dizer - só porque sou mais forte e mais viril do que vocês.

Pertencíamos à mesma associação de seniores e, embora nunca tivéssemos sido amigos íntimos, sempre tive a impressão de que ele me aceitava e queria que eu gostasse dele com aquela insaciabilidade rude e provocadora que Lhe era peculiar.

14

Conversámos durante alguns minutos no soalheiro pórtico.

- Tenho aqui um belo espaço - disse, com os olhos a relampejarem à volta, irrequietamente. Agarrando-me por um braço, fez-me dar meia volta e com uma mão larga e espalmada varreu o panorama em frente, incluindo na sua varredela um jardim italiano, numa depressão de terreno, meio acre de rosas

pungentes e escuras e um barco a motor de nariz arrebitado, que balançava com a maré a pouca distância da praia.

- Tudo isto pertencia ao Demaine, o homem dos petróleos.

- Fez-me dar outra meia volta, de uma forma delicada mas abrupta. - Ora entremos.

Atravessando um átrio de tecto alto, entrámos num espaço cor-de-rosa-brilhante, que confinava com a casa fragilmente, por meio de portas envidraçadas em cada uma das extremidades.

As portas estavam entreabertas e difundiam uma fulgurante luz

branca, em contacto com a relva viçosa, lá fora, que parecia estar a crescer rapidamente para dentro de casa. Pela sala corria uma brisa que, numa das extremidades, puxava os

cortinados para dentro e, na outra, os atirava para fora como
pálidas bandeiras, retorcendo-os para cima em direcção ao
bolo
de casamento glacé do tecto e enrugando-os de seguida sobre
o
tapete cor de vinho, fazendo-lhe sombra como o vento faz
sobre
o mar.

O único objecto verdadeiramente estacionário da sala era
um
enorme sofá, no qual duas mulheres novas pareciam boiar como
se estivessem num balão ancorado. Estavam ambas de branco
e os
seus vestidos enrugavam-se e esvoaçavam, como se o vento
tivesse acabado de as depositar ali, após um breve voo à
volta
da casa. Devo ter ficado uns bons momentos a escutar o
fustigar e o estalar dos cortinados e o gemer de um quadro
na
parede.

15

A seguir houve um estrondo, quando Tom Buchanan fechou as
portas por detrás de mim, e o vento prisioneiro espalhou-se
pela sala até desaparecer, e os cortinados, os tapetes, as
duas mulheres novas aterraram lentamente como de balão.

A mais nova delas era-me desconhecida. Estava estendida
a
todo o comprimento na extremidade do sofá que ocupava,
completamente imóvel e com o queixo ligeiramente levantado,
como se sobre ele tentasse equilibrar qualquer coisa que,
com
toda a probabilidade, ia cair. Se me viu pelo canto dos
olhos,
não deu sinais disso - na verdade, quase me surpreendi a
murmurar um pedido de desculpa por ter vindo perturbá-la
com a
minha entrada.

A outra rapariga, Daisy, fez menção de se levantar -
inclinou-se ligeiramente para a frente, numa atitude
conscienciosa - e depois riu-se, com um risinho absurdo e
ao
mesmo tempo encantador, e eu ri-me também e avancei pela
sala
dentro.

- Estou paralisada de felicidade.

Riu-se outra vez como se tivesse dito algo de muito
espirituoso e segurou-me na mão um instante, olhando-me na
cara, como que a assegurar que não havia ninguém no mundo
que
mais desejasse ver. Fazia parte da sua maneira de ser.
Sugeri
num murmúrio que o apelido da rapariga equilibrista era
Baker.

(Já tinha ouvido dizer que Daisy murmurava só para obrigar as pessoas a inclinarem-se sobre ela; uma crítica irrelevante que nem por isso tornava menos encantador este seu gesto.) De qualquer forma, os lábios de Miss Baker vibraram, fez-me um aceno de cabeça quase imperceptível e voltou a incliná-la rapidamente para trás - o objecto que tentava equilibrar no queixo tinha, obviamente, titubeado um pouco e isso assustara-a. De novo me aflorou aos lábios uma espécie de desculpa. Quase todas as exposições de completa auto-suficiência têm o condão de me arrancar um tributo estonteante.

16

Voltei a olhar para a minha prima, que começou a fazer-me perguntas no seu tom de voz baixo e excitante. Era aquele tipo de voz que o nosso ouvido segue em altos e baixos, como se cada fala fosse um arranjo de notas musicais que nunca mais voltariam a ser tocadas. O seu rosto era triste e encantador, incrustado de coisas brilhantes: uns olhos brilhantes e uma boca ardente de paixão, mas na sua voz havia uma excitação que os homens que a tinham desejado achavam difícil de esquecer - uma compulsão cantante, um Escute sussurrado, uma sugestão de que, há alguns instantes apenas, tinha estado a fazer coisas alegres e estimulantes e de que havia no ar outras tantas para fazer na hora seguinte.

Disse-lhe que, a caminho do Leste, tinha parado um dia em Chicago e que uma boa dúzia de pessoas lhe tinha enviado por mim todo o seu afecto.

- Sentem a minha falta? - perguntou extasiada.

- Toda a cidade está desolada. Todos os carros andam com a roda esquerda traseira pintada de preto com uma grinalda fúnebre e há um carpir persistente, durante toda a noite, ao longo da costa norte.

- Que magnífico! Vamos voltar, Tom. Amanhã mesmo! - Depois acrescentou, irrelevantemente. - Tem de ver a bebé.

- Bem gostava.

- Agora está a dormir. Já tem três anos. Nunca a viu?

- Não, nunca.

- Então tem de a conhecer. Ela é...

Tom Buchanan, que tinha andado de um lado para o outro da

sala, impacientemente, parou e poisou a mão no meu ombro.

- E você, que é que faz, Nick?

- Sou corretor de fundos.

- Onde?

Respondi-lhe.

- Nunca ouvi falar nessa firma - observou decididamente.

17

Fiquei irritado.

- Mas há-de ouvir - respondi laconicamente. - Se ficar pelo

Leste, há-de ouvir falar nela.

- Oh, sim, vou ficar pelo Leste, não se aflija - disse ele, olhando de relance para Daisy e logo de novo para mim, como se

estivesse alerta para mais alguma coisa. - Seria completamente

louco se fosse viver para outra parte qualquer.

Neste preciso momento, Miss Baker disse:

- Absolutamente! - com uma tal prontidão, que tive um sobressalto. Era a primeira palavra que proferia desde que eu

tinha entrado na sala. Evidentemente que isso a surpreendeu tanto como a mim, pois logo a seguir bocejou e, com uma série de movimentos rápidos e ágeis, pôs-se de pé.

- Estou perra - queixou-se. - Estive deitada nesse sofá por

mais tempo do que me lembro já ter estado.

- Escusas de olhar para mim - retorquiu Daisy -, passei a

tarde inteira a tentar levar-te para Nova Iorque.

- Não, obrigada - disse Miss Baker, referindo-se a um dos quatro cocktails que acabavam de chegar da copa. - Estou em

fase de treino intenso.

O dono da casa olhou para ela com um ar incrédulo.

- Não me diga - sorveu a bebida como se fosse uma gota no fundo do copo. - Como consegue fazer alguma coisa é que eu não percebo.

Olhei para Miss Baker, desejoso de saber que coisa tinha ela

conseguido fazer, . Deu-me prazer olhar para ela. Era uma rapariga esguia, de seios pequenos e postura erecta, que ela

acentuava lançando o corpo para trás ao nível dos ombros, como

um jovem cadete. Os seus olhos cinzentos, enrugados do sol, devolveram-me o olhar, de delicada curiosidade recíproca, de

um rosto pálido, encantador e descontente. Foi então que me

ocorreu que já a tinha visto algures em pessoa ou, pelo

menos,
em fotografia.

- Você vive em West Egg - observou com desdém. - Conheço lá uma pessoa.

18

- Pois eu não conheço vivalma.

- Mas deve conhecer o Gatsby.

Antes que eu pudesse responder que era um vizinho meu, o jantar foi anunciado. Cravando-me o seu braço tenso como uma tenaz, imperativamente, no cotovelo, Tom Buchanan forçou-me a sair da sala como se deslocasse um peão para outro quadrado do tabuleiro de xadrez.

Esguias e lânguidas, as mãos levemente assentes sobre as ancas, as duas mulheres precederam-nos a caminho de um pórtico cor-de-rosa, aberto a poente, onde quatro velas acesas tremeluziam sobre a mesa, expostas ao vento que entretanto abrandara.

- Porquê velas? - objectou Daisy, franzindo o sobrolho. Apagou-as com os dedos. - Dentro de duas semanas teremos o dia

mais longo do ano. - Olhou para todos nós com um ar radiante. - Também vos acontece esperarem ansiosamente que chegue o dia mais longo do ano e, quando ele chega, esquecerem-se dele? Comigo acontece sempre isso.

- Devíamos planejar qualquer coisa - bocejou Miss Baker, sentando-se à mesa como se fosse para a cama.

- Boa ideia - disse Daisy. - Então, que planos vamos nós fazer? - Voltou-se para mim, indefesa: - Que tipo de planos costumam as pessoas fazer?

Sem esperar pela minha resposta, os seus olhos fixaram-se com expressão de terror no seu dedo mindinho.

- Vejam o que me aconteceu! - lamentou-se. - Magoei-me no dedo.

Olhámos todos - a articulação estava azul e preta.

- Foste tu que me fizeste isto, Tom! - disse em tom acusador. - Sei que não foi de propósito, mas foste tu. É o

que eu ganho em ter casado com um bruto como tu, um grande, imenso, avantajado espécime físico de um...

- Detesto essa palavra avantajado, mesmo que seja a brincar.

- Avantajado! - insistiu Daisy.

19

Por vezes, ela e Miss Baker falavam ao mesmo tempo, discretamente e com uma inconsequência bem-humorada que nunca chegava a ser tagarelice, mas que era tão fresca como os seus vestidos brancos e os seus olhos impessoais, na ausência de todo o desejo. Estavam aqui e aceitavam-nos, a Tom e a mim, fazendo apenas um delicado e agradável esforço para divertir ou serem divertidas. Sabiam que o jantar estava prestes a acabar e que, pouco depois, também a noite chegaria ao seu fim e seria, naturalmente, sepultada. Era nitidamente diferente do que se passava no Oeste, onde a noite corria apressada, de uma fase à outra, em direcção ao seu fecho, numa antecipação contínua de desapontamento, senão no temor estranho e nervoso do próprio momento.

- Você faz-me sentir incivilizado, Daisy - confessei eu ao segundo copo daquele clarete delicioso, ainda que a saber a rolha. - Não é capaz de falar de colheitas ou de qualquer coisa do género?

Com esta observação, não pretendi dizer nada em especial, mas ela foi recebida de uma forma inesperada.

- A civilização está a cair aos bocados - irrompeu Tom com violência. - Tornei-me terrivelmente pessimista acerca das coisas. Por acaso já leu *The Rise of the Coloured Empires*, por um tal Goddard?

- Não, de facto, nunca li - respondi-lhe, deveras surpreendido pelo seu tom de voz.

- Bom, é um excelente livro e toda a gente devia lê-lo. A ideia é esta: se nós, a raça branca, não nos acautelamos, acabamos por ser completamente afundados. É científico; está provado.

- O Tom está a ficar muito profundo - disse Daisy com uma expressão de irreflectida tristeza. - Só lê livros profundos, com palavras muito compridas. Qual foi a palavra que nós...

- Bom, todos estes livros são científicos - insistiu Tom, olhando impacientemente para ela. - Este tipo esgotou o tema.

Agora, é a nós que somos a raça dominante, que compete estar atentos, caso contrário são as outras raças que vão acabar por

ter o controlo da situação.

- Havemos de conseguir derrubá-las - murmurou Daisy, piscando ferozmente os olhos ao sol ardente.

- Devia viver na Califórnia - começou Miss Baker, mas Tom interrompeu-a, mudando, a custo, de posição na cadeira.

- A ideia é que nós somos nórdicos. Eu, você, e você, e...

-
após uma hesitação infinitesimal, incluiu Daisy com uma ligeira inclinação de cabeça e ela voltou a piscar-me o olho.

- E fomos nós que produzimos todas as coisas que contribuem para construir a civilização. Oh, a ciência e a arte e isso tudo. Está a perceber?

Havia algo de patético na sua concentração, como se a sua complacência, agora mais aguda do que antigamente, já não lhe

bastasse. Quando, quase imediatamente a seguir, o telefone tocou lá dentro e o mordomo deixou a galeria para ir atendê-lo, Daisy aproveitou aquela momentânea interrupção e

debruçou-se sobre mim.

- Vou contar-lhe um segredo de família - cochichou entusiasticamente -, tem a ver com o nariz do mordomo. Quer ouvir a história do nariz do mordomo?

- Foi para isso que eu cá vim esta noite.

- Bom, ele não foi sempre mordomo; começou por ser polidor de pratos de umas certas pessoas de Nova Iorque, que tinham um

serviço de prata de duzentas pessoas. O trabalho dele era limpá-las de manhã à noite, até que isso começou a afectar-lhe o nariz.

- As coisas foram de mal a pior - interveio Miss Baker.

- Sim. As coisas foram de mal a pior, até que ele teve de deixar o emprego.

Os últimos raios de sol incidiram por instantes, com romântica ternura, sobre o seu rosto incandescente; a sua voz

obrigou-me a inclinar para a frente, sem respirar, enquanto a

ouvia - e então o brilho apagou-se, cada raio de sol a foi deixando com demorado pesar, como crianças a abandonarem,

ao crepúsculo, uma rua, onde, contentes, brincavam.

O mordomo voltou e segredou qualquer coisa ao ouvido de Tom,

ao que Tom franziu o sobrolho, empurrou a cadeira para trás e,

sem uma única palavra, foi para dentro. Como se a sua ausência

acelerasse qualquer coisa dentro dela, Daisy voltou a inclinar-se para a frente, com a sua voz calorosa e cantante.

- Adoro vê-lo à minha mesa, Nick. Faz-me lembrar uma...
uma
rosa, uma perfeita rosa. Não faz? - Voltou-se para Miss
Baker

a pedir a confirmação: - Uma rosa absoluta?

Não era verdade. Não sou, nem de longe, como uma rosa.
Ela

estava só a improvisar, mas brotava dela um calor
estimulante,
como se o seu coração tentasse aparecer em público,
disfarçado
numa dessas palavras emocionantes e arrebatadoras. Depois,
subitamente, atirou o guardanapo para cima da mesa, pediu
licença e entrou em casa.

Miss Baker e eu trocámos um breve olhar, conscientemente
destituído de qualquer significado. Preparava-me eu para
falar, quando ela se pôs em posição de alerta e disse "Psiiu!"
em tom de advertência. Da outra sala chegava-nos um murmúrio
de paixão contida e Miss Baker inclinou-se para a frente,
descaradamente, a tentar ouvir. O murmúrio estremeceu à
beira

da coerência, afundou-se, subiu exaltadamente e a seguir
cessou por completo.

- O tal senhor Gatsby de que falou é meu vizinho - comecei.

- Não fale. Quero ouvir o que se passa.

- Mas passa-se alguma coisa? - indaguei inocentemente.

- Quer com isso dizer que não sabe? - disse Miss Baker,
honestamente surpreendida. - Julguei que toda a gente
sabia.

- Eu não sei nada.

- É que - hesitou -, o Tom tem uma mulher qualquer em Nova
Iorque.

22 - 23

- Tem uma mulher? - repeti inexpressivamente.

Miss Baker assentiu com a cabeça.

- Podia ao menos ter o bom gosto de não Lhe telefonar à
hora

do jantar, não acha?

Ainda mal eu tinha apreendido o sentido das suas palavras
e

já se ouvia o frufu de um vestido e o ranger de botas de
couro. Eram Daisy e Tom, que estavam de volta à mesa.

- Tinha de acontecer! - proclamou Daisy com tensa
jovialidade.

Sentou-se, lançou um olhar inquisitivo, primeiro a Miss
Baker, e depois a mim, e continuou:

- Olhei momentaneamente lá para fora e vi que o ambiente
está muito romântico. Há um passarinho na relva, que deve
ser

algum rouxinol que veio na Cunard ou na White Star Line.
Não

pára de cantar. - A sua voz era cantante: - É romântico,
não

é, Tom?

- Muito romântico - disse, e depois para mim, com um ar infeliz: - Se depois do jantar ainda houver luz suficiente, quero levá-lo lá abaixo, aos estábulos.

Dentro de casa, o telefone tocou bruscamente e, quando Daisy

sacudiu a cabeça com decisão para Tom, o tema dos estábulos, todos os temas de conversa, na verdade, desapareceram no ar.

Entre os fragmentos dispersos dos últimos cinco minutos à mesa, lembro-me de terem voltado a acender as velas e de eu

estar consciente de querer olhar todos nos olhos e ao mesmo tempo evitar os seus olhares. Não conseguia adivinhar o que Daisy e Tom pensavam nesse momento, mas duvido que a própria Miss Baker, que parecia ter dominado um certo cepticismo intrépido, fosse absolutamente capaz de tirar da ideia a insistência metálica estridente deste quinto hóspede invisível. Para um certo temperamento, a situação poderia parecer intrigante - eu próprio tive o instinto de chamar imediatamente a polícia.

Escusado será dizer que não se falou mais de cavalos. Tom e

Miss Baker, com vários pés de crepúsculo a separá-los, deambularam para as traseiras, a caminho da biblioteca, como

se fossem para a noite de vela de um cadáver perfeitamente tangível, enquanto eu, esforçando-me por me mostrar agradavelmente interessado, e um pouco surdo, segui Daisy até

ao átrio de entrada, depois de contornar uma série de varandas

ligadas umas às outras. Envolto em profunda escuridão, sentámo-nos, lado a lado, num canapé de vime.

Daisy levou as mãos ao rosto, como que para sentir-lhe os

graciosos contornos, e os seus olhos penetraram, gradualmente,

o crepúsculo aveludado. Percebi que a possuíam turbulentas emoções e resolvi fazer-lhe algumas perguntas acerca da sua filhinha, que, a meu ver, poderiam actuar como um sedativo.

- Não nos conhecemos lá muito bem, Nick - disse subitamente.

- Apesar de sermos primos. Não veio ao meu casamento.

- Ainda não tinha voltado da guerra.

- Lá isso é verdade - hesitou. - Bem, tenho passado um mau

bocado, Nick, e sinto-me bastante cínica a respeito de tudo.

Tinha, evidentemente, razão para assim se sentir.

Esperei,

mas ela não disse mais nada e momentos depois voltei, já mais

debilmente, ao assunto da filha.

- Suponho que fala e... come, enfim, essas coisas todas.

- Oh! Sim! - Olhou para mim de um modo ausente. Escute, Nick,

deixe-me contar-lhe o que eu disse quando ela nasceu.

Gostava

de ouvir?

- Mesmo muito.

- Isso já lhe mostra como passei a sentir as coisas. Bom, tinha ela menos de uma hora de vida e o Tom estava só Deus sabe onde. Despertei da anestesia com uma sensação de completo

abandono e perguntei logo à enfermeira se era rapaz ou rapariga. Quando ela me respondeu que era uma rapariga, voltei

a cabeça para o lado e comecei a chorar. Está bem - disse eu,

24

-, fico muito contente que seja uma rapariga e oxalá seja uma

cabeça no ar... a melhor coisa que uma rapariga pode ser neste

mundo é ser bonita e leviana.

- Por aqui já vê que, em minha opinião, tudo é horrível, ao

fim e ao cabo - prosseguiu de modo convincente. - Toda a gente

pensa da mesma maneira, mesmo as pessoas mais evoluídas. E

disso sei eu. Estive em toda a parte, vi tudo e fiz tudo.

- Os

olhos faiscaram-lhe em volta, num ar de desafio, muito à maneira de Tom, e riu-se com emocionante desdém. -

Sofisticada... e a que ponto, meu Deus!

Foi no momento exacto em que parou abruptamente de falar, deixando, assim, de forçar a minha atenção e a minha convicção, que eu senti a insinceridade básica do que ela tinha dito. Fiquei apreensivo, como se toda aquela noite tivesse sido um estratagema de qualquer espécie para extorquir

de mim uma emoção contributiva. Esperei e realmente, em dado momento, ela olhou para mim com um sorriso afectado no adorável rosto, como se tivesse afirmado a sua qualidade de

membro de uma sociedade secreta, particularmente distinta, a

que ela e Tom pertencessem.

Lá dentro, a sala carmesim resplandecia de luz. Tom e Miss Baker estavam sentados, cada um em sua extremidade do comprido

sofá e ela lia para ele, em voz alta, a Saturday Evening Post

- fluindo as palavras, murmuradas e sem inflexões, numa melodia paliativa. A luz do candeeiro de lustre reflectia-se

nas botas dele e no amarelo de folha de Outono do cabelo dela

e resplandecia ao longo das páginas que ela ia virando com uma

vibração da delgada musculatura dos seus braços.

Quando entrámos, ela levantou a mão, a impor-nos silêncio por um instante.

- Continua no próximo número - disse, atirando a revista para cima da mesa.

25

Firmou o corpo com um movimento impaciente do joelho e levantou-se.

- Dez horas - observou, aparentemente consultando as horas

no tecto. - São horas de esta boa menina ir para a cama.

- É que a Jordan vai entrar no torneio de amanhã, em Westchester - explicou Daisy.

- Oh! Afinal, você é a Jordan Baker!

Percebia agora a razão por que a sua cara me era familiar

-

aquela agradável expressão de desdém tinha-me fixado de muitas

ilustrações de revistas sobre a vida desportiva de Asheville,

Hot Springs e Palm Beach. Tinha ouvido também uma história qualquer a seu respeito, uma história desagradável, uma crítica, mas exactamente qual era, tinha eu há muito esquecido.

- Boa noite - disse docemente.

- Acordem-me às oito, está bem?

- Só se prometeres que te levantas.

- Prometo. Boa noite, senhor Carraway. Até breve.

- É claro que prometes - confirmou Daisy. - Na verdade, acho

que vou arranjar casamento. Apareça mais vezes, Nick, que eu

trato de... Oh!, de vos atirar um ao outro. E sabem como? Deixo-vos fechados à chave nos vestiários, como por acidente,

ou empurro-vos para o mar dentro de um barco, qualquer coisa como isso.

- Boa noite - disse Miss Baker das escadas. - Não ouvi absolutamente nada.

- É boa rapariga - disse Tom, algum tempo depois. - Não deviam era deixá-la andar a correr o país desta maneira.

- Mas quem é que não devia? - perguntou Daisy friamente.

- A família dela.

- A família dela é uma tia com perto de mil anos de idade. E, de resto, o Nick vai tomar conta dela, não vai, Nick? Este

Verão, ela vai passar uma série de fins-de-semana connosco.

26

Penso que a nossa influência doméstica será muito benéfica para ela.

Por instantes, Daisy e Tom entreolharam-se em silêncio.

- Ela é de Nova Iorque? - perguntei prontamente.

- É de Louisville. Foi lá que, juntas, passámos a nossa imaculada adolescência. A nossa linda e imaculada...

- Então, estiveste a desabafar com o Nick na varanda? - perguntou Tom de repente.

- Eu? - olhou para mim. - Já não me lembro bem qual foi a conversa, mas creio que falámos sobre a raça nórdica. Sim, agora me recordo, foi exactamente sobre isso que estivemos a falar. O assunto como que trepou por nós acima e quando menos se esperava...

- Não acredite em tudo o que lhe disserem, Nick - aconselhou-me ele:

Eu disse-lhe, de ânimo leve, que não tinha ouvido absolutamente nada e alguns minutos depois levantei-me para me ir embora. Eles acompanharam-me à porta e ficaram, ao lado um do outro, num alegre quadrado de luz. Quando pus o carro a trabalhar, Daisy gritou peremptoriamente:

- Espere!

- Esqueci-me de lhe perguntar uma coisa importante. Ouvimos dizer que você estava comprometido com uma rapariga do Oeste.

- É verdade - corroborou Tom amavelmente. - Ouvimos dizer que estava comprometido.

- Isso é uma calúnia. Sou demasiado pobre.

- Mas foi o que nos disseram - insistiu Daisy, que me surpreendeu por voltar a abrir-se como uma flor. - Foram três pessoas a dizê-lo, por isso devser verdade.

Sabia, evidentemente, ao que se referiam, mas não estava minimamente comprometido com ninguém. O facto de as más-línguas terem publicado os banhos era uma das razões por que eu tinha vindo para o Leste.

Mas, se não cabe na cabeça de ninguém deixar de andar com uma velha amiga pelos boatos que, à volta disso circulam, também, por outro lado, eu não tinha intenção alguma de vir a casar por causa disso.

O interesse deles sensibilizou-me bastante e aos meus olhos tornou-os menos primariamente ricos - apesar disso, quando arranquei, ia confuso e um tanto repugnado. Parecia-me que a única coisa que Daisy tinha a fazer era sair rapidamente de casa com a criança nos braços - mas, ao que parecia, ela

não
tinha tais intenções. Quanto a Tom, o facto de ele ter uma
mulher qualquer em Nova Iorque era realmente menos
surpreendente do que o de ter ficado deprimido com a leitura
de um livro. Havia qualquer coisa que estava a fazê-lo
mordiscar a ponta de ideias já gastas, como se o seu vigoroso
egoísmo físico não conseguisse alimentar por mais tempo o
seu
coração peremptório.

O Verão ia já adiantado nos telhados das pousadas e em
frente das garagens à beira da estrada, onde, em poças de
luz,
se destacavam bombas de gasolina novas e vermelhas e, ao
chegar aos meus domínios em West Egg, dirigi o carro para
debaixo do telheiro e sentei-me um bocado em cima de um rolo
de cortar relva, que estava abandonado no pátio. O vento
tinha
amainado, dando lugar a uma noite clamorosa e brilhante,
com
asas a baterem nas árvores e um som persistente de órgão,
quando a terra, a plenos pulmões, soprava as rãs plenas de
vida. A silhueta de um gato em movimento vacilou através
do
luar e, ao virar a cabeça para a contemplar, verifiquei que
não estava só - a cinquenta pés de distância, da sombra da
mansão do meu vizinho, tinha surgido uma figura que, de pé
e
com as mãos nos bolsos, contemplava a cor de pimenta
prateada
das estrelas. Qualquer coisa no vagar com que se movia e
na
firmeza com que assentava os pés no relvado me dizia que
era o
senhor Gatsby em pessoa, que tinha vindo cá fora determinar
qual a parte que lhe cabia dos nossos céus locais.

28

Decidi chamá-lo. Miss Baker tinha-o mencionado ao jantar
e
era quanto bastava como apresentação. Só não o fiz porque,
de
repente, insinuou que estava contente por estar só -
estendeu
os braços para a água escura de um modo curioso e, longe
como
estava dele, podia ter jurado que estava a tremer.
Involuntariamente, olhei na direcção do mar, e nada mais
consegui distinguir que uma mera luz verde, minúscula e
longínqua, que bem podia ser a extremidade de uma doca.
Quando
voltei a olhar para o sítio onde estava Gatsby, já ele tinha
desaparecido e de novo me encontrava só na escuridão
turbulenta.

Capítulo II

A cerca de meio caminho entre West Egg e Nova Iorque, a auto-estrada liga-se rapidamente à via férrea e corre paralelamente a ela por um quarto de milha, até desaparecer de uma certa área de terra desolada. É um vale de cinzas - uma quinta fantástica, onde as cinzas crescem como trigo, formando leivas, montes e jardins grotescos; onde as cinzas assumem a forma de casas, de chaminés, de fumo a subir e, finalmente, com um esforço mais transcendente, de homens cor de cinza, que se movem indistintamente e já em desintegração pelo ar pulverulento. Ocasionalmente, uma fila de carros cinzentos rasteja ao longo de uma pista invisível, emite um chiar sinistro e pára e logo os homens cor de cinza pululam e, armados de pás de chumbo, levantam uma nuvem impenetrável, que esconde da vista alheia as suas operações obscuras.

Mas acima da terra cinzenta e dos espasmos de pó desabrigado pelo vento, que incessantemente flutuam sobre ela, percebem-se, passado algum tempo, os olhos do doutor T. J. Eckleburg. Os olhos do doutor T. J. Eckleburg são azuis e gigantescos - as suas retinas têm uma jarda de altura. Olham através, não de um rosto, mas antes de um par de óculos amarelos enormes, que assentam sobre um nariz inexistente. Foi, evidentemente, algum oculista charlatão que os pôs ali para engordar a sua clientela no município de Queens e que, posteriormente, se afundou na cegueira eterna ou se mudou e se esqueceu deles. Mas os seus olhos, um pouco turvados por muitos dias descoloridos passados ao sol e à chuva, continuam a cismar por sobre a solene lixeira.

30

O vale de cinzas é delimitado a um lado por um rio pequeno e poluído e quando a ponte móvel está levantada, para deixar passar as chatas, os passageiros dos comboios, que ali chegam a ficar meia hora à espera, têm todo esse tempo para contemplar a deprimente cena. Os comboios param sempre ali, pelo menos durante um minuto, e foi por isso que, pela primeira vez, vi a amante de Tom Buchanan.

O facto de ele ter uma amante vinha sempre à baila onde quer que o conhecessem. Os seus conhecidos queixavam-se de que ele

aparecia com ela em bares muito frequentados e a deixava sozinha numa mesa para andar de um lado para o outro, a cavaquear com quem quer que conhecesse. Embora tivesse curiosidade em vê-la, não tinha desejo algum de a conhecer

- mas conheci-a. Uma tarde fui com Tom para Nova Iorque, de comboio, e quando parámos junto dos montes de cinzas ele pôs-se de pé num pulo e, agarrando-me pelo cotovelo, forçou-me literalmente a sair da carruagem.

- Vamos sair - insistiu. - Quero que conheça a minha namorada.

Suspeito que tinha emborcado uma boa quantidade ao almoço e a sua determinação em ter-me como companhia atingia as raiais da violência. A arrogante presunção era que, num domingo à tarde, eu não tinha nada de mais divertido para fazer.

Segui-o ao longo da sebe da via férrea, baixa e caiada, e andámos para trás umas cem jardas, na estrada, sob o olhar fixo e persistente do doutor Eckleburg. O único edifício à vista era um pequeno bloco de tijolo amarelo, situado à beira da terra desolada, uma espécie de Rua Principal compacta a servi-la e contígua a absolutamente nada. Uma das três lojas que compreendia estava para alugar e uma outra era um restaurante aberto-toda-a-noite, cujo acesso era um trilho de cinzas; a terceira era uma garagem - Reparações George B. Wilson. Compra e venda de automóveis - eu entrei atrás de Tom.

31

O interior era desguarnecido e nada próspero; o único carro visível eram os destroços cobertos de pó de um Ford, que se agachavam a um canto sombrio. Estava eu a pensar que este fantasma de garagem podia ser um subterfúgio para esconder, lá em cima, sumptuosos e românticos apartamentos, quando o proprietário em pessoa apareceu à porta de um escritório, a limpar as mãos a um bocado de desperdícios. Era um homem loiro, apagado, anémico e vagamente vistoso. Quando nos viu, saltou-lhe aos olhos azuis claros um húmido raio de esperança.

- Olá, Wilson, meu velho - disse Tom, dando-lhe, jovialmente, uma palmada no ombro. - Então, como vai o negócio?

- Não posso queixar-me - respondeu Wilson sem convicção.
- E afinal, quando é que me vende o carro?
- Na próxima semana; já pus um homem a trabalhar nele.
- Trabalha muito devagar, não acha?
- Não, não é verdade - disse Tom friamente. - E se pensa assim, acho que é melhor eu ir vendê-lo a outro sítio qualquer.
- Não é isso o que eu quero dizer - apressou-se Wilson a explicar. - O que quero dizer é que...
A sua voz fraquejou e Tom deu uma vista de olhos à garagem, impaciente. A seguir ouvi passos nas escadas e, de repente, o vulto um tanto espesso de uma mulher bloqueou a luz que vinha da porta do escritório. Tinha para aí os seus trinta e cinco anos e era vagamente robusta, mas carregava a carne com sensualidade, como só algumas mulheres sabem fazer. O seu rosto, acima de um vestido de crepe-da-china azul-escuro às pintas, não tinha qualquer traço ou vestígio de beleza, mas havia nela uma vitalidade imediatamente perceptível, como se os nervos do seu corpo estivessem em contínua efervescência.

32

Sorriu calmamente e, passando pelo marido como se ele fosse um fantasma, apertou a mão a Tom, olhando-o directamente nos olhos. Depois humedeceu os lábios, e, sem se voltar, falou ao marido num tom de voz suave e áspero:
- Anda, vai buscar umas cadeiras para que as pessoas tenham onde se sentar.
- Tens razão, vou já! - concordou logo Wilson que se precipitou em direcção ao pequeno escritório, confundindo-se imediatamente com a cor de cimento das paredes. A poeira da cinza branca cobria-lhe o fato escuro e o cabelo claro, como cobria tudo na vizinhança - excepto a sua mulher, que se aproximou de Tom.
- Apetece-me estar contigo - disse Tom decididamente. - Apanha o próximo comboio.
- Está bem.
- Encontramo-nos ao pé da bancada dos jornais, no piso de baixo.
Ela assentiu e afastou-se dele no preciso momento em que George Wilson apareceu com duas cadeiras à porta do seu escritório.
Esperámos por ela ao fundo da estrada e sem sermos vistos. Faltava pouco para o 4 de Julho e uma criança italiana, cor

de
cinza e escanzelada, dispunha torpedos em fila ao longo dos
carris da via férrea.

- Que sítio horrível, este, não acha? - manifestou-se Tom,
trocando um olhar carrancudo com o doutor Eckleburg.

- Medonho.

- Faz-lhe bem sair daqui por um bocado.

- E o marido dela não se opõe?

- O Wilson? Julga que ela vai ver a irmã, que vive em Nova
Iorque. É tão estúpido que nem sabe que está vivo.

Assim, Tom Buchanan, a namorada e eu, fomos juntos para
Nova

Iorque - aliás, não fomos propriamente juntos, pois a
senhora

Wilson foi discretamente noutra carruagem. Tom evitava a
este

ponto ferir as susceptibilidades daqueles moradores de East
Egg que, por acaso, viajassem no mesmo comboio.

33

Ela tinha mudado de roupa e posto um vestido de musselina
castanho estampado, que lhe ficou bem justo nas ancas algo
largas, Quando Tom a ajudou a descer para a plataforma em
Nova

Iorque. Na bancada dos jornais comprou ela um número de Tom
Tattle e uma revista de cinema e no drugstore da estação(1)
um

creme amaciador da pele e um frasquinho de perfume. No piso
de

cima, no acesso para automóveis, de solene ressonância,
deixou

passar quatro táxis antes de escolher um, novo, cor de
lavanda

e com estofos cinzentos, e foi neste que nós deslizámos para
fora da massa da estação e que entrámos na luz do dia
incandescente. Mas logo a seguir, ela desviou-se
bruscamente

da janela e, inclinando-se para diante, bateu de leve nu
vidro

da frente.

- Quero comprar um cão daqueles - disse com seriedade.

-

Quero levar um para o apartamento. Sempre é bom ter... um
cão.

Fizemos marcha atrás e parámos junto de um velho de cabelo
grisalho, que fazia lembrar de um modo absurdo John D.
Rockefeller. Numa cesta que trazia pendurada ao pescoço
aninhavam-se uns doze cachorrinhos acabados de nascer, de
raça
indeterminada.

- De que raça são? - perguntou ansiosamente a senhora
Wilson, quando ele se aproximou da janela do táxi.

- De todas as raças. Qual é a raça que a senhora prefere?

- Gostava de ter um desses cães-polícias; não tem nenhum
dessa raça?

O homem espreitou para a cesta com um ar duvidoso, mergulhou a mão lá dentro e tirou um, a contorcer-se todo, que exibiu pelo cachão.

- Ess aí não tem nada de cão-polícia - disse Tom.

- Não, não é exactamente um cão-polícia - disse o homem com uma voz de desapontamento.

*1. Assin, nu original drogaria, farmácia (EUA). Drogaria que ao mesmo tempo vende também cosméticos, bebidas suaves e revistas. (N. da T.)

34

- Dá mais ar de ser um Airedale - passou-Lhe a mão pelo pêlo de arame castanho do dorso. - Olhe só para este pêlo. Isto é que é pêlo! Este cão nunca lhe vai dar problemas com constipações.

- Acho-o muito giro - disse, entusiasticamente, a senhora Wilson. - Quanto custa?

- Este cão? - olhou para ele, maravilhado. - Este cão fica-lhe em dez dólares.

O Airedale - havia, sem dúvida, nele qualquer coisa de Airedale, embora as patas fossem surpreendentemente brancas -

mudou de mãos e instalou-se no regaço da senhora Wilson, onde ela lhe afagou, em êxtase, o pêlo resistente a todas as intempéries.

- É menino ou menina? - perguntou ela delicadamente.

- Esse cão? Esse é um menino.

- É uma fêmea - disse Tom decisivamente. - Tome lá o dinheiro e vá comprar mais dez cães como este.

Fomos em direcção à Fifth Avenue, quente e calma, quase pastoral, na tarde de domingo de Verão. Não me espantaria nada

se visse um grande rebanho de ovelhas brancas a virar a esquina.

- Parem lá - disse eu. - Tenho de sair aqui.

- Não, não tem nada - interpôs Tom com prontidão. A Myrtle fica ofendida se não sobe até ao apartamento. Não ficas, Myrtle?

- Venha lá - instou ela. - Vou telefonar à minha irmã Catherine. As pessoas entendidas em assuntos de beleza dizem que ela é muito bonita.

- Bem, eu gostava de ir, mas...

Continuámos, voltando a cortar caminho pelo parque, em direcção a West Hundreds. Na 158th Street, o táxi parou numa fatia de um comprido bolo branco de prédios de apartamentos. Lançando em redor uma régia vista de olhos de regresso ao lar,

a senhora Wilson reuniu o cão e as outras compras que tinha feito e entrou com ares de importância.

35

- Vou dizer aos McKee que apareçam - anunciou ela enquanto subíamos no elevador. - E, é claro, vou dizer à minha irmã que venha também.

O apartamento era no último andar - tinha uma pequena sala de estar, uma pequena sala de jantar, um quarto de cama pequeno e uma casa de banho. A sala de estar abarrotava até às

portas de móveis estofados, decididamente muito grandes para

ela, de modo que andar por ali era tropeçar constantemente em

cenos de damas a baloiçarem-se nos jardins de Versailles.

O

único quadro existente era uma fotografia excessivamente ampliada, ao que parecia, de uma galinha acocorada sobre uma

rocha desfocada. Vista à distância, no entanto, a galinha resolvia-se num chapéu de plumas e a rocha no rosto de uma robusta senhora de idade que sorria para a sala. Vários números antigos do Tom Tattle estavam em cima da mesa à mistura com um exemplar de Simon Called Peter e algumas das revistas de pequenos escândalos da Broadway. A senhora Wilson

estava, primeiro que tudo, preocupada com o cão. Um rapaz do

elevador foi, contrariado, buscar uma caixa cheia de palha e

leite, a que, por iniciativa própria, juntou uma lata de biscoitos para cães, grandes e duros - um dos quais ficou a

decompor-se apaticamente, toda a tarde, no pires de leite.

Entretanto, Tom foi a um armário, que estava fechado à chave,

e trouxe de lá uma garrafa de uísque.

Embebedei-me, em toda a minha vida, duas vezes apenas e a

segunda foi precisamente nessa tarde; por isso, tudo o que então se passou permanece envolto num matiz enevoado e sombrio, muito embora depois das oito horas o apartamento continuasse inundado de alegre sol. Sentada no colo de Tom,

a

senhora Wilson convidou várias pessoas pelo telefone;

depois,

como já não havia cigarros, saí para os comprar no drugstore da esquina. Quando voltei, tinham ambos desaparecido e, assim,

sentei-me discretamente na sala de estar a ler um capítulo de

Simon Called Peter - ou o assunto era, de facto, pavoroso,

ou era o uísque que distorcia as coisas, porque nada daquilo fazia sentido para mim.

No mesmo momento em que Tom e Myrtle (depois do primeiro copo, a senhora Wilson e eu passámos a tratar-nos pelos nomes próprios) voltaram a aparecer, começavam as visitas a chegar à porta do apartamento.

A irmã dela, Catherine, era uma rapariga esguia e mundana à volta dos trinta, de cabelo ruivo cortado, farto e viscoso, e uma compleição branca de pó-de-arroz. Tinha as sobrancelhas depiladas e desenhadas por cima a um ângulo mais audacioso, mas os esforços da natureza tendentes à reposição do antigo alinhamento conferiam ao seu rosto uma aparência indefinida.

Quando se deslocava de um lado para o outro, ouvia-se o tilintar incessante das inúmeras pulseiras de cerâmica que lhe

ornavam os braços, em andamento concordante com o do seu corpo. Entrou com aquela ligeireza tão característica dos proprietários e olhou para o mobiliário em volta de um modo tão possessivo, que perguntei a mim mesmo se não seria aqui que ela morava. Mas quando lhe pus a questão, desatou a rir imoderadamente, repetiu a minha pergunta em voz alta e informou-me que vivia num hotel com uma amiga.

O senhor McKee era um homem pálido e efeminado, que morava no andar de baixo. Acabara, decerto, de se barbear, pois trazia na maçã do rosto uma mancha branca de espuma de sabão, e cumprimentou todas as pessoas que estavam na sala da maneira

mais deferente. Imediatamente me fez saber que estava no negócio das artes e mais tarde concluí que era fotógrafo e

autor, ele próprio, da confusa ampliação da mãe da senhora Wilson, que pendia da parede como um ectoplasma. A mulher dele

era esganiçada, lânguida, bem parecida e horrível.

Contou-me

com orgulho que desde que eram casados o marido a tinha fotografado cento e vinte e sete vezes.

A senhora Wilson tinha mudado de traje havia algum tempo e

envergava agora um vestido de passeio muito trabalhado, de

chiffon creme, que produzia um contínuo frufu quando ela se

agitava de um lado para o outro da sala. Por influência da nova indumentária, também a sua personalidade tinha sofrido uma alteração: a enorme vitalidade, que na garagem tão notória

tinha tido, convertera-se em impressionante hauteur⁽¹⁾. O seu

riso, os seus gestos, as suas afirmações, tornavam-se, momento após momento, mais violentamente afectados e à medida que se expandia mais acanhado se tornava o espaço à sua volta, ao ponto de deixar crer que se revolia sobre um eixo de ruído estridente, através do ar enfumado.

- Minha querida - dirigiu-se à irmã, num brado agudo e ufano

-, a maior parte destes tipos o que querem é enganar-te. Não

pensam em mais nada senão no dinheiro. Ainda a semana passada

cá veio uma mulher para me arranjar os pés, e quando me apresentou a conta até parecia que me tinha tirado o apêndice!

- Como é que a mulher se chamava? - perguntou a senhora McKee.

- Senhora Eberhardt. Anda pelas casas das pessoas a arranjar os pés.

- Gosto muito do seu vestido - observou a senhora McKee.

-

Acho-o mesmo encantador.

A senhora Wilson rejeitou o elogio erguendo a sobrancelha em

sinal de desdém:

- Não passa de um trapo velho - disse ela. - Só o enfio quando não estou para me preocupar com as aparências.

- Mas fica-lhe mesmo a matar, se é que me faço entender

-

teimou a senhora McKee. - Se aqui o Chester conseguisse ao menos apanhá-la nessa pose, julgo que faria uma bela obra.

Olhámos todos em silêncio para a senhora Wilson, que afastou

dos olhos uma madeixa de cabelo e nos devolveu o olhar, fazendo-o acompanhar de um radioso sorriso.

*1. Em francês e itálico, no original. Altivez. (N. da T.)

O senhor McKee considerou-a atentamente de cabeça inclinada

para o lado e depois moveu a mão, lentamente, para trás e para

diante, em frente do rosto dela.

- Mas para isso tinha de alterar a iluminação - disse ele passado um instante. - Gostava de fazer sobressair os contornos das feições. E de apanhar todo esse cabelo da nuca.

- Cá por mim, deixava a luz como está - exclamou a senhora McKee. - Acho que é...

O marido fez-lhe psiu e todos nós voltámos a olhar para

O
objecto, ao que Tom Buchanan bocejou audivelmente e se pôs
em
pé.

- Vocês, Mckees, bebam qualquer coisa. Myrtle, vai buscar
mais gelo e água mineral, antes que toda a gente adormeça.

- Já tinha dito àquele rapaz que trouxesse o gelo... -
Myrtle ergueu as sobrancelhas em sinal de desespero pela
indolência das classes inferiores. - Mas que gente esta!
É

preciso andar sempre em cima deles.

Olhou para mim e riu-se a despropósito. Depois atirou-se
ao

cão, beijou-o em êxtase e precipitou-se para a cozinha,
implicando com este gesto que uma dúzia de chefes aguardava
ali as suas ordens.

- Tenho feito umas coisas bem bonitas em Long Island -
confessou o senhor Mckee.

Tom olhou-o inexpressivamente.

- Duas delas temos nós emolduradas lá em baixo.

- Mas duas quê? - perguntou Tom.

- Dois estudos. A um deles dei o nome de Montauk I'oint

- As

Gaivotas, e ao outro chamei Montauk I'oint - O Mar.

A irmã Catherine sentou-se no sofá, ao meu lado.

- Também vive lá em baixo, em Long Island? - inquiriu.

- Vivo em West Egg.

- De verdade? Estive lá numa festa há cerca de um mês.

Em

casa de um sujeito chamado Gatsby. Você conhece-o?

39

- Moro mesmo ao lado dele.

- Bomt, dizem que ele é sobrinho ou primo do imperador
Wilhelm e que é daí que lhe vem aquele dinheiro todo.

- A sério?

Ela assentiu.

- Tenho-Lhe cá um medo! Não gostava mesmo nada que ele
me
apanhasse distraída.

Esta absorvente informação acerca do meu vizinho foi
interrompida pelo súbito gesto de apontar da senhora Mckee
para Catherine:

- Ó Chester, não achas que podias fazer alguma coisa de
jeito com ela,? - disparou, mas o senhor Mckee mais não fez
que anuir com enfado, para logo voltar a sua atenção para
Tom.

- Gostava de fazer mais trabalho em Long Island, se
obtivesse licença para lá entrar. Só preciso que me dêem
a
possibilidade de arrancar.

- Meta uma cunha à Myrtle - disse Tom, rompendo numa breve
gargalhada, no momento em que a senhora Wilson entrava de
bandeja na mão. - Peça à Myrtle, que ela passa-lhe logo uma
carta de recomendação, não é verdade, Myrtle?

- Que é que eu faço? - perguntou ela, sobressaltada.
- Passas ao Mckee uma carta de recomendação para o teu marido, para que o Mckee possa fazer uns estudos fotográficos com ele. - Os seus lábios moveram-se silenciosamente por um instante, enquanto inventava: - George B. Wilson à Bomba de Gasolina - ou qualquer coisa no género.
Catherine inclinou-se muito para mim e segredou-me ao ouvido:
- Nenhum deles consegue suportar a pessoa com quem está casado.
- Ai não?
- Não os suportam - olhou para Myrtle e depois para Tom.

40

- Só pergunto o que é que os leva a viver com eles, se não os suportam? No lugar deles, eu pedia o divórcio e tratava imediatamente de casar com o outro.
- Mas ela também não gosta do Wilson?
Desta vez, a resposta foi inesperada. Veio da própria Myrtle, que casualmente tinha ouvido a pergunta, e foi violenta e obscena.
- É como vê! - exclamou Catherine, triunfante. Voltou a baixar a voz:
- É, de facto, a mulher dele quem os mantém separados. Ela é católica e, como sabe, os católicos não acreditam no divórcio.
Na realidade, Daisy não era católica, e eu fiquei um pouco chocado com o requinte da mentira.
- Quando eles, finalmente, se casarem - continuou Catherine
-, vão viver uns tempos para o Oeste, até a tempestade passar.
- Não seria mais discreto irem para a Europa?
- Não me diga que gosta da Europa! - exclamou ela com surpresa. - Eu estive há pouco tempo em Monte Carlo.
- Estou a ver.
- Mais precisamente, o ano passado. Fui lá com uma amiga minha.
- E ficaram lá muito tempo?
- Não, fomos só a Monte Carlo e voltámos. Fomos por Marseille. Tínhamos para cima de mil e duzentos dólares quando partimos, mas em apenas dois dias ficámos sem cheta, limparam-nos tudo na batota. Vimo-nos aflitas para voltar, garanto-lhe. Meu Deus, como eu fiquei a detestar aquela terra!
O céu de fim de tarde desabrochou por instantes na janela, como o mel azul do Mediterrâneo - depois, a voz esganiçada da senhora Mckee chamou-me de novo à sala:

- Também eu estive prestes a cometer um erro - declarou vigorosamente. - Estive quase para casar com um labregozito que andava há anos atrás de mim. E eu sabia perfeitamente que ele não tinha categoria para mim.

41

Toda a gente tentava demover-me: Lucille, esse homem está muito abaixo de ti! Mas se não me tivesse aparecido o Chester,

era certo e sabido que ele me tinha levado na curva!

- Acredito, mas escute - disse Myrtle Wilson, sacudindo a cabeça para cima e para baixo -, ao menos a senhora não se casou com ele.

- Eu sei que não...

- Pois, é que eu casei! - disse Myrtle, ambigualmente. - É só essa a diferença entre o seu caso e o meu...

- E por que carga de água o fizeste, Myrtle? - perguntou Catherine. - Ninguém te obrigou!

Myrtle considerou a questão.

- Casei com ele porque julguei que era um cavalheiro - disse

por fim. - Julguei que tivesse uns certos princípios, mas afinal não servia nem para me lambar os pés.

- Mas andaste bem louca por ele durante algum tempo! - disse Catherine.

- Louca por ele! - exclamou Myrtle, incrédula. Depois, indignada: - Quem te disse a ti que eu andei louca por ele? Nunca estive mais louca por ele do que por aquele sujeito além.

Apontou de repente para mim, e toda a gente me olhou acusadoramente. Tentei mostrar com a expressão que fiz que não esperava o favor de ninguém.

- Fui louca, fui, mas só quando me casei com ele. Fiquei logo a saber que tinha feito asneira. Imaginem que pedi a não

sei quem que lhe emprestasse o melhor fato que tinha para o

vestir no dia do casamento e nunca teve a coragem de mo contar; até que um dia, tinha ele saído, quando o homem apareceu para o levar: "Oh, mas aquele fato é seu?", perguntei-lhe. "Garanto-lhe que é a primeira vez que oiço dizer tal coisa." Devolvi-lhe o fato e deitei-me na cama a

chorar toda a tarde como um cabrito desmamado.

42

- Ela devia realmente separar-se dele - recomeçou Catherine

para mim. - Há já onze anos que eles vivem por cima daquela garagem, e o Tom é o primeiro amor da vida dela.

A garrafa de uísque - a segunda - era agora alvo de constante procura por parte de todos os presentes, excepto de

Catherine, que, dizia ela, se sentia tão bem como os outros sem tomar nada. Tom tocou a sineta para chamar o porteiro e

mandou-o ir buscar umas célebres sanduíches que eram só por si

um jantar completo. Eu queria sair e andar a pé para leste, em

direcção ao parque, pelo suave crepúsculo, mas de cada vez que

tentei fazê-lo, vi-me enredado em qualquer discussão insensata

e estridente, que me empurrava de novo, como se amarrado por

cordas, para a cadeira. E, no entanto, a nossa enfiada de janelas doiradas, bem acima da cidade, devia estar a contribuir com a sua quota-parte de mistério humano para o

transeunte que por acaso as observasse da rua ao cair da noite, e eu já o via a olhar para cima e a espantar-se. Eu estava dentro e fora, simultaneamente encantado e repellido pela inesgotável variedade da vida.

Myrtle puxou a respectiva cadeira para junto da minha e de

repente o seu hálito quente derramou sobre mim a história do

seu primeiro encontro com Tom.

- Foi naqueles dois pequenos assentos, em frente um do outro, que são sempre os últimos a vagar no comboio. Vinha eu

a Nova Iorque para ver a minha irmã e passar a noite com ela.

Ele estava de fato de cerimónia e sapatos de couro envernizado, e eu não conseguia tirar os olhos dele, mas de

cada vez que ele olhava para mim eu tinha de fingir que estava

a olhar para um anúncio mesmo por cima da sua cabeça. Quando chegámos à estação, ele pôs-se ao meu lado, com a parte da frente da camisa branca a exercer pressão sobre o meu braço, e

ameacei-o de que chamava um polícia, mas ele já sabia que eu

estava a mentir. Estava de tal forma excitada que quando nos

metemos num táxi mal me apercebi de que não era no metro que

eu estava a entrar!

"A vida são dois dias! A vida são dois dias!"
Virou-se para a senhora Mckee e a sala ressoou em pleno com o seu riso artificial:
- Minha cara - exclamou -, vou dar-lhe este vestido assim que estiver farta dele. Tenho de comprar outro amanhã. Vou fazer uma lista de todas as coisas que preciso de fazer. Uma massagem e uma permanente ao cabelo, e comprar uma coleira para o cão, um desses cinzeiros pequenos, muito engraçados, de carregar na mola, e uma coroa com laço de seda preta para a sepultura da minha mãe, que dure o Verão inteiro. Tenho de escrever tudo num papel, não vá eu esquecer-me de alguma das coisas que preciso de fazer.
Eram nove horas da noite - e quando, quase imediatamente a seguir, olhei para o relógio, verifiquei que já eram dez. O senhor Mckee tinha adormecido numa cadeira, com os punhos fechados no colo, como uma fotografia de um homem de acção. Tirei o lenço do bolso e limpei-lhe da cara a mancha de sabão seco que toda a tarde me tinha afligido.
O cãozito estava sentado em cima da mesa a olhar como cego através do fumo e de vez em quando gania debilmente. As pessoas desapareciam e voltavam a aparecer, faziam planos para irem a qualquer sítio e logo se perdiam umas das outras, procuravam-se umas às outras e de repente encontravam-se a alguns pés de distância. Já perto da meia-noite, Tom Buchanan e a senhora Wilson estavam frente a frente, de pé, a discutir apaixonadamente se ela tinha ou não algum direito de mencionar o nome de Daisy.
- Daisy! Daisy! Daisy! - gritou a senhora Wilson. - Hei-de dizê-lo quantas vezes eu quiser! Daisy! Dai...
Com um gesto curto e ágil, Tom Buchanan deu-lhe uma palmada em cheio no nariz.

Logo a seguir, eram toalhas ensanguentadas pelo chão da casa de banho, vozes de mulheres a protestar e, dominando a confusão, um prolongado e entrecortado grito de dor. O senhor Mckee acordou da sua soneca e, ainda entorpecido, encaminhou-se para a porta. Ao chegar a meio do caminho, voltou-se para trás e assistiu ao espectáculo - a sua mulher e Catherine a vociferarem e consolarem ao mesmo tempo, nas

suas
idas e vindas com material de primeiros-socorros, aos
tropeções por entre os móveis atravancados; e aquela figura
de
desespero, deitado no sofá, a sangrar abundantemente e a
tentar desdobrar um exemplar do Ton Tattle sobre o estofado
com
cenas de Versailles! Então, o senhor McKee rodou sobre os
calcanhares e continuou o caminho para a porta. Tirei o
chapéu
do candelabro e segui-o.
- Venha almoçar comigo um dia destes - alvitrou ele ao
descermos, a resmungar, no elevador.
- E onde?
- Num sítio qualquer.
- Tire as mãos da alavanca - resmungou o ascensorista.
- Peço desculpa! - disse, o senhor McKee com dignidade.
-
Não reparei que estava a tocar nela.
- Está bem - disse eu. - Terei muito prazer em
acompanhá-lo.

Eu estava de pé, ao lado da cama dele, e ele sentado entre
os lençóis, em roupa interior, com uma grande pasta de
fotografias nas mãos:
- A Bela e o Monstro... Solidão... Velho Cavalo de
Transporte de Mantimentos... Ponte de Brooklin..., A seguir
estava eu deitado num banco, já meio adormecido, no frio
pisotão
inferior da Pennsylvania Station, de olhos cravados no
Tribune
da manhã, à espera do comboio das quatro horas.

Capítulo III

Durante aquele Verão, todas as noites houve música em
casa do meu vizinho. No azul dos seus jardins, homens e
raparigas andavam para cá e para lá como borboletas, por
entre
o sussurro das conversas, o champanhe e as estrelas. À
tarde,
à hora da maré cheia, eu ficava a observar os seus convidados
a mergulharem da torre da sua jangada ou a apanharem sol
na
areia quente da sua praia privativa, enquanto os seus dois
barcos a motor cortavam as águas do Sound, rebocando esquis
aquáticos por cima de cataratas de espuma. Aos
fins-de-semana,
o seu Rolls Royce transformava-se num autêntico autocarro,
transportando ranchos de pessoas de e para a cidade, entre
as
nove da manhã e bem depois da meia-noite, enquanto a sua
station amarela andava numa roda-viva, ágil como um

besouro,
para ir esperar todos os comboios que chegavam. E às
segundas-feiras, oito serviçais, incluindo um jardineiro
supra-extranumerário, labutavam o dia inteiro com
lambazes,
escovas de esfrega, martelos e tesouras de podar, reparando
os
estragos da noite anterior.

Todas as sextas-feiras chegavam, de um vendedor de fruta
de
Nova Iorque, cinco grades de laranjas e limões - e todas
as
segundas-feiras estas mesmas laranjas e limões deixavam a
porta das traseiras da sua casa numa pirâmide de meias
cascas
sem polpa. Havia na cozinha uma máquina que em meia hora
consequia extrair o sumo de duzentas laranjas, bastando
para
isso que o polegar de um mordomo premisse duzentas vezes
um
pequeno botão.

Pelo menos de quinze em quinze dias vinha cá abaixo uma
brigada de fornecedores com várias centenas de pés de lona
e
lâmpadas eléctricas de cor, suficientes para fazer do
enorme
jardim de Gatsby uma árvore de Natal.

46

Por sobre as mesas de bufete, decoradas com excelentes
hors-d'oeuvre, presuntos curados e especiarias amontoavam-se
ao
lado de saladas com desenhos de arlequins, porquinhos de
pastelaria e perus enfeitados pela cor de oiro-escuro do
forno. No hall principal estava montado um bar com uma base
de
apoio em latão autêntico, bem fornecido de genebras e
uísques
e de cordiais há tanto tempo esquecidos, que a maioria das
suas convidadas eram demasiado novas para distinguir uns
dos
outros.

Por volta das sete horas chegou a orquestra, que não era
propriamente um reles quinteto, mas uma completa orquestra
de
teatro com oboés, trombones, saxofones, violas, cornetas
e
piccolos(1), e tambores graves e agudos. Us últimos
nadadores
chegaram agora da praia e estão a vestir-se lá em cima; os
carros vindos de Nova Iorque estão estacionados cinco a
cinco
ao fundo do parque, e os halls, os salões e as varandas já
ostentam cores primárias, esquisitos penteados ao último
grito

da moda e xales que superam os sonhos de Castela. O bar já está em plena actividade e rodadas flutuantes de cocktails atravessam o jardim, até que o ar se enche de falatórios e risos, de insinuações casuais e de apresentações logo ali esquecidas, e de encontros entusiásticos entre mulheres que nem sequer sabem os respectivos nomes.

As luzes tornam-se mais vivas à medida que a terra, ociosamente, se furta ao sol, e agora a orquestra está a tocar música lânguida de cocktail e a ópera das vozes sobe de um tom. De minuto a minuto o riso é mais fácil, expande-se com prodigalidade, derrama-se ao primeiro dito espirituoso. Os grupos mudam mais rapidamente, avolumam-se com a chegada de novas pessoas, dissolvem-se e voltam a formar-se num só fôlego; já começa a haver raparigas confiantes que deambulam, se meneiam por aqui e por acolá,

*1. Flautins, flautas pequenas. (N. da T.)

47

entre os mais robustos e mais estáveis, se tornam, por precisos e alegres instantes, o centro de um grupo, e que depois, excitadas de triunfo, continuam a deslizar por entre o tumulto de rostos, vozes e cores, sob a luz em constante mutação.

De repente, uma destas ciganas, em trémula opala, agarra um cocktail no ar, bebe-o de um só trago para ganhar coragem e, movendo as mãos como o bailarino Joe Frisco, põe-se a dançar sozinha na plataforma forrada de lona. Há um silêncio momentâneo; o chefe da orquestra altera o seu ritmo obsequiosamente para ela, e há uma explosão de vozearia quando circula a errónea notícia de que ela é a substituta de Gilga Gray, das Follies. Começou a festa.

Creio que na primeira noite que fui a casa de Gatsby eu era um dos poucos presentes que realmente tinham sido convidados.

A maior parte das pessoas não eram convidadas - iam lá. Metiam-se em automóveis que as levavam até Long Island e de uma forma ou de outra acabavam sempre por ir parar à porta de

Gatsby. Uma vez ali, eram apresentadas por alguém que conhecia

Gatsby e daí para a frente conduziam-se de acordo com as regras de comportamento próprias de um parque de diversões. Por vezes vinham e iam sem sequer terem visto Gatsby; vinham

para a festa com a simplicidade de coração que era o seu próprio bilhete de entrada.

Mas eu tinha sido realmente convidado. Um motorista de uniforme azul de ovo de pisco atravessou o meu relvado naquele

sábado de manhã cedo, com uma nota surpreendentemente formal

do respectivo patrão: a honra seria inteiramente de Gatsby, dizia, se eu quisesse comparecer naquela mesma noite à sua pequena festa. Tinha-me visto já por várias vezes e há muito tempo que tencionava visitar-me, mas uma combinação peculiar

de circunstâncias tinha-o impedido disso - assinada Jay Gatsby, em majestosa caligrafia.

48

Trajando a preceito um fato de flanela de lã branca, pus-me

a caminho dos seus domínios um pouco depois das sete e andei por ali às voltas, deveras embaraçado, entre refluxos e remoinhos de gente que não conhecia - embora aqui e acolá deparasse com uma ou outra cara que já me eram familiares do

comboio suburbano. Fiquei imediatamente impressionado com o

número de jovens ingleses que se espalhavam à volta, todos eles bem vestidos, todos eles com o mesmo ar semiesfomeado e

todos eles a falarem em voz baixa e grave com americanos sólidos e prósperos. Tinha a certeza de que estavam a vender qualquer coisa: ou eram títulos, ou seguros, ou automóveis. Estavam pelo menos agonizantemente cientes do dinheiro fácil

que existia na vizinhança e convencidos de que, em troca de

algumas palavras proferidas no tom adequado ao momento, esse

dinheiro lhes pertenceria.

Assim que cheguei, fiz uma tentativa para encontrar o meu anfitrião, mas as duas ou três pessoas a quem perguntei pelo seu paradeiro fitaram-me de tal modo atónitas e negaram com tal veemência ter qualquer ideia dos seus movimentos, que me

escapuli em direcção à mesa dos cocktails - o único sítio do

jardim onde um celibatário como eu podia demorar-se sem parecer abandonado e sem objectivo.

Estava eu a caminho de ficar completamente bêbedo de puro embaraço, quando Jordan Baker saiu de dentro de casa e parou no topo das escadas de mármore, ligeiramente inclinada para trás, a olhar com desdenhoso interesse para o jardim.

Oportuno ou não, achei conveniente associar-me a alguém, antes que começasse a dirigir cordiais observações aos que por

mim passassem.

- Olá! - rui ao mesmo tempo que avançava para ela. A minha voz soou-me anormalmente alta através do jardim.

- Admiti que você cá estivesse - replicou ela distraidamente, enquanto eu subia. - Lembrei-me que você vivia mesmo ao lado de...

49

Segurou-me na mão de um modo impessoal, como que a prometer que dentro de um minuto tomaria conta de mim, e prestou atenção a duas raparigas de vestidos amarelos iguais, que pararam ao fundo das escadas.

- Olá - exclamaram ao mesmo tempo. - Lamentamos que não tenha ganho.

Referiam-se ao torneio de golfe. Ela tinha perdido nas finais da semana anterior.

- Você não sabe quem nós somos - disse uma das raparigas de amarelo -, mas vimo-la aqui mesmo há cerca de um mês.

- É que, entretanto, vocês pintaram o cabelo! - observou Jordan, e eu apanhei um susto, mas as raparigas tinham continuado a andar, naturalmente, e a sua observação dirigiu-se, afinal, à lua prematura, nascida, sem dúvida, como

a ceia, do cesto de um fornecedor. Com o esguio e dourado braço de Jordan pousado no meu, descemos os degraus e errámos

pelo jardim. Uma bandeja de cocktails flutuou em direcção a

nós através do crepúsculo e sentámo-nos a uma mesa com as duas

raparigas de amarelo e três homens, que se apresentaram todos

como senhor Mumble⁽¹⁾.

- Vem muitas vezes a estas festas? - perguntou Jordan à rapariga que estava ao seu lado.

- A última vez que cá vim foi aquela em que a conheci - respondeu a rapariga numa voz alerta e segura de si. Voltou-se

para a companheira: - Não foi também essa a última vez que cá

estiveste, Lucille?

Para Lucille também tinha sido.

- Gosto de cá vir - disse Lucille. - Não tenho de me preocupar com o que faço e por isso divirto-me sempre. Da última vez que cá estive, rasguei o vestido numa cadeira e ele

pediu-me o nome e a morada.

*1. Enquanto verbo, a palavra mumble significa resmungar por entre os dentes. (N. da T.)

No espaço de uma semana recebi uma encomenda do Croisiers com

um vestido de baile novo lá dentro.

- E ficou com ele? - perguntou Jordan.

- Claro que sim. Estava para o trazer esta noite, mas fica-me demasiado grande no peito e tem de ser apertado. É

azul-grisé com pintas cor de lavanda. Duzentos e sessenta e

cinco dólares, foi quanto ele custou.

- Há qualquer coisa de estranho num tipo que faz uma coisa destas - disse ardentemente a outra rapariga. - Ele não quer complicações seja com quem for.

- Mas quem? - perguntei eu.

- Gatsby. Houve alguém que me disse...

As duas raparigas e Jordan inclinaram-se ao mesmo tempo numa

atitude confidencial.

- Houve alguém que me disse que se suspeitava que ele tinha matado um homem, em tempos.

Um calafrio atravessou-nos. Os três senhores Mumble curvaram-se para diante, avidamente à escuta.

- Parece-me que não é bem isso - questionou Lucille com cepticismo. - Tem mais a ver com o facto de ele ter sido espião da Alemanha durante a guerra.

Um dos homens acenou a cabeça em confirmação.

- Foi o que eu ouvi dizer a um indivíduo que o conhece perfeitamente, que foi criado juntamente com ele na Alemanha -

assegurou-nos terminantemente.

- Oh, não - disse a primeira rapariga -, isso é impossível, porque durante a guerra serviu ele no exército americano.

- E

como a nossa credulidade voltasse a concentrar-se nela, inclinou-se ainda mais para a frente, plena de entusiasmo:

-

Experimentem olhar para ele quando ele não notar que estão a

observá-lo. Seria capaz de apostar que já matou alguém.

Contraíu os olhos e estremeceu. Lucille estremeceu.

Voltámo-nos todos e olhámos em redor à procura de Gatsby.

Testemunho da especulação romântica que ele inspirava era o

facto de que, mesmo aqueles que pouco encontravam neste mundo

que fosse digno de censura, murmuravam a seu respeito.

A primeira ceia - outra viria, depois da meia-noite - estava

agora a ser servida e Jordan convidou-me a juntarme ao seu grupo, espalhado à volta de uma mesa no outro lado do jardim. Havia três casais e o "escolta" de Jordan, um persistente estudante universitário dado a insinuações violentas e obviamente sob a impressão de que, mais cedo ou mais tarde, Jordan acabaria por se render a ele em maior ou menor grau. Em

vez de se dispersar, este grupo tinha preservado uma digna homogeneidade e chamado a si próprio a função de representar a

circumspecta nobreza rural - era East Egg a condescender com

West Egg e cuidadosamente em guarda contra a sua fantástica jovialidade.

- Vamo-nos embora - segredou Jordan, passada uma meia hora de certo modo desperdiçada e inconveniente; - isto é requintado demais para o meu gosto.

Levantámo-nos e ela explicou que íamos procurar o dono da

casa: que eu nunca lhe tinha sido apresentado, disse ela, e

por isso não me sentia à vontade. O estudante universitário acenou a cabeça numa atitude de cínica melancolia.

O bar, para onde primeiro espreitámos, estava à cunha, mas

Gatsby não estava lá. Ela não conseguiu descobri-lo do cimo da

escadaria e na varanda também não estava. Ao acaso, abrimos uma porta de aspecto imponente e entrámos numa biblioteca do

gótico superior, apainelada de carvalho inglês entalhado e

provavelmente trazida em bloco de alguma ruína económica de

além-mar.

Um sujeito corpulento, de meia-idade, com uns óculos tão grandes que parecia uma coruja, e um tanto ou quanto embriagado, estava sentado na borda de uma mesa enorme, a contemplar com incerta concentração as prateleiras cheias de

livros. Assim que entrámos, rodou sobre si mesmo com ar excitado e examinou Jordan da cabeça aos pés.

- Que acham? - perguntou impiedosamente.

52

- De quê?

Abanou a mão na direcção das estantes.

- De tudo aquilo! Mas vocês não precisam de se dar ao incómodo de verificar. Eu já tratei disso. São reais!

- Os livros?

Fez que sim com a cabeça.

- Absolutamente reais, têm páginas e tudo. Pensei que fossem

só lombadas de cartão a fazer de livros, bonitas e duradoiras.

Mas, na verdade, são absolutamente reais. Páginas e...
Estão
aqui! Eu já lhes mostro.

Dando como provado o nosso cepticismo, precipitou-se para as
estantes e voltou com o volume primeiro das Stoddard
Lectures.

- Ora vejam! - exclamou, triunfante. - É um genuíno
fragmento de matéria impressa! Fui enganado! Este tipo é
um

Belasco⁽¹⁾ chapado. Um triunfo! Mas que perfeição! Que
realismo! E sabia onde devia parar e tudo... nem as folhas
abriu! Mas, afinal, que é que desejam? por que esperam?

Arrebatou-me o livro das mãos e apressou-se a repô-lo na
prateleira, resmungando que, se lhe tirassem um tijolo, a
biblioteca em peso ficava logo sujeita a vir abaixo.

- Com quem vieram? - perguntou. - Ou vieram simplesmente?
A

mim, trouxeram-me. A maior parte das pessoas vêm porque as
trazem.

Jordan olhou para ele, atenta e prazenteira, mas não
respondeu.

- Vim com uma senhora de apelido Roosevelt - continuou.
- A

senhora Claud Roosevelt. Conhecem-na? Conheci-a algures a
noite passada. Ando bêbedo há quase uma semana e pensei que
talvez me fizesse bem estar sentado numa biblioteca.

- E sente-se melhor?

- Acho que estou um bocadinho melhor. Mas ainda é cedo
para
afirmar.

*1. Belasco, David (1853-1931), autor e produtor teatral
americano. (N. da T.)

Só cá estou há uma hora. Já lhes falei sobre os livros? São
reais. São...

- Já nos disse.

Demos-lhe um grave aperto de mão e voltámos para o ar
livre.

Dançava-se agora na plataforma do jardim; alguns velhos
empurravam raparigas para trás, em eternos círculos sem
graça,

outros pares, superiores, dançavam tortuosamente, ao
estilo da

moda, mantendo-se sempre nos cantos - e um grande número
de

raparigas individualistas dançavam sozinhas ou aliviavam
por

momentos a orquestra do fardo do banjo ou dos instrumentos
de

percussão, tocando-os elas. Por volta da meia-noite, a
hilaridade geral tinha aumentado. Um tenor célebre tinha

cantado em italiano e uma notória contralto entoara o seu excerto de jazz, e nos intervalos dos números havia pessoas a fazer habilidades pelo jardim, enquanto alegres e ocas explosões de gargalhadas se erguiam para o céu de Verão. Um par de actrizes gémeas, que mais não eram que as raparigas de amarelo, excutaram um número de bebés em vestes adequadas, e o champanhe foi servido em taças maiores que lava-dedos. A Lua já ia mais alta e no Sound flutuava um triângulo de lágrimas de prata que parecia estremecer levemente às duras vibrações de lata dos banjos sobre a relva.

Eu continuava acompanhado de Jordan Baker. Estávamos sentados numa mesa com um sujeito mais ou menos da minha idade e uma rapariguita estarola que, à mínima provocação, desatava numa gargalhada incontrolável. Agora estava a divertir-me de verdade. Já tinha bebido duas taças de champanhe e, aos meus olhos, a cena transformara-se em algo de significativo, elementar e profundo.

Em dado momento de intervalo do espectáculo, o dito sujeito olhou para mim e sorriu-se.

- A sua cara não me é estranha - disse cortesmente. - Não fez parte da Primeira Divisão durante a guerra?

54

- Realmente, fiz. Era de Infantaria 28.
- E eu estive na 16, até Junho de 1918. Bem me parecia que já o tinha visto em qualquer parte.

Conversámos durante algum tempo acerca de certas aldeolas húmidas e sombrias de França. Era óbvio que vivia nas redondezas, pois disse-me que tinha acabado de comprar um hidroplano e que ia experimentá-lo logo de manhã.

- Quer ir comigo, meu velho? É só até perto da costa, ao longo do Sound.

- A que horas?

- À hora que mais lhe convier.

Ia eu mesmo a perguntar-lhe como se chamava, quando Jordan olhou em volta e sorriu.

- Então, está mais divertido agora? - perguntou.

- Muito mais. - Voltei-me de novo para o meu recém-conhecido: - Esta festa é um bocado estranha para mim. Ainda nem sequer vi o dono da casa. Moro já ali... - assinalei

com a mão a cerca, invisível à distância -, e este tal Gatsby mandou lá o motorista com um convite para mim.

Olhou-me durante um momento como se não percebesse, e de repente disse:

- O Gatsby sou eu.

- Não me diga! - exclamei. - Oh! Peço-lhe imensa desculpa!

- Pensei que você já sabia, meu velho. Receio não ser lá muito bom anfitrião.

Sorriu compreensivamente - ou muito mais do que isso. Era um

desses raros sorrisos que têm o dom de restabelecer incessantemente a confiança nos outros, como só encontramos quatro ou cinco vezes na vida. Um sorriso que por um instante enfrentava - ou parecia enfrentar - toda a eternidade e que depois se concentrava em nós com um irresistível preconceito a

nosso favor. Que nos entendia só até ao ponto em que queríamos

ser entendidos, que acreditava em nós como gostaríamos de acreditar em nós próprios e nos assegurava ter a nosso respeito precisamente a impressão que, nos nossos melhores momentos, esperávamos conseguir comunicar aos outros.

55

Exactamente nesse instante o sorriso desvaneceu-se - e eu

fiquei a olhar para um jovem elegante e robusto, de trinta e

ou trinta e dois anos, cujo formalismo de linguagem quase atingia as raias do absurdo. Pouco antes de se ter apresentado, eu colhiera a impressão de que ele escolhia cuidadosamente as palavras.

Quase no mesmo momento em que o senhor Gatsby se identificou, veio um mordomo a correr para ele com a informação de que o chamavam de Chicago ao telefone.

Desculpou-se com uma ligeira vénia dirigida a cada um de nós

em particular.

- Se precisar de alguma coisa, é só pedir, meu velho!

- instou ele comigo. - Agora dê-me licença. Mais logo voltarei a estar consigo.

Assim que ele se retirou, voltei-me para Jordan - como se

obrigado a assegurar-lhe a minha surpresa. Esperava que o senhor Gatsby fosse um homem corpulento e saudável de meia-idade.

- Quem é ele? - perguntei. - Você sabe?

- É apenas um homem que se chama Gatsby.

- Onde é ele, quero eu dizer? E o que faz?

- Lá está você a bater na mesma tecla - respondeu ela com um

lânguido sorriso. - Bem, ele disse-me uma vez que tinha andado

em Oxford.

Um vago pano de fundo começou a tomar forma por detrás dele,

mas desvaneceu-se à observação que ela fez a seguir:

- No entanto, eu não acredito.
- E por que não?
- Não sei - insistiu -, simplesmente não acredito que ele lá tenha andado.

Qualquer coisa no seu tom me fez lembrar o Acho que ele matou um homem da outra rapariga e teve como efeito estimular a minha curiosidade.

56

Teria aceitado sem discussão a informação de que Gatsby surgira dos pântanos de Louisiana ou do baixo lado leste de Nova Iorque. Até aí, era compreensível. Mas - pelo menos assim

julgava eu com a minha provinciana inexperiência - um rapaz novo não surge assim por surgir de nenhures, só para comprar um palacete em Long Island Sound!

- Em todo o caso, ele dá grandes festas - disse Jordan, mudando de assunto com uma urbana aversão ao concreto. - E eu gosto de festas grandes. Acabam sempre por ser tão íntimas!...

Nas festas pequenas não há privacidade nenhuma.

Ouviu-se o rufar de um tambor grave e a voz do chefe da orquestra ressoou de súbito por cima da ecolália do jardim:

- Senhoras e senhores! A pedido do senhor Gatsby vamos agora tocar para vocês a última obra do senhor Vladimir Tostoff que, em Maio passado, tanto interesse despertou no Carnegie Hall.

Se lêem os jornais, já sabem a grande sensação que causou. -

Sorriu com jovial condescendência e acrescentou: - E que sensação! - ao que toda a gente se riu.

- A obra é conhecida - concluiu vigorosamente - por História do Mundo em Jazz, de Vladimir Tostoff!

A natureza da composição do senhor Tostoff escapou-me, pois no preciso momento em que começou os meus olhos caíram sobre Gatsby, de pé, e sozinho, na escadaria de mármore, a olhar de um grupo para o outro em ar de aprovação. A sua pele bronzeada

e lisa tornava-lhe o rosto atraente e o cabelo curto parecia que era cortado todos os dias. Não vi nele nada de sinistro e

perguntei a mim próprio se não seria o facto de ele não beber que contribuía para o manter à parte dos seus convidados, pois, efectivamente, parecia-me que ele se tornava mais correcto à medida que a fraternal hilaridade aumentava.

Quando a História do Mundo em Jazz acabou, algumas raparigas começaram a encostar a cabeça, como cachorrinhos, no ombro dos homens, de um modo social, outras faziam que desmaiavam nos braços dos homens, ou mesmo em pleno grupo, com a certeza de que alguém apararia as suas quedas - mas nenhuma delas caiu nos braços de Gatsby; nenhum penteado à francesa roçou pelo ombro de Gatsby e nenhum quarteto de vozes se formou, tendo a cabeça de Gatsby por um dos elos.

- Queira desculpar!

O mordomo de Gatsby estava, subitamente, de pé ao nosso lado.

- Miss Baker? - perguntou. - Peço-lhe desculpa, mas o senhor

Gatsby gostaria de falar consigo a sós.

- Comigo? - exclamou, surpreendida.

- Sim, minha senhora!

Levantou-se devagar, erguendo as sobrancelhas com espanto

para mim e seguiu o mordomo até casa. Reparei então que ela envergava o vestido de noite, todos os vestidos, como se fosse

roupa de desporto - havia nos seus movimentos uma ligeireza, como se tivesse aprendido a andar em campos de golfe, em manhãs claras e glaciais.

Vi-me sozinho e eram quase duas da manhã. Das inúmeras janelas de uma comprida sala, que davam para o terraço, chegavam-me há algum tempo sons confusos e intrigantes.

Esquivando-me ao bacharel que viera com Jordan, que estava agora envolvido numa conversa sobre obstetrícia com duas raparigas do coro e me implorara que me juntasse a ele, fui para dentro.

O salão estava apinhado de gente. Uma das raparigas de amarelo estava a tocar piano e de pé, a seu lado, uma mulher ainda nova, alta e ruiva, que pertencia a um coro famoso, cantava. Tinha bebido uma boa quantidade de champanhe e no decorrer da canção decidira, ineptamente, que tudo era muito, muito triste - e não só cantava como chorava.

Sempre que havia uma pausa na canção, ela preenchia-a com soluços quebrados e arquejantes e depois retomava a lírica com

uma voz de soprano algo trémula. As lágrimas corriam-lhe pela

cara abaixo - mas não livremente, pois que, ao entrarem em contacto com as pestanas muito pintadas, assumiam uma coloração de tinta e prosseguiam o caminho que lhes faltava

em
lentos riachos negros. Alguém lhe fez a humorística
sugestão
de que cantasse antes as notas que lhe corriam pelo rosto,
ao
que ela levantou as mãos para o tecto, afundou-se numa
poltrona e entrou num profundo sono alcoólico.
- Ela esteve a discutir com um homem que diz que é marido
dela - explicou uma rapariga que estava mesmo ao meu lado.
Olhei à volta. A maior parte das mulheres presentes estava
agora a discutir com homens que diziam ser seus maridos.
Até o
grupo de Jordan, o quarteto de East Egg, se fendeu em dois
por
dissensão. Um dos homens falava com particular intensidade
para uma jovem actriz, e a sua mulher, depois de tentar
rir-se
da situação de uma forma digna e indiferente, não aguentou
mais e recorreu aos ataques de flanco - aparecia, com
intervalos, abruptamente ao seu lado, como um diamante
zangado, sibilando-lhe ao ouvido: "Tu prometeste!", Esta
relutância em ir para casa não se limitava aos ébrios. De
momento, o hall estava ocupado por dois homens
deploravelmente
sóbrios e pelas respectivas mulheres, altamente
indignadas,
que se queixavam uma à outra, num tom de voz ligeiramente
elevado.
- De cada vez que ele vê que estou a divertir-me, quer
logo
ir para casa.
- Nunca, na vida, vi coisa mais egoísta!
- Somos sempre os primeiros a ir para casa.
- Também nós.
- Ainda bem que esta noite somos praticamente os últimos!
-
disse um dos homens, timidamente. - A orquestra já se foi
embora há meia hora.

Apesar de as mulheres concordarem em que uma tal
malevolência ultrapassava os limites da credibilidade, a
disputa terminou numa luta breve e ambas as esposas foram
levadas pelo ar, a pontapear, noite dentro.
Enquanto esperava, no hall, que me trouxessem o chapéu,
a
porta da biblioteca abriu-se e Jordan Baker e Gatsby saíram
na
companhia um do outro. Ele dirigia-lhe uma última palavra,
mas
a veemência dos seus modos reduziu-se abruptamente à
formalidade, quando várias pessoas se aproximaram dele para
se
despedirem.

O grupo de Jordan chamava-a impacientemente do pórtico,

mas

ela demorou-se um instante a apertar mãos.

- Acabo de ouvir a coisa mais espantosa! - murmurou.

- Quanto tempo estivemos lá dentro?

- Para aí uma hora.

- Foi... simplesmente espantoso! - repetiu meio

abstracta. -

Mas jurei que não dizia nada e aqui estou eu a tantalizá-lo.

-

Bocejou-me graciosamente na cara. - Venha ver-me um dia

destes... lista dos telefones... No nome da senhora

Sigourney

Howard... Minha tia...

Corria para a porta enquanto falava - com a mão morena acenou-me um adeus desportivo e já se fundia no grupo, que

a

esperava à porta.

Deveras envergonhado por me ter demorado tanto, logo à

primeira vez que comparecia, associei-me aos últimos

convivas

de Gatsby, que se aglomeravam à sua volta. Queria

explicar-lhe

que o tinha procurado logo ao princípio da noite e pedir-lhe

desculpa por não o ter reconhecido no jardim.

- Não me fale nisso! - ordenou-me com vivacidade. - Não pense mais nisso, meu velho.

A expressão familiar não continha maior familiaridade do que

a mão que, tranquilizadamente, me roçou no ombro.

- E não se esqueça de que amanhã de manhã, às nove horas, vamos andar de hidroplano.

Depois, o mordomo veio dizer-lhe por trás do ombro:

- Senhor, Philadelphia chama-o ao telefone.

- Está bem, é só um minuto! Diga-lhes que vou já a seguir...

Boa noite.

- Boa noite.

- Boa noite. - Sorriu e de repente pareceu-me que isso significava a sua satisfação por eu ter sido dos últimos

a

sair, como se o tivesse desejado todo o tempo.

- Boa noite, meu velho... Boa noite.

Mas, ao descer as escadas, percebi que a noite ainda não tinha acabado. A cinquenta pés da porta, uma dúzia de pares de

faróis iluminavam uma cena bizarra e tumultuosa. Na vala ao

lado da estrada, com o lado direito levantado, mas

violentamente privado de uma roda, repousava um coupé novo que, não havia ainda dois minutos, tinha deixado os acessos de

Gatsby. Uma saliência aguda da parede respondia pela desarticulação da roda, que suscitava agora considerável

atenção por parte de meia dúzia de motoristas curiosos. Mas como tinham deixado os carros a bloquear a estrada, havia algum tempo que se ouvia o buzinar áspero e discordante dos da

retaguarda, que aumentava a já violenta confusão da cena:

Um homem de guarda-pó comprido tinha-se apeado do carro sinistrado e estava agora parado no meio da estrada, a olhar, divertido e intrigado, do carro para o pneu e do pneu para os

observadores.

- Vejam o que lhe aconteceu! - explicava. -- Caiu na vala!

O facto causava-lhe um espanto infinito; reconheci primeiro

a invulgar qualidade do espanto e só depois o homem - era o

convidado de Gatsby que recentemente estivera na sua biblioteca.

- Como é que lhe aconteceu?

Encolheu os ombros.

- Não percebo literalmente nada de mecânica - disse com decisão.

61

- Mas como foi que aconteceu? Embateu no muro?

- Não me perguntem como foi - disse Olhos de Coruja, lavando

dali as suas mãos. - O que eu sei de condução é muito pouco... é praticamente nada. O que eu sei é que aconteceu.

- Mas se é tão mau condutor, não devia tentar conduzir de noite.

- Mas eu nem sequer estava a tentar - explicou com indignação. - Nem sequer tentei...

Um silêncio de pavor caiu sobre os circunstantes.

- Quer suicidar-se?

- A sua sorte foi ter sido só uma roda! Com que então é mau

condutor e nem sequer estava a tentar!

- Os senhores não estão a perceber - explicou o réu. Eu não

vinha a conduzir. Há outro homem no carro.

O choque que esta declaração provocou encontrou expressão num "Aaaah!", prolongado, à medida que a porta do coupé se abria lentamente. A multidão - agora era uma multidão - recuou

involuntariamente e quando a porta se abriu completamente houve uma pausa espectral. Depois, muito gradualmente, peça por peça, um indivíduo pálido e desengonçado saiu, pelo seu pé, dos destroços, apalpando o terreno por tentativas, com um

enorme e incerto pé de dança.

Encandeada com a luz dos faróis e confusa com o incessante roncar das buzinas, a aparição ficou a vacilar em pé, por momentos, antes de começar a distinguir o homem do

guarda-pó.

- Que é que há? - perguntou calmamente. - Acabou-se a gasolina?

- Olhe!

Meia dúzia de dedos apontaram para a roda amputada - fixou-a

por instantes e depois olhou para cima, como se suspeitasse que ela tinha caído do céu.

- Soltou-se! - explicou alguém.

Ele assentiu.

- Ao princípio notei que tínhamos parado.

62

Houve uma pausa. Depois, respirando fundo e endireitando as

costas, perguntou com determinação:

- Alguém sabe dizer-me onde há um posto de gasolina?

Pelo menos uma dúzia de homens, alguns deles ligeiramente em melhor estado do que ele, explicaram-Lhe que entre a roda e o

carro já não havia nenhum elo físico.

- Recuem lá! - sugeriu ele, passado um instante. -

Ponham-no

em marcha atrás!

- Mas falta-lhe uma roda!

Hesitou.

- Não faz mal nenhum experimentar - disse.

O estridor das buzinas tinha atingido um crescendo e eu virei costas e pus-me a corta-mato pelo relvado, em direcção a

minha casa. Virei-me uma vez para trás, a olhar. Uma lua em

forma de bolacha, sobrevivente à barulheira do jardim ainda resplandecente, brilhava por cima da casa de Gatsby, tornando

a noite tão pura como antes. Uma súbita vacuidade parecia brotar agora das janelas e das enormes portas, dotando de completo isolamento o vulto do anfitrião, que continuava de

pé, no pórtico, com a mão erguida num gesto formal de despedida.

Lendo do princípio ao fim o que até agora escrevi, admito ter dado a impressão de que os acontecimentos de três noites,

com várias semanas de intervalo, foram tudo o que então me absorveu. Mas, ao contrário, não passaram de factos casuais de

um Verão repleto que, durante muito tempo, me absorveram infinitamente menos de que os meus assuntos pessoais.

Trabalhei a maior parte do tempo. De manhã cedo, ao descer apressado os brancos despenhadeiros da parte mais baixa de Nova Iorque, a caminho do Probitry Trust, o sol projectava a

minha sombra para oeste. Conhecia os outros empregados e

jovens vendedores de papéis de crédito pelos respectivos nomes
próprios e almoçava com eles, em escuros e apinhados
restaurantes, salsichas de porco com puré de batata, e café.

63

Tive até um breve namoro com uma rapariga que vivia em Jersey City e trabalhava no departamento de contabilidade, mas o irmão dela começou a lançar-me olhares de desprezo e quando, em Julho, ela foi de férias, deixei a coisa morrer serenamente.

Jantava habitualmente no Yale Club - por qualquer razão, o acontecimento mais lúgubre do dia - e depois subia até à biblioteca, onde estudava investimentos e operações de crédito, conscienciosamente, durante uma hora.

Havia, geralmente, por ali uns desordeiros, mas esses não tinham entrada na biblioteca, de modo que se trabalhava bem ali. Depois disso, se a noite estava agradável, descia a pé, calmamente, a Madison Avenue, passando o velho Murray Hill Hotel, e voltava a subir a 33rd Street, em direcção à Pennsylvania Station.

Comecei a gostar de Nova Iorque, da sua atmosfera nocturna, picante e arriscada, e da satisfação que dá ao olhar irrequeto a constante movimentação de homens, mulheres e automóveis. Gostava de subir a Fifth Avenue e escolher, de entre a multidão, as mulheres românticas e de poder imaginar que, no espaço de poucos minutos, entraria nas suas vidas sem que ninguém viesse nunca a sabê-lo nem a censurar-me por isso.

Seguia-as, por vezes, em pensamento, até aos seus apartamentos, nas esquinas de ruas escondidas, e elas viravam-se para trás e sorriam-me, antes de desaparecerem, por uma porta, na quente escuridão interior. Outras vezes, no encanto do crepúsculo metropolitano, sentia-me perseguido pela solidão e pressentia que o mesmo se passava com os outros - pobres empregaditos que se especavam em frente das montras, à espera que fossem horas de comer o solitário jantar de restaurante - desperdiçando ao lusco-fusco os momentos mais cruciais da noite e da vida.

De novo, às oito horas, quando as negras faixas de asfalto da 40th Street pulsavam de táxis, em filas de cinco, de serviço à zona dos teatros, sentia o meu coração afundar-se.

64

No interior dos táxis, silhuetas debruçavam-se umas sobre

as
outras enquanto eles esperavam, vozes cantavam, soavam
risos
de gracejos nunca ouvidos e cigarros acesos descreviam
círculos inteligíveis. Imaginando que, também, eu me
precipitava para a folia, e compartilhando da sua íntima
excitação, desejava-lhes felicidades.

Durante algum tempo perdi de vista Jordan Baker, mas a
meio
do Verão voltei a encontrá-la. A princípio lisonjeava-me
sair

com ela, porque era campeã de golfe e toda a gente a conhecia
pelo nome. Depois, foi mais do que isso. Não estava
propriamente apaixonado, mas sentia por ela uma espécie de
curiosidade afectuosa. A aborrecida e altiva fisionomia do
rosto que ela mostrava ao mundo escondia qualquer coisa -
a

maior parte das atitudes afectadas acabam por esconder
sempre

seja o que for, mesmo que, no princípio, não seja assim -
e um

dia descobri o que era. Estávamos os dois numa festa
familiar

em Wrawick e ela deixou à chuva, com a capota descida, um
carro que pedira emprestado e depois mentiu acerca disso -
de

repente ocorreu-me a história que tinha ouvido a seu
respeito

e que me tinha escapado naquela noite em casa de Daisy. No
primeiro grande torneio de golfe em que ela tomara parte,
houve um incidente que por pouco chegava aos jornais - a
insinuação de que, no round semifinal, ela tinha deslocado
sub-repticiamente a bola de uma má posição. A coisa chegou
quase a assumir as proporções do escândalo - depois morreu.

O

caddy(1) que a acusara retirou a declaração que fizera e
a

outra única testemunha admitiu a possibilidade de se ter
enganado.

O incidente e o nome tinham ficado associados no meu
espírito.

Jordan Baker evitava, instintivamente, os homens
espertos,
perspicazes, e só agora eu percebia que isso se devia ao
facto

de ela se sentir mais segura num plano onde se julgaria
impossível qualquer transgressão de um código de conduta.

*1. Caddy, rapaz que leva os tacos e outros objectos no
jogo
de golfe. (N. da T.)

em
posição de desvantagem e, dada esta relutância, suponho que
desde muito cedo começara a usar de subterfúgios para poder
manter aquele sorriso frio e insolente voltado para o mundo
e
ao mesmo tempo satisfazer as exigências do seu corpo sólido
e
enérgico.

Pessoalmente, não me fazia diferença alguma. A
desonestidade
numa mulher é uma coisa que nunca se censura profundamente
-
lamentei no momento e depois esqueci. Foi nessa mesma festa
familiar que tivemos uma interessante conversa acerca da
condução de automóveis. Começou porque ela passou tão rente
a
uns operários que o guarda-lama raspou um botão do casaco
de
um dos homens.

- Você é mesmo desastrada a conduzir! - protestei eu. Ou
passa a ter mais cautela, ou pura e simplesmente deixa de
conduzir.

- Mas eu sou cautelosa!

- Isso é que não é!

- Então são os outros! - disse ela levianamente.

- E, que é que uma coisa tem a ver com a outra?

- Terão o cuidado de se afastar do meu caminho - insistiu.

-
Para haver um acidente, é preciso haver duas partes.

- Imagine que encontra alguém tão imprudente como você!

- Espero que isso nunca aconteça - respondeu. - Detesto
pessoas imprudentes. É por isso que gosto de si!

Os seus olhos cinzentos, enrugados do sol, olharam
fixamente

em frente, mas ela tinha deliberadamente alterado as nossas
relações e por momentos julguei que a amava. Mas sou de
raciocínio lento e cheio de regras interiores que actuam
como

travões sobre os meus desejos e eu sabia que, primeiro que
tudo, tinha de desembaraçar-me definitivamente do
compromisso
que deixara na terra.

Uma vez por semana escrevia cartas que assinava assim:
"com

amor, Nick," e tudo aquilo em que conseguia pensar era na
maneira como, quando uma determinada rapariga jogava ténis,
lhe aparecia no lábio superior um ténue bigode de
transpiração. Havia, no entanto, um vago entendimento que
era

preciso romper com tacto, antes de ficar livre.

Toda a gente suspeita que tem, pelo menos, uma das
virtudes

cardeais e esta é a minha: sou uma das poucas pessoas

honestas
que até hoje conheci.

Capítulo IV

No domingo de manhã, enquanto os sinos da igreja repicavam nas povoações costeiras, toda a gente voltou à casa de Gatsby para, com os seus hilariantes folguedos, abrilhantarem o seu relvado.

- Ele é um contrabandista de bebidas alcoólicas - diziam as senhorinhas, passeando-se por entre os cocktails e as flores de Gatsby. - Um dia matou um homem que descobrira que ele era sobrinho de Von Hindenburg e primo em segundo grau do diabo. Traz-me uma rosa, querido, e deita-me aqui só mais uma gota neste copo de cristal.

Um dia deu-me para anotar, nos espaços em branco de um horário, os nomes das pessoas que nesse Verão apareceram em casa de Gatsby. E hoje um horário velho, que se desfaz ao ser folheado, e que diz no cabeçalho "Este horário entra em vigor a 5 de Julho de 1922". Mas ainda consigo ler nele os nomes meio apagados e estou convencido de que ele, só por si, vos dará uma ideia mais precisa do que as minhas generalidades a respeito dos que aceitaram a hospitalidade de Gatsby e Lhe pagaram o subtil tributo de ficarem a não saber nada de nada acerca dele.

Assim, de East Egg, vieram os Chester Beckers e os Leeches, e um tipo chamado Bunsen, que eu conhecia de Yale, e o doutor Webster Cívete, que no Verão passado se afogou no Maine.

E os Hornbeams e os Willie Voltaires e todo um clã dos chamados Blackbuck que se juntavam sempre a um canto e levantavam as ventas como cabras, à aproximação de quem quer que fosse. E os Ismays e os Chrysties (melhor dizendo, Hubert Auerbach e a mulher do senhor Chrystie) e Edgar Beaver, cujo cabelo, ao que dizem, ficou branco como o algodão, sem mais nem purquê, numa tarde de Inverno.

Tanto quanto me lembro, Clarence Endive era de East Egg. Da única vez que veio, de bermudas brancas, teve uma discussão no jardim com um vadio chamado Etty. De pontos mais distantes

da
ilha vieram os Cheadles e os O.r.p. Schraeders e os
Stonevall.
Jackson Abrams, da Georgia, e os Fishguards e os Ripley
Snells. O Snell esteve lá, três dias antes de ir para a
penitenciária, tão bêbedo naquele caminho de saibro que o
carro da senhora Ulysses Swett lhe passou com uma roda por
cima da mão direita. Vieram também os Dancies e S. B.
Whitebait, que passava bem dos sessenta, e Maurice A. Ilink,
e
os Hammerheads e Beluga, o importador- de tabaco, e as
namoradas de Beluga.

De West Egg vieram os Poles e os Mulreadys e Cecil Roebuck
e
Cecil Schoen e Gulick, senador do Estado, e Newton Orchid,
que
dirigia Films par Excellence, e Eckhaust e Clyde Cohen e
Don

S. Schwartz (o filho) e Arthur McCarthy, todos eles, de uma
maneira ou de outra, ligados ao cinema. E os Catlips e os
Bembergs e G. Earl Muldoon, irmão daquele Mulddun que veio
depois a estrangular a mulher. Da Fontano, o promotor de
boxe,

também veio e Ed Legros e James B. (o Zurrapa) Ferret e os
De
Jongs e Ernest Lilly - estes vinham para jogar e quando
Ferret

começava a vaguear pelo jardim era sinal de que ficara
completamente limpo e era absolutamente necessário que, no
dia

seguinte, os índices da Associated Traction subissem com
vantagem na Bolsa.

Um indivíduo chamado Klipspringer ia lá tantas vezes que
se
tornou conhecido como o hóspede - duvido mesmo que tivesse
outra casa. Da gente do teatro, havia Gus Waize, Horace
O'Donovan, Lester Mver, George Duckweed e Francis Bull. De
Nova Iorque eram também os Chromes, os Backhyssons, os
Dennickers, Russel Betty, os Corrigans, os Kellehers, os
Dewars, os Scullys e S. W. Belcher e os Smirkes e o casalinho
dos Quinns, agora divorciados, e Henry Palmetto, que se
suicidou atirando-se para debaixo do metropolitano em Times
Square.

Benny McClenahan fazia-se acompanhar sempre de quatro
raparigas, que nunca eram exactamente as mesmas em pessoa,
mas
que eram tão idênticas umas às outras que inevitavelmente
parecia que lá tinham estado antes. Já não me lembro bem
dos
seus nomes próprios - Jacqueline, achu eu, ou então
Consuela,
uu Gloria, uu Judy ou June, mas sei que os apelidos delas
eram, ou melodiosos nomes de flores e de meses, ou os nomes

mais sevtros de grandes capitalistas americanos, cujas primas, se pressiunadas, elas confessavam ser.

A acrescentar a todos estes nomes, lembro-me ainda de Faustina O'Brien, que lá esteve uma vez, pelo menos, e das meninas Baedeker e do jovem Brewer, que tinha ficado sem o

nariz durante a guerra, e do senhor Albrucksburger e Miss Haag, sua noiva, e Ardita Fitz-Peters e o senhor P. Jewett, outrora presidente da Legião Americana, e Miss Cláudia Hip, acompanhada de um homem que tinha fama de ser seu chauffeur, e

um príncipe de não-sei-o-quê, a quem chamávamos duque, e cujo

nome, se é que alguma vez cheguei a sabê-lo, já esqueci.

Toda esta gente apareceu, nesse Verão, em casa de Gatsby. Às

nove horas da manhã de um dia, em fins de Julho, o aparatoso automóvel de Gatsby apareceu, sem eu contar, a subir aos solavancos o pedregoso caminho de acesso à minha casa e disparou uma melodiosa buzina em três notas. Era a primeira vez que me visitava, apesar de eu já ter ido a duas festas dele, subido no seu hidroplano e, a insistente convite

dele, feito frequente uso da sua praia privativa.

- Então, bom dia, meu velho! Como você vai almoçar hoje comigo, pensei que era mais lógico irmos juntos no carro.

Equilibrava-se de pé, apoiado ao tablier do carro com essa desenvoltura de movimentos tão peculiar aos americanos,

70

- que provém, suponho eu, da ausência de trabalhos pesados na

juventude mas, mais do que isso, da graça natural dos nossos esporádicos exercícios nervosos. Esta qualidade ressaltava constantemente da sua convencional maneira de ser sob a forma

de irrequietude. Nunca estava completamente parado; havia sempre nele um pé a bater ou uma mão a abrir e a fechar de impaciência.

Viu-me a olhar com admiração para o seu automóvel.

- É lindo, não é, meu velho? - Saltou para fora para me deixar ver melhor. - Ainda não o tinha visto?

Já o tinha visto. Toda a gente o tinha visto. Era de uma cor

de creme-vivo, a brilhar de níqueis por todo o lado, cortado aqui e além, no sentido do seu monstruoso comprimento, de triunfais protuberâncias de chapeleiras, lancheiras, caixas de

ferramentas e pára-brisas em socalcos labirínticos que reflectiam uma dúzia de sóis.

Sentados por detrás de muitas camadas de vidro numa espécie

de estufa de couro verde, partimos para a cidade.

Tinha falado com ele talvez uma meia dúzia de vezes, no

mês anterior, e descoberto, para meu desapontamento, que ele pouco tinha a dizer. Assim, a minha primeira impressão acerca dele, a de que era uma pessoa de certa categoria social indefinida, tinha-se desvanecido gradualmente e ele tornara-se muito simplesmente o proprietário de uma requintada estalagem mesmo ao lado da minha casa.

E veio então este desconcertante passeio. Ainda nós não tínhamos chegado à aldeia de West Egg e já Gatsby começava a deixar inacabadas as suas elegantes frases e a dar palmadas algo indecisas no joelho das calças do seu fato cor de caramelo.

- Olhe cá, meu velho - irrompeu inesperadamente -, afinal qual é a sua opinião a meu respeito?

Um pouco perturbado, dei início às evasivas generalidades que uma pergunta destas merece.

71

- Bem, vou então contar-lhe alguma coisa da minha vida - interrompeu ele:. - Não quero que fique com a impressão errada que forçosamente causam todas as histórias que por aí se contam a meu respeito.

Estava, portanto, consciente das bizarras acusações que condimentavam a conversa nos seus salões.

- Juro-lhe por Deus que o que vou dizer-lhe é a pura verdade. - Ergueu subitamente a mão direita para o céu, a invocar o testemunho e a justiça divinos. - Sou o único descendente vivo de uma abastada família do Middle West. Fui

criado na América, mas educado em Oxford, porque foi aí que, durante muitos anos, todos os meus antepassados foram educados. É tradição na família.

Olhou-me de soslaio - e percebi então porque é que Jordan Baker estava convencida de que ele mentia. A frase educado em Oxford saiu-lhe à pressa, imperceptível ou engasgada, como se já o tivesse afligido antes. E com esta dúvida, todas as suas declarações caíram por terra e fiquei a matutar se, no fim de contas, não haveria mesmo algo um pouco sinistro acerca dele.

- De que parte do Middle West? - perguntei casualmente.

- São Francisco.

- Estou a ver.

- A minha família morreu toda e eu herdei uma boa fortuna.

A sua voz era solene, como se a memória daquela súbita

extinção de um clã ainda o perseguisse. Suspeitei, por momentos, que ele estava a entrar comigo, mas bastou-me olhar

para ele de relance para me convencer do contrário.

- Depois disso, vivi como um jovem rajá em todas as capitais da Europa - Paris, Veneza, Roma -, coleccionando jóias, principalmente rubis, caçando caça grossa, pintando umas coisas, só para mim, e tentando esquecer uma coisa muito triste que me tinha acontecido havia já muito tempo.

72

Foi preciso um certo esforço para conseguir dominar o meu riso de incredulidade. As próprias frases que usava estaVam já

tão gaStaS e banaliZadaS qUe não eVOCaVam OUtra imagem que não

fosse a de um personagem de turbante a transpirar serradura por todos os poros, em perseguição de um tigre no Bois de Boulogne.

- Veio então a guerra, meu velho. Foi um enorme alívio para

mim e nela procurei a morte a todo o custo, mas até parecia que tinha o feitiço a proteger-me. Quando a guerra começou, aceitei o cargo de primeiro-tenente miliciano. Na Argonne Forest avancei tão longe com os dois destacamentos do meu batalhão de metralhadoras que de cada lado de nós ficou um intervalo de meia milha por onde a infantaria não podia passar. Ali ficámos, cento e trinta homens, com dezasseis metralhadoras Lewis, durante dois dias e duas noites e quando,

por fim, a nossa infantaria lá chegou, encontrou entre as pilhas de mortos as insígnias de três divisões alemãs. Fui logo promovido a major e condecorado por todos os Governos Aliados - até pelo de Montenegro, o minúsculo Montenegro, perdido lá em baixo, no mar Adriático!

- Pobre Montenegro! - ergueu no ar as palavras e acenou-Lhes

a sorrir. Com um sorriso que abraçava a perturbada história de

Montenegro e a causa bélica dos destemidos montenegrinos. Um

sorriso que tinha em inestimável apreço todo o encadeamento de

circunstâncias nacionais que trouxera à superfície do coraçãozinho aliado de Montenegro o tributo que o mesmo Lhe pagou.

A minha incredulidade estava agora submersa em fascínio; era

como folhear à pressa uma dúzia de revistas.

Levou a mão ao bolso e na palma da minha caiu um pedaço de

metal preso a uma fita.

- Essa é a medalha de condecoração de Montenegro.

Para meu grande espanto, aquela coisa tinha aspecto de

ser
verdadeira.

Orderi di Danilo, dizia a legenda à volta, Montenegro, Nicolas Rex.

- Volte-a ao contrário.
- Major Jay Gatsby - li eu. - Por notável bravura.

73

- E aqui está outra coisa que trago sempre comigo: uma recordação dos meus tempos de Oxford. Foi tirada em Trinit Quad. O sujeito à minha esquerda é hoje o conde de Doncaster.

Era uma fotografia de grupo, com meia dúzia de rapazes de blazer, ociosamente debaixo de uma arcada, para lá da qual se

avistavam inúmeros pináculos. Lá estava Gatsby - um pouco, mas

não muito, mais novo - com uma pá de cricket na mão.

Afinal, era tudo verdade. Imaginei as peles de tigre a flamejarem no seu palácio do Grand Canal; vi-o abrir um cofre

de rubis para atenuar, com a intensidade dos seus reflexos carmesins, os tormentos do seu coração despedaçado.

- Vou pedir-lhe hoje um grande favor - disse ele, metendo no bolso, com satisfação, as recordações que me mostrara -, e por

isso pensei que era minha obrigação começar por dizer-lhe alguma coisa a meu respeito. Não queria que você pensasse que

eu era para aí um zé-ninguém. Sabe, eu encontro-me habitualmente entre estranhos, porque enquanto sou arrastado

por uns e por outros não tenho tempo para magicar nas tristezas da minha vida - hesitou. - Já lhe explico esta tarde

a que é que me refiro.

- À hora do almoço?

- Não, esta tarde. Soube por acaso que você vai tomar chá com Miss Baker.

- Quer dizer que você está apaixonado por Miss Baker?

- Não, meu velho, não é nada disso. Miss Baker é que teve a amabilidade de aceder a falar-lhe neste assunto.

Não fazia a menor ideia que assunto era este,, mas estava mais aborrecido do que interessado em saber. Não fora expressamente para falar sobre o senhor Jay Gatsby que eu convidara Jordan a tomar chá. Tinha, porém, a certeza de que o

favor que ia agora pedir-me era algo de absolutamente extravagante e por momentos arrependi-me de ter posto os pés

no seu relvado superpovoado.

Não disse nem mais uma palavra. À medida que nos aproximávamos da cidade, a sua correcção aumentava.

Passámos por Port Roosevelt, onde de fuga vimos os transatlânticos com a sua linha de flutuação vermelha, acelerámos ao passar por um bairro pobre, pavimentado de godo, alinhado com obscuros e superpovoados bares dos anos de mil e novecentos, com os seus doirados já desbotados. Seguiu-se o vale de cinzas, aberto de ambos os lados, e ao passarmos pela bomba de gasolina, entrevi a senhora Wilson a dar à bomba com a anelante vitalidade que a caracterizava.

De guarda-lamas desdobrados como asas, irradiámos luz por meia Astoria - mas só por meia, porque, quando serpenteávamos por entre os pilares da via férrea aérea, ouvi o ruído familiar de uma motocicleta de bicilindro em V e, a correr ao nosso lado, apareceu um polícia frenético.

- Está certo, meu velho - bradou Gatsby e afrouxou. Tirou da carteira um cartão branco e agitou-o em frente dos olhos do homem.

- Tem toda a razão! - concordou o polícia, tirando o chapéu em sinal de respeito. - Para a próxima já o reconheço, senhor Gatsby! Queira desculpar!

- Que foi que lhe mostrou? - perguntei. - O retrato de Oxford?

- É que, devido a um favor que fiz uma vez ao comissário, todos os anos pelo Natal ele me manda um cartão de Boas-Festas.

Transpusemos a grande ponte com o sol a passar por entre as vigas e a bruxulear sobre os carros em andamento e a cidade a erguer-se na outra margem do rio em pilhas brancas e tabletes de açúcar, todas elas construídas com a intenção de fazer esquecer o cheiro do dinheiro. Vista da Queensboro Bridge, Nova Iorque é a cidade que se vê, sempre, pela primeira vez, a eterna promessa desvairada do mistério e da beleza universais.

Passou por nós um defunto num carro funerário repleto de flores e seguido por dois automóveis de cortinas corridas e por outros carros de aspecto mais alegre, reservados aos

amigos. Estes seguiram-nos com os olhos trágicos e os curtos lábios superiores das gentes do Sudeste da Europa, e eu fiquei

satisfeito por o espectáculo que em si era o esplêndido carro

de Gatsby se integrar no seu cortejo fúnebre.

Ao atravessarmos Blackwells Island, ultrapassou-nos uma limusina, conduzida por um motorista de casaco branco, onde iam sentados três negros vestidos à moda, dois janotas e uma

rapariga. Ri-me com vontade quando as gemas dos seus globos oculares rolaram na nossa direcção com ostensiva e desdenhosa

rivalidade.

"Agora, que chegámos ao fim desta ponte, tudo pode acontecer", pensei eu. "Mesmo tudo"...

O próprio Gatsby podia acontecer sem um espanto por aí além.

O tumulto do meio-dia. Encontrei-me com Gatsby, para almoçar, numa cave bem arejada da 42rd Street. Ainda meio ofuscado pelo esplendor da rua, lá fora, consegui enxergá-lo

na penumbra da antecâmara, a conversar com outro homem.

- Senhor Carraway, apresento-lhe o meu amigo senhor Wolfshiem.

Um judeu pequeno, de nariz achatado, levantou a enorme cabeça e fixou os olhos em mim, com dois belos tufos de pêlo a

despontarem-lhe exuberantemente de cada narina. Só passado um

instante lhe descobri os minúsculos olhos na semiescuridão.

... Então, olhei bem para ele - disse o senhor Wolfshiem, apertando-me energicamente a mão. - ... e que pensa você que

eu fiz?

- Que fez? - perguntei delicadamente.

Mas era evidente que não era a mim que ele se dirigia, pois

largou-me a mão e cobriu Gatsby com o seu expressivo nariz.

- Entreguei o dinheiro ao Katspaugh e disse: Pois bem, Katspaugh, não Lhe pague um único centavo enquanto ele não calar a boca! Foi remédio santo: calou-se imediatamente e de

uma vez por todas.

Gatsby agarrou-nos a ambos por um braço e avançou para o restaurante, após o que o senhor Wolfshiem engoliu uma frase que ia começar e caiu numa abstracção sonambular.

- Uísque com soda? - perguntou o chefe de mesa.

- Este é um bom restaurante - disse o senhor Wolfshiem, olhando para as ninfas presbiterianas do tecto. - Mas gosto mais do do outro lado da rua!

- Sim, uísque com soda - aquiesceu Gatsby, voltando-se logo

a seguir para o senhor Wolfshiem: - Mas o outro é muito quente.

- Sim, é quente e pequeno - disse o senhor Wolfshiem -, mas está cheio de memórias.

- Que restaurante é esse? - perguntei.

- O velho Metropole.

- O velho Metropole! - recordou com nostalgia o senhor Wolfshiem. - Cheio de caras conhecidas que se foram. De amigos

que para sempre desapareceram. Enquanto for vivo, jamais hei-de esquecer a noite em que ali dispararam sobre Rosy Rosenthal. Éramos seis à mesa e Rosy tinha comido e bebido bem

toda a noite. Já a manhã começava a raiar, quando o empregado se aproximou dele com um olhar desconfiado e lhe disse que estava lá fora alguém que queria falar com ele.

"Muito bem", diz Rosy, e começa a levantar-se e eu faço-o sentar-se.

Esses filhos da puta que venham cá dentro se te querem apanhar, mas, sob minha palavra de honra, Rosy, que quem não

sai desta sala és tu!

Eram então quatro da manhã e se tivéssemos levantado os estores podíamos ver a luz do dia.

- E ele foi lá fora? - perguntei inocentemente.

- É claro que foi! - O senhor Wolfshiem apontou-me o nariz, indignado. - Ao chegar à porta, virou-se para trás, foi só o

tempo de dizer: "Não deixem o empregado levar o meu café!",

saiu para o passeio, deram-lhe três tiros na barriga cheia e

arrancaram no automóvel.

- Quatro deles foram parar à cadeira eléctrica - disse eu, recordando o caso.

- Cinco, com o Becker. - Voltou as narinas para mim, com curiosidade: - Já estou a perceber que anda a tentar descobrir

se há, no meio disto, alguma gonegação(1) com negócios.

A justaposição destas duas observações deixou-me atónito.

Gatsby respondeu por mim:

- Oh, não! - exclamou. - Este não é o tal homem.

- Ah, não? - O senhor Wolfshiem pareceu desapontado.

- Este senhor é simplesmente um amigo. Já lhe disse que falamos nisso noutra ocasião qualquer!

- Peço-Lhe desculpa - disse o senhor Wolfshiem -, mas tomei-o por uma outra pessoa.

Chegou um succulento picado(2) e o senhor Wolfshiem, esquecendo imediatamente a atmosfera mais sentimental do velho

Metropole, desatou a comer com feroz delicadeza.

Entretanto,
os seus olhos divagaram à volta da sala - completando o arco
ao voltar-se para inspeccionar as pessoas que estavam
imediatamente atrás dele. Estou convencido de que, não fora
a
minha presença, até para debaixo da nossa mesa ele tinha
espreitado.

- Oiça cá, meu velho - disse Gatsby, inclinando-se para
mim

-, receio bem tê-lo, de certa forma, irritado esta manhã,
no
carro.

Lá vinha novamente aquele sorriso, mas desta vez opus-lhe
resistência.

- Não gosto de mistérios - respondi -, e não percebo porque
é que o senhor não é franco e me diz abertamente o que
pretende.

*1. Na original *gonneglion*, corruptela de *connection* /
connexion: conexão, ligação, relação. (N. da T.)

2. No original, *hash*. mistura de carne picada com batatas,
no forno. (N. da T.)

78

Porque é que tudo isso tem de passar por Miss Baker?

- Oh, mas não há nada a ocultar no meio disto tudo -
assegurou-me ele. - Sabe, Miss Baker é uma desportista
famosa
e jamais se permitiria qualquer procedimento menos
correcto.

De repente, olhou para o relógio, levantou-se de um pulo
e
saiu da sala a correr, deixando-me à mesa, entregue ao
senhor
Wolfshiem.

- É que ele tem de fazer um telefonema - disse o senhor
Wolfshiem, seguindo-o com o olhar. - É um sujeito admirável,
não acha? Esbelto e um perfeito gentleman.

- Lá isso é.

- Andou em Oggsford(1).

- Oh!

- Frequentou o Oggsford College, em Inglaterra. Conhece
o
Oggsford College?

- Já ouvi falar nele.

- É uma das universidades mais famosas do mundo.

- O senhor conhece o Gatsby há muito tempo? - perguntei.

- Há vários anos - respondeu ele, com agrado. - Tive o
prazer de o conhecer logo a seguir à guerra. Mas ao fim de
uma

hora de conversa com ele, percebi logo que tinha encontrado,
finalmente, uma pessoa de esmerada educação, e disse cá para
comigo: "Aqui está o tipo de pessoa que não te importavas
de

levar a tua casa nem de apresentar à tua mãe e à tua irmã."

-

Fez uma pausa. - Vejo que está a olhar para os meus botões de punho.

Por acaso não estava a olhar para eles, mas passei a fazê-lo. Compunham-se de pedaços de marfim estranhamente familiares.

- Os mais belos espécimes de molares humanos! - informou-me ele.

*1. Assim, no original. Corruptela de Oxford. (N. da T.)

79

- Homessa! - pus-me a examiná-los. - Que ideia tão original!

- Sem dúvida! - puxou os punhos da camisa para dentro das mangas do casaco. - Pois o Gatsby é muito cuidadoso em matéria de mulheres. Jamais ousaria olhar que fosse para a mulher de um amigo.

Quando o objecto desta confiança instintiva voltou a sentar-se à mesa, o senhor Wolfshiem bebeu o café de um trago e pôs-se em pé.

- Gostei muito do almoço - disse ele -, mas agora vou deixar os dois jovens, que vocês são, à vontade, antes que a minha presença se torne inoportuna.

- Não tenha pressa, Meyer - disse Gatsby, sem entusiasmo. O senhor Wolfshiem levantou a mão num gesto de abençoar e declarou com solenidade:

- Agradeço a sua amabilidade, mas a verdade é que eu pertenço a outra geração. Deixem-se ficar aqui sentados a falar dos vossos desportos, das vossas namoradas e dos vossos...

Supriu um substantivo imaginário com outro gesto de mão.

- É que, pelo que me diz respeito, já tenho 50 anos de idade e acho que não devo impor-Lhes por mais tempo a minha companhia.

Ao apertar-nos as mãos e virar costas para se ir embora, o

seu trágico nariz estava a tremer. Fiquei a matutar se, sem querer, Lhe teria dito alguma coisa que o tivesse ofendido.

- Às vezes fica assim, todo virado para o sentimento - explicou Gatsby. - E hoje é um desses dias. É uma figura excêntrica aqui, em Nova Iorque, um frequentador assíduo da Broadway.

- Mas, afinal, o que é ele, actor?

- Não.

- Dentista?

80

- Quem, Meyer Wolfshiem? Não, é jogador. - Gatsby hesitou, depois acrescentou friamente: - É o homem que consertou o Campeonato Mundial de 1919.

- O quê? Foi ele que consertou o Campeonato Mundial? - repeti eu.

A ideia atordoou-me. Lembrava-me, naturalmente, que o Campeonato Mundial de 1919 tinha sido preparado, mas, mesmo que tivesse pensado bem no assunto, para mim não teria sido mais do que uma coisa que meramente acontecera, o resultado de

uma sucessão de acontecimentos inevitáveis. O que nunca me teria ocorrido é que houvesse alguém capaz de fazer pouco da

boa fé de cinquenta milhões de pessoas, com o mesmo sangue-frio com que um assaltante arromba um cofre.

- Mas como é que ele conseguiu fazer isso? - perguntei, ao fim de um minuto.

- Surgiu-lhe a oportunidade e ele aproveitou-a, é tudo.

- E como é que não foi parar à cadeia?

- Não conseguem apanhá-lo, meu velho. É cá um finório!

Insisti em pagar a minha conta. Quando o empregado me trouxe o troco, avistei Tom Buchanan do outro lado da sala cheia de gente.

- Venha daí comigo só por um minuto - disse eu -, vou só ali cumprimentar uma pessoa.

Quando nos viu, Tom levantou-se de um pulo e deu meia dúzia de passos em direcção a nós.

- Por onde tem você andado? - perguntou impacientemente.

- A

Daisy está furiosa porque você nem sequer tem telefonado.

- O senhor Gatsby, o senhor Buchanan...

Apertaram-se brevemente as mãos e uma expressão constrangida, nada familiar, de embaraço sobreveio ao rosto de Gatsby.

- Mas, afinal, como tem passado? - insistiu Tom em saber.

- Como é que veio almoçar tão longe?

81

- Estive a almoçar com o senhor Gatsby.

Ao voltar-me para o senhor Gatsby, já ele tinha desaparecido.

"Num dia de Outubro de 1917..." (disse Jordan Baker nessa

mesma tarde, sentada, muito hirta, numa cadeira de espaldar direito do jardim-esplanada do Plaza Hotel)... andava eu a correr de casa em casa, com um pé no passeio e o outro nos relvados. Sentia-me melhor nos relvados, porque tinha calçado uns sapatos ingleses com saliências de borracha nas solas, que se enterravam na terra mole. Vestia também uma saia escocesa nova, que se enfunava ligeiramente ao vento e, sempre que isto acontecia, as bandeiras vermelhas, azuis e brancas, em frente das casas, punham-se todas tesas e emitiam um tut-tut-tut-tut,(1) em tom de desaprovação.

A bandeira maior e o relvado mais vasto pertenciam à casa da

Daisy Fay. Ela tinha exactamente dezoito anos, era dois anos mais velha do que eu e, de longe, a mais requestada de todas as raparigas de Louisville. Vestia-se de branco e tinha um pequeno roadster branco(1) e todo o santo dia o telefone tocava lá em casa - eram os jovens oficiais de Camp Taylor, muito excitados, a rogarem o privilégio de a monopolizarem por aquela noite. Nem que seja só por uma hora!

Quando, nessa manhã, cheguei em frente da casa dela, o roadster branco estava parado ao lado do passeio e ela sentada

lá dentro, acompanhada de um tenente que eu nunca tinha visto.

Estavam tão concentrados um no outro, que ela não me viu senão quando eu já estava a cinco pés deles.

*1. Assim, no original, tut: som usado para exprimir desaprovação ou descrença. (N. da T.)

2. No original, roadster: carro descapotável de dois lugares, com um assento suplementar, ou porta-bagagens, nas traseiras; buggy (barata,). (N. da T.)

- Olá, Jordan! - chamou-me sem eu contar. - Chega aqui, por favor!

Senti-me lisongeadada por ela querer falar comigo, porque de todas as raparigas mais velhas era ela a que eu mais admirava.

Perguntou-me se eu ia para a Cruz Vermelha fazer ligaduras. Disse-lhe que sim e ela perguntou-me se, nesse caso, eu não me importava de lhes dizer que ela não podia lá ir nesse dia.

O oficial olhava para a Daisy enquanto ela falava, da maneira

como todas as raparigas novas esperam que olhem para elas algum dia e, porque me pareceu romântico, o incident ficou-me

gravado na memória. Chamava-se ele Jay Gatsby e não voltei a

pôr-lhe a vista em cima durante quatro anos - nem mesmo depois

de o ter encontrado em Long Island fui capaz de o reconhecer.

Isto, em 1917. No ano seguinte, já eu tinha também alguns pretendentes e comecei a jogar em torneios, de modo que raramente via a Daisy. Ela andava com pessoas ligeiramente mais velhas do que eu - isto, quando andava com alguém. Circulavam a seu respeito, os boatos mais incríveis - que, numa noite de Inverno, a mãe tinha ido dar com ela a fazer as

malas para ir a Nova Iorque despedir-se de um militar que ia

para o ultramar. Que a família tinha conseguido impedi-la de

ir, mas que, durante várias semanas, também não lhe falou. Que

depois disso não voltara a meter-se com militares, mas apenas

com rapazes da cidade, de pés chatos e míopes, dispensados do

serviço militar.

No Outono seguinte, já ela andava outra vez alegre como dantes. Depois do armistício, estreou-se em sociedade e em Fevereiro presumia-se que estava comprometida com um rapaz de

Nova Orleães. Casou-se, em Junho, com Tom Buchanan, de Chicago, um casamento de pompa e circunstância como Louisville

jamais conhecera. Ele trouxe uma centena de convidados em quatro carruagens particulares e alugou um andar inteiro do

Muhlbach Hotel e na véspera do casamento deu-lhe um colar de

pérolas avaliado em trezentos e cinquenta mil dólares.

83

Eu fui como dama de honor. Entrei no quarto dela meia hora antes do jantar de casamento e dei com ela deitada na cama, encantadora como uma noite de Junho no seu vestido florido...

e bêbeda como um cacho. Tinha uma garrafa de sauternes numa das mãos e uma carta na outra.

- Dá-me os parabéns! - balbuciou ela. - Nunca bebi nada na

vida, mas, oh!, como isto me sabe bem!

- Que se passa, Daisy?

Assustei-me mesmo, posso garantir-lhe; nunca tinha visto uma

rapariga naquele estado.

- Olha aqui, minha cara - rebuscou num cesto de papéis

que
tinha ao seu lado, em cima da cama, e tirou de lá o colar de
pérolas: - Leva-o lá para baixo e devolve-o a quem
pertencer.

Diz, que a Daisy mudou de ideias. Diz: A Daisy mudou de
ideias!

Começou a chorar - chorou que se fartou. Saí a correr e
encontrei a criada da mãe dela; então, fechámos a porta à
chave e demos-lhe um banho de água fria. Não largava a carta
nem por mais uma. Levou-a consigo para a banheira, fê-la
numa

bola e só quando viu que a carta estava a desfazer-se como
farrapos de neve é que me deixou pô-la na saboneteira.

Mas não disse mais nada. Demos-lhe amoníaco a cheirar,
pusemos-lhe gelo na testa e enfiámos-lhe outra vez o vestido
de noiva; quando, meia hora depois, saímos do quarto, já
ela

tinha o colar de pérolas ao pescoço e o incidente estava
encerrado. No dia seguinte, às cinco horas, casou-se com
o Tom

Buchanan sem ter sequer um arrepio e partiu para a viagem
de

núpcias, de três meses, nos mares do Sul.

Vi-os em Santa Bárbara, depois de terem voltado, e achei
que

nunca tinha visto uma mulher tão perdida pelo marido como
ela.

Bastava que ele se ausentasse do quarto por um minuto para
logo se pôr a olhar à volta, inquieta e a perguntar:

"Para onde foi o Tom?", e ficava com a expressão mais
ausente,

enquanto não o via aparecer à porta. Costumava sentar-se
na

areia com a cabeça dele no regaço, horas a fio, se fosse
preciso, a acariciar-lhe os olhos com os dedos e a olhar
para

ele com insondável deleite. Enternecia vê-los assim juntos
-

fazia-nos rir baixinho, mas de puro enlevo. Isto, em Agosto.

Uma semana depois de eu ter vindo de Santa Bárbara, Tom
chocou, uma noite, com um camião, na estrada de Ventura,

e
ficou sem uma das rodas dianteiras do carro. Os jornais
também

falaram da rapariga que ia com ele, porque ficou com um braço
partido - era uma das criadas de quarto do Hotel Santa
Bárbara.

Em Abril do ano seguinte, a Daisy teve a menina e foram
passar um ano a França. Vi-os, uma Primavera, em Cannes,
mais

tarde em Deauville e, finalmente, regressaram a Chicago

para
aí se fixarem. A Daisy era muito conhecida em Chicago, como
você sabe. Andava sempre com um grupo de gente estroina,
todos
eles novos, ricos e desenfreados, mas ela saiu-se desta com
uma reputação absolutamente irrepreensível.
Provavelmente, por
não beber. É sempre uma vantagem não beber, quando se está
entre pessoas que bebem de mais. Pode-se ter tento na língua
e, o que é mais, tem-se tempo para reparar qualquer pequena
irregularidade que se cometa, de forma a que os outros, que
estão toldados, dela não se apercebam ou não queiram saber.
É possível que a Daisy nunca se tenha deixado envolver
verdadeiramente na aventura amorosa - e, no entanto, há
qualquer coisa naquela voz...
Bom, há cerca de seis semanas, ela ouviu o nome de Gatsby
pela primeira vez em anos. Foi quando eu lhe perguntei -
lembra-se? - se você conhecia um tal Gatsby em West Egg.
Depois de você se ir embora, ela entrou no meu quarto,
acordou-me e disse: "Qual Gatsby?", Quando lho descrevi -
estava ela meio adormecida -, disse com a voz mais estranha
que devia ser o homem que ela tinha conhecido.

85

Só depois disso é que eu associei este Gatsby ao oficial
que
estava com ela dentro do carro branco.
Quando Jordan Baker acabou de me contar tudo isto 1, já
nós
tínhamos deixado o Plaza havia meia hora e andávamos a
passear
numa vitória pelo Central Park. O Sol tinha desaparecido
por
detrás dos elevados prédios de apartamentos das estrelas
de
cinema, dos West Fifties, e as vozes das crianças, já
reunidas
na relva como grilos, elevavam-se no quente crepúsculo:

Sou o xequê da Arábia.
O teu amor pertence-me.
De noite, quando estiveres a dormir
na tua tenda entrarei furtivamente...

- Foi uma coincidência estranha - disse eu.
- Mas não foi coincidência nenhuma!
- Então, porquê?
- O Gatsby comprou aquela casa, justamente para ficar
perto
da Daisy, do outro lado da baía.
Não tinha sido, pois, somente às estrelas que naquela
noite
de Junho ele aspirara. Subitamente, tornou-se-me vivo e

real,
liberto do ventre do seu esplendor sem sentido.
- O que ele quer saber - prosseguiu Jordan - é se você está disposto a convidar a Daisy para ir a sua casa uma tarde destas e a deixá-lo aparecer também.
A modéstia do pedido abalou-me.
Tinha esperado cinco anos para comprar uma mansão onde dispensava a luz das estrelas a borboletas ocasionais - só para poder aparecer, uma tarde qualquer, no jardim de um estranho!
- E eu era obrigado a saber isto tudo, para ele se permitir pedir tão pouco?

86

- Ele esperou tanto tempo, que tem medo. Pensou que você podia ofender-se. Sabe, é que debaixo disto tudo, ele é uma pessoa de princípios muito rígidos.
Havia qualquer coisa que eu não conseguia encaixar.
- Mas porque é que ele não lhe pediu a si que lhe proporcionasse o encontro?
- Porque ele quer que ela veja a casa dele - explicou.
- E
você mora mesmo ao lado.
- Oh!
- Acho que, de certa forma, ele esperava que ela aparecesse,
uma noite, numa das suas festas - continuou Jordan -, mas ela nunca o fez. Começou, então, a perguntar às pessoas se, por acaso, a conheciam e fui eu quem primeiramente ele abordou. Foi naquela noite em que, em pleno baile, ele me mandou chamar
e você deve ter notado os pormenores com que ele preparou a coisa. É claro que sugeri imediatamente um almoço em Nova Iorque, e estava a ver que ele perdia as estribeiras: "Não quero fazer nada fora daqui!", repetia ele. "Quero vê-la aqui mesmo, ao pé da porta!"
- Quando lhe disse que você era amigo pessoal do Tom, ele começou a pensar pôr de parte a ideia. Pouco sabe a respeito do Tom, embora diga que durante anos leu um jornal de Chicago,
na hipótese de algum dia ele falar no nome da Daisy.
Já estava escuro e, ao passarmos por debaixo de uma pequena ponte, pus o meu braço à volta dos dourados ombros de Jordan, puxei-a para mim e convidei-a para jantar.
De repente deixei de pensar em Daisy e Gatsby, para me concentrar apenas nesta pessoa nítida, firme e limitada, que negociava em cepticismo universal e se inclinava para trás, com graça, mesmo dentro do círculo do meu braço. Uma frase começou a martelar-me os ouvidos com uma espécie de

inebriante

excitação: "Só há perseguidos, perseguidores, activos e cansados."

- E a Daisy devia ter um objectivo na vida - murmurou Jordan.

87

- Ela não tem que saber o que se passa. O Gatsby não quer que ela saiba. Você só tem que a convidar para tomar chá.

Passámos uma sebe de árvores negras e depois as fachadas da

Fitty-Ninth Street; um bloco de delicada luz pálida projectou-se para o parque. Ao contrário de Gatsby e de Tom Buchanan, eu não tinha nenhuma rapariga cujo rosto

incorpóreo

flutuasse ao longo das sombrias cornijas e dos ofuscantes reclamos luminosos e por isso apertei mais, com o braço, a

rapariga que ia ao meu lado. A sua boca pálida e desdenhosa sorriu e apertei-a ainda mais, desta vez até os nossos rostos

se tocarem.

Capítulo V

Quando, nessa noite, regressei a West Egg, receei por momentos que a minha casa estivesse a arder. Eram duas da madrugada e todo o extremo da península resplandecia de luz, que se abatia, irreal, sobre os arbustos e produzia reflexos finos e alongados nos fios eléctricos e telegráficos à beira da estrada. Ao dobrar uma esquina, vi que era a casa de Gatsby, iluminada da torre à cave.

A princípio julguei que era mais uma festa, uma turbamulta desenfreada que se decidira pelas escondidas" ou pelas sardinhas em lata, com a casa inteira escancarada ao jogo. Mas

não se ouvia rumor algum. Apenas o vento a soprar nas árvores e a sacudir os fios eléctricos, apagando e acendendo as lâmpadas, como se a casa piscasse os olhos à escuridão. Já o

meu táxi se afastava rangendo, quando vi Gatsby encaminhar-se

para mim, atravessando o relvado.

- A sua casa parece mesmo a Feira Mundial - disse eu.

- Acha que sim? - Volveu-lhe um olhar ausente. - Tenho andado a dar uma vista de olhos a alguns compartimentos. Vamos

a Coney Island, meu velho. No meu carro.

- É demasiado tarde.

- E se fôssemos até à piscina dar um mergulho? Este Verão ainda nem a estreei.

- Tenho de ir para a cama.

- Bom, está bem.
Ficou à espera, a olhar para mim com contida ansiedade.
- Falei com a Miss Baker - disse eu, passado um momento.
-
Amanhã telefono à Daisy para a convidar a vir a minha casa tomar chá.
- Oh, deixe-se estar! - disse ele com naturalidade. - Não quero causar-lhe qualquer transtorno.

90

- Qual é o dia que mais lhe convém?
- Qual é o dia que mais lhe convém? - corrigiu-me ele prontamente. - Não quero causar-lhe qualquer transtorno, como deve perceber.
- Que tal depois de amanhã?
Considerou um instante e depois, com relutância:
- Primeiro queria mandar preparar a relva! - diss.
Olhámos ambos para a relva - havia uma nítida linha de separação onde acabava o meu relvado, mal tratado, e começava o dele, mais viçoso e bem conservado. Suspeitei que se referia à minha relva.
- E ainda há outra coisa - disse ele, irresoluto e hesitante.
- Preferia adiar isto por alguns dias? - perguntei.
- Oh, não tem nada a ver com isso! Pelo menos... - Tenteou várias formas de começar. - É que... estive a pensar... oiça cá, meu velho, você não ganha muito, pois não?
- Lá isso, não.
A minha resposta pareceu tranquilizá-lo, pois prosseguiu com mais confiança.
- Foi o que eu pensei, desculpe a minha... mas, já vê, eu tenho um pequeno biscate, uma espécie de negócio marginal, você entende. E pensei que, se você não ganha grande coisa...
Você vende títulos, não é assim, meu velho?
- Tento vender.
- Bom, talvez isto lhe interessasse. Não lhe ocupava muito tempo e podia lá ir buscar uns bons dinheiritos.. Trata-se é de uma coisa um tanto ou quanto confidencial.
Compreendo agora que, noutras circunstâncias, esta conversa podia ter redundado numa viragem da minha vida. Mas, porque a proposta dele era, óbvia e desajeitadamente, para me pagar em dinheiro um serviço a prestar-lhe, eu não tinha outra escolha senão pôr, logo ali, ponto final no assunto:
- Não tenho mãos a medir - disse-lhe. - Fico-lhe muito

grato, mas não posso comprometer-me com mais trabalho nenhum.

91

- Mas você não tinha que tratar com o Wolfshiem.

Pensou, evidentemente, que eu estava a recuar perante a gonegção mencionada ao almoço, mas garanti-lhe que estava errado. Esperou mais um momento, a ver se eu começava outra conversa, mas eu estava demasiado absorto para reagir e ele foi contrariado para casa.

O serão tinha-me deixado de ânimo leve e feliz; acho que, ao entrar em casa, mergulhei num sono profundo.

Por isso não sei se Gatsby chegou ou não a ir a Coney Island, ou quantas horas mais andou ele a dar uma vista de olhos aos compartimentos enquanto a sua casa continuava a fulgurar espalhafatosamente. Na manhã seguinte, telefonei a Daisy, do meu escritório, e convidei-a a ir tomar chá a minha casa.

- Não leve o Tom! - avisei-a.

- O quê?

- Não leve o Tom!

- Quem é o Tom? - perguntou ela, inocentemente.

No dia combinado, chovia torrencialmente. Às onze da manhã, um homem de impermeável, arrastando uma máquina de cortar relva, bateu-me à porta da frente e disse que tinha sido o senhor Gatsby que o tinha lá mandado para me cortar a relva. O que me fez lembrar que me tinha esquecido de dizer à minha finlandesa que voltasse e, assim, meti-me no carro a caminho de West Egg Village para a procurar nas vielas caiadas e empapadas de água e comprar chávenas, limões e flores.

As flores eram desnecessárias, pois às duas da tarde chegou, por encomenda de Gatsby, uma estufa com inúmeros receptáculos lá dentro para acomodar as plantas. Uma hora depois, a porta da frente abriu-se com nervosismo e Gatsby, em fato de flanela branco, camisa cor de prata e gravata cor de ouro, entrou apressadamente. Vinha pálido e com fundas olheiras de insónia.

- Está tudo em ordem? - perguntou imediatamente.

- A relva ficou óptima, se é isso que quer saber.

92

- Que relva? - perguntou, confundido. - Oh, a relva do pátio. - Olhou para ela através da janela mas, a julgar pela expressão do seu rosto, não creio que tenha visto fosse o que

fosse.

- Está com muito bom aspecto - observou vagamente. - Um dos jornais diz que a chuva deve parar por volta das quatro. Acho que é The Journal. Tem tudo o que é preciso para... para tomar chá?

Levei-o à copa, onde ele lançou um olhar algo reprovador à finlandesa. Perscrutámos ao mesmo tempo os doze bolos de limão vindos da pastelaria.

- Acha que está bem assim? - perguntei.

- Mas com certeza que está! Está ótimo! - e acrescentou ocaamente: - ... Meu velho.

Por volta das três e meia, a chuva reduziu-se a uma leve neblina, na qual finas gotas de água flutuavam, de vez em quando, como orvalho. Gatsby folheou com alheamento um exemplar do Economics, de Clay, assustando-se de cada vez que a finlandesa, com o seu andar pesado, fazia tremer o chão da cozinha, e espreitando, de quando em quando, pelas janelas embaciadas, como se uma série de acontecimentos invisíveis e, no entanto alarmantes, estivesse a ter lugar lá fora. Por fim, levantou-se e anunciou-me, numa voz insegura, que ia para casa.

- A que se deve isso?

- Ninguém vem tomar chá. É tarde demais! - Olhou para o relógio como se tivesse algum compromisso a cumprir imediatamente. - Não posso ficar o dia inteiro à espera.

- Não seja tolo, ainda faltam dois minutos para as quatro.

Sentou-se novamente, com um ar infeliz, como se eu o tivesse obrigado à força, e no mesmo instante ouviu-se o ruído de um motor a entrar nos meus domínios. Levantámo-nos de repente e, um pouco atormentado, eu próprio, saí para o pátio.

Debaixo dos lilases desfolhados e a pingar, um grande carro aberto subia o caminho.

Parou. O rosto de Daisy, ligeiramente de lado sob o chapéu de três bicos cor de alfavaca, olhou-me com um sorriso radioso e estático.

- É realmente aqui que você mora, meu mais-que-tudo?

A alegre inflexão da sua voz era como uma tónica turbulenta

na chuva. Foi-me preciso seguir-lhe. por instantes, as ondulações, só com o ouvido, para que as palavras tivessem algum sentido. Uma madeixa húmida de cabelo atravessava-lhe o rosto como uma mancha de tinta azul e a mão reluzia de gotas de chuva, quando lhe peguei para a ajudar a sair do carro.

- Será que você está apaixonado por mim? - segredou-me ao ouvido. - Ou, então, porque é que tinha eu de vir sozinha?

- É o segredo de Castle Rackrent! Diga ao seu motorista que desapareça por uma hora.

- Volte daqui a uma hora, Ferdie. - Depois, num murmúrio grave: - Ele chama-se Ferdie.

- A gasolina não lhe irrita o nariz?

- Acho que não - disse, ingenuamente. - Porquê?

Entrámos. Para minha completa surpresa, a sala estava deserta.

- Esta agora teve a sua graça! - exclamei.

- Que é que teve a sua graça?

Quando alguém bateu, discretamente, à porta da frente, ela voltou-se para ver quem era. Fui abrir. Gatsby, lívido como um cadáver, com as mãos afundadas como pesos nos bolsos do casaco, estava em pé numa poça de água, a olhar-me tragicamente nos olhos.

Ainda de mãos nos bolsos, entrou muito hirto, comigo, no hall, virou-se bruscamente como se se equilibrasse em cima de um arame e desapareceu na sala. Não teve mesmo piada nenhuma.

Atento ao bater agitado do meu próprio coração, empurrei a porta contra a chuva que aumentava.

Durante meio minuto não se ouviu um único som. Depois, da sala, chegou-me uma espécie de murmúrio abafado e parte de um riso, a que se seguiu a voz de Daisy numa nota clara e artificial:

- Estou mesmo muito contente por voltar a vê-lo.

Uma pausa, que durou horripelantemente. Como não estava a fazer nada no hall, fui para a sala.

Gatsby, ainda de mãos nos bolsos, estava encostado ao rebordo da lareira, numa simulação forçada de perfeito à-vontade, mesmo de enfado.

Tinha a cabeça de tal modo inclinada para trás que a apoiava no mostrador de um defunto relógio de lareira e, desta posição, os seus olhos perturbados fitavam Daisy, sentada, em

baixo, assustada mas graciosa, na borda de uma rígida cadeira.

- Já nos conhecíamos - murmurou Gatsby.

O seu olhar fixou-se, momentaneamente, em mim e os seus lábios apertaram-se numa tentativa, malograda, de riso.

Por sorte, o relógio aproveitou esta altura para descair perigosamente sob a pressão da sua cabeça e imediatamente ele

se voltou para o agarrar com dedos trémulos e o repor no seu

lugar. Depois sentou-se, rigidamente, com o cotovelo no braço

do sofá e a mão a apoiar o queixo, e disse:

- Ia-lhe dando cabo do relógio. Desculpe!

Agora era a minha cara que adquiria a cor de uma queimada verdadeiramente tropical. Dos mil lugares-comuns que tinha na

cabeça, não consegui lembrar-me de um único.

- É um relógio antigo - foi o que, imbecilmente, me escapou.

Penso que, por momentos, todos nós acreditámos que ele se

tinha despedaçado no chão.

- Já não nos víamos há muitos anos - disse Daisy, com a voz

mais natural que se possa imaginar.

- Faz cinco anos em Novembro próximo.

95

O automatismo da resposta de Gatsby impediu-nos de continuar, pelo menos durante outro minuto. Já eu os tinha posto de pé, com a sugestão desesperada de que me ajudassem a

preparar o chá na cozinha, quando a diabólica finlandesa apareceu com ele numa bandeja.

Entre a bem-vinda confusão de chávenas e bolos estabeleceu-se uma certa decência física. Gatsby recolheu-se

núma sombra e, enquanto Daisy e eu conversávamos, olhava conscienciosamente de um para o outro, com um olhar tenso e

infeliz. Mas como a calma não era um fim em si próprio, pedi desculpa no primeiro instante que me foi possível, e levantei-me.

- Onde vai você? - perguntou Gatsby, logo alarmado.

- Volto já.

- Antes de você sair, preciso de lhe dizer uma coisa.

Seguiu-me freneticamente até à cozinha, fechou a porta e

segredou-me: "Oh, meu Deus!", de um modo que me inspirou dó.

- Que se passa?

- Isto foi um erro crasso! - disse, abanando a cabeça de um

lado para o outro. - Um erro crasso, crasso!

- O que você está é embaraçado, mais nada. - Mas depois acrescentei: - E a Daisy também.
- Acha que sim? - repetiu, incredulamente.
- Tanto como você.
- Não fale tão alto!
- Você está a comportar-se como um garoto - desabafei, já impaciente. - E não só isso como também está a ser grosseiro! Deixou a Daisy para ali sentada, completamente só!

Ergueu a mão para me fazer calar, olhou-me com um ar de inesquecível reprovação e, abrindo cautelosamente a porta, voltou para a sala.

Saí pelas traseiras - tal como Gatsby fizera, meia hora antes, ao dar, nervoso, a volta à casa - e corri para uma enorme árvore negra e nodosa, cuja densa e entretecida folhagem servia de abrigo contra a chuva.

96

Voltava a chover torrencialmente e o meu relvado desigual, aparado pelo jardineiro de Gatsby, abundava em pequenos lameiros e em pântanos pré-históricos. Debaixo da árvore não

havia mais nada para onde olhar, a não ser aquela casa enorme de Gatsby, e ali fiquei, durante meia hora, a olhar para ela

tal como Kant olhava para a torre da igreja. Tinha-a construído um cervejeiro no tempo em que havia a mania do estilo de época, uma década antes, e contava-se que ele tinha

acedido a pagar impostos, durante cinco anos, sobre todas as

casas de campo das redondezas, caso os respectivos proprietários lhes cobrissem os telhados de colmo. Talvez a

recusa deles Lhe tenha tirado o ânimo para levar avante o seu

projecto de fundação de uma dinastia, e entrou imediatamente

em declínio. Os filhos venderam-Lhe a casa ainda com o festão

fúnebre à porta. Os americanos, ainda que voluntariosa, quando

não mesmo ansiosamente, servis, sempre foram obstinados na aceitação do campesinato.

Meia hora depois, o sol voltou a brilhar e o automóvel do

merceeiro contornou o carreiro da casa de Gatsby com a matéria-prima para o jantar dos seus serviçais - eu tinha a

certeza de que ele não ia comer uma só colher fosse do que fosse. Uma criada começou a abrir as janelas do andar de cima

da sua casa, aparecendo momentaneamente a cada uma delas e,

debruçada no grande vão central, cuspiu pensativamente para

O jardim. Eram horas de eu regressar. Enquanto durou, a chuva era como o murmúrio das vozes deles, subindo e avolumando-se um pouco, de vez em quando, com rajadas de emoção. Mas, uma vez restabelecido o silêncio, senti que também dentro de minha casa ele tinha caído.

Entrei - depois de ter feito todos os barulhos possíveis na cozinha, menos o de arrastar o fogão -, mas não creio que eles tenham ouvido um único som.

97

Estavam sentados, cada um em seu canto do sofá, a olharem um para o outro como se esperassem resposta a uma pergunta que talvez pairasse no ar, e todo e qualquer vestígio de embaraço tinha desaparecido. O rosto de Daisy estava manchado de lágrimas e, quando eu entrei, ela levantou-se de repente e pôs-se a esfregá-lo com um lenço diante de um espelho. A mudança que, em Gatsby, se operara é que me deixou confundido.

Estava literalmente inflamado; sem uma só palavra ou gesto de exultação, irradiava dele um bem-estar novo que enchia a pequena sala.

- Oh, olá, meu velho! - disse ele, como se não me visse há anos.

Por um instante cheguei a pensar que ia cumprimentar-me de aperto de mão.

- Parou de chover.

- Ah sim? - Quando ele percebeu do que eu estava a falar, e que havia guizos de sol a vibrarem na sala, sorriu como um meteorologista, ou como um cliente extasiado da luz intermitente, e repetiu a novidade a Daisy: - Que me diz a isto - Parou de chover!

A garganta dela, de uma beleza cheia de dor e sofrimento, só podia falar de uma alegria inesperada:

- Estou muito contente, Jay!

- Quero que você e a Daisy venham a minha casa - disse ele

-, gostava de Lha mostrar.

- Tem a certeza de que quer que eu vá?

- Absoluta, meu velho!

Daisy subiu ao andar de cima para lavar a cara - tarde demais, pensei eu, com humilhação, nas minhas toalhas enquanto

Gatsby e eu aguardávamos no relvado.

- A minha casa tem bom aspecto, não tem? - perguntou. -
Veja

como o sol bate em toda a frontaria!

Concordei que era esplêndida.

Percorreu com os olhos a casa toda, das portas em arco
à
torre quadrada.

- Pois é verdade, levei só três anos a ganhar o dinheiro
que
ela me custou.

98 - 99

- Julguei que você tinha herdado.

- E herdei, meu velho - respondeu automaticamente -, mas
perdi quase tudo no grande pânico... no pânico da guerra.

Pareceu-me que mal sabia o que estava a dizer, pois quando
lhe perguntei qual era o ramo do seu negócio, respondeu:
"Isso

é comigo!", antes de se aperceber de que não era resposta
que
se desse.

- Oh, já estive metido em várias coisas - corrigiu-se.

-
Estive no negócio de produtos farmacêuticos e depois no do
petróleo. Mas agora não estou nem num nem no outro. -
Olhou-me

com mais atenção. - Quer dizer que estive a ponderar no que
lhe propus naquela noite?

Antes que eu pudesse responder, Daisy saiu de casa e as
duas
filas de botões de metal do seu vestido raiaram à luz do
sol.

- É aquela casa enorme, além? - exclamou ela, apontando.

- Gosta?

- Adoro, mas não percebo como é que você consegue ali viver
sozinho!

- Tenho-a, noite e dia, cheia de gente interessante. De
gente que faz coisas interessantes. Gente célebre.

Em vez de seguirmos ao longo do Sound para encurtar
caminho,
descemos até à estrada e entrámos pelo grande portal. Com
murmúrios de encanto, Daisy admirava este ou aquele aspecto
da

feudal silhueta contra o céu, admirava os jardins, o aroma
penetrante dos junquinhos, o odor espumoso dos espinheiros
e

das ameixoeiras em flor e a leve fragrância doirada dos
amores-perfeitos. Era estranho chegar à escadaria de
mármore e

não encontrar o frufu dos vestidos de cores vivas a
entrarem

e a saírem, nem ouvir outro som além do chilrear dos pássaros
nas árvores.

Já dentro de casa, ao vaguearmos pelas salas de música

Maria

Antonieta e pelos salões Restauração, tive a sensação de que havia convidados escondidos atrás de cada sofá e de cada mesa, com ordens para nem tão-pouco respirarem até nós termos passado. Quando Gatsby fechou a porta da biblioteca Merton College - eu podia ter jurado que ouvira o homem de olhos de coruja desatar a rir como um fantasma.

Subimos ao andar de cima e atravessámos quartos de cama de estilo de época, enfaixados em sedas cor-de-rosa e alfazema e aivados de flores frescas, quartos de vestir e salas de jogo, e casas de banho com banheiras embutidas - entrando, como intrusos, num quarto onde um homem, de cabelo desgrenhado e em pijama, fazia exercícios físicos de barriga no chão. Era o senhor Klipspringer, o hóspede". Tinha-se visto, naquele dia, de manhã, a vaguear, esfomeado, pela praia. Por fim, chegámos aos verdadeiros aposentos de Gatsby, com um quarto de cama e uma casa de banho, e um gabinete de estilo Adam,, onde nos sentámos a beber um copo de uma chartreuse que ele tirou de um armário de parede.

Não desviara o olhar de Daisy um só instante e pareceu-me que reavaliava tudo o que tinha em casa de acordo com a reacção que lia nos bem-amados olhos dela. Por vezes, olhava embasbacado para os seus haveres, como se, na presença efectiva e assombrosa dela, tudo aquilo tivesse deixado de existir. Esteve mesmo prestes a cair por um lanço de escadas.

O seu quarto de cama era o mais simples de todos - só o toucador estava guarnecido com um conjunto de toilette de ouro puro, baço. Daisy pegou na escova, deliciada, e alisou o cabelo, e logo Gatsby se sentou, tapou os olhos com as mãos e desatou a rir.

- Nunca vi coisa mais engraçada, meu velho - disse, enquanto se ria. - Não posso... quando me lembro...

Tinha visivelmente passado por dois estados de espírito e estava a entrar num terceiro. Depois do embaraço inicial e da alegria absurda, consumia-se em assombro com a presença dela.

Arrebatado pela ideia durante tanto tempo, tinha imaginado tudo aquilo do princípio ao fim, esperado de dentes cerrados, por assim dizer, a um inconcebível grau de intensidade, para reagir agora como um relógio estafado de se lhe ter dado corda de mais.

Recompondo-se num minuto, abriu, para vermos, dois enormes armários, capazes, só eles, de comportar todos aqueles fatos, roupões e gravatas, e as camisas empilhadas, como tijolos, às dúzias.

- Tenho, em Inglaterra, um homem que me compra as roupas. No princípio de cada estação, Primavera e Outono, manda-me uma selecção de coisas.

Tirou uma pilha de camisas e começou a lançá-las, uma a uma, aos nossos olhos, para cima de uma mesa: eram camisas de linho puro, de seda grossa e de flanela fina, que perdiam as dobras ao caírem e cobrirem a mesa numa desordem multicolor. Enquanto as admirávamos, foi buscar mais e aquele macio e colorido monte subiu mais alto - camisas às riscas, com espiras e em xadrez, cor de coral, verde-maçã, alfazema, e laranja-pálido, com monogramas a azul-da-índia. De súbito, Daisy enfronhou a cabeça nas camisas e explodiu num ataque de choro.

- Que lindas camisas, estas! - soluçava, com a voz abafada nas espessas pregas. - Entristece-me nunca ter visto umas camisas tão... tão bonitas na minha vida!

A seguir à casa, estávamos para ir ver o terreno em volta e a piscina, o hidroplano e as flores do pino do Verão, da janela do quarto de Gatsby, vimos que lá fora voltava a chover e assim ficámos em fila, a contemplar a superfície enrugada do Sound.

- Se não fosse a neblina, conseguíamos ver a sua casa, do outro lado da baía - disse Gatsby. - Você tem sempre uma luz verde a arder, toda a noite, na extremidade da doca.

Daisy enfiou, bruscamente, o seu braço no dele, mas ele parecia absorvido no que acabara de dizer.

Ocorria-lhe, provavelmente, que o colossal significado daquela luz se dissipava agora para sempre. Em comparação com a grande distância que o tinha separado de Daisy, parecera-lhe que a luz o aproximava dela, quase a tocar-Lhe.

Parecera-lhe estar tão próximo dela como uma estrela da Lua.

Mas, agora, voltava a ser simplesmente uma luz verde numa doca. A sua soma de objectos encantados tinha de subtrair um.

Comecei a andar pelo quarto, a examinar diversos objectos, indefinidos na semiobscuridade. Chamou-me a atenção uma fotografia ampliada de um sujeito de idade, vestido como os homens dos iates, que estava pendurada na parede, por cima da sua secretária.

- Quem é este?

- Esse? Esse é o senhor Dan Cody, meu velho.

O nome não me era completamente estranho.

- Já morreu. Há muitos anos, ele era o meu melhor amigo.

Em cima da secretária, havia uma pequena fotografia de Gatsby, também em traje naval - Gatsby, com a cabeça atirada para trás, em ar de desafio - aparentemente tirada por volta dos seus dezoito anos.

- Adoro esta fotografia! - exclamou Daisy. - A poupa!(1) Você nunca me disse que tinha usado poupa... nem que tinha tido um iate!

- Olhe para isto! - disse Gatsby, vivamente. - É uma série de recortes de jornais... a seu respeito!

Ficaram lado a lado, a examiná-los. Ia eu pedir-lhe que me mostrasse os rubis, quando o telefone tocou e Gatsby levantou o auscultador.

- Sim... bom, mas agora não posso falar... Não posso falar agora, meu velho... Eu disse uma cidade pequena!... Ele deve saber o que é uma cidade pequena...

*1. Pompadour, no original. Penteado feminino ou masculino ao estilo da marquesa de Pompadour (1721-1764). (N. da T.)

Bom, se Detroit é a noção que ele tem de uma cidade pequena, não sei que utilidade tem ele para nós!...

Desligou o telefone.

- Venham cá depressa! - gritou Daisy da janela.

Continuava a chover, mas havia abertas a oeste e, por cima do mar, um tropel de nuvens espumosas, cor-de-rosa e

doiradas.

- Olhe para aquilo! - murmurou ela e, passado um instante:

-

Só queria apanhar uma daquelas nuvens cor-de-rosa, metê-lo lá

dentro e empurrá-lo!

Nesta altura, tentei ir-me embora, mas nem ouvir-me falar nisso eles queriam; talvez a minha presença os fizesse sentir

mais satisfatoriamente a sós.

- Já sei o que vamos fazer! - disse Gatsby. - Vamos pôr o Klipspringer a tocar piano!

Saiu do quarto a chamar Ewing! e voltou poucos minutos depois, acompanhado de um rapaz novo, embaraçado e ligeiramente envelhecido, com óculos de aros de tartaruga e

parco cabelo louro. Estava agora decentemente vestido com uma

camisa sport, aberta no colarinho, sapatos de lona e calças de

algodão de nebuloso matiz.

- Fomos interromper-Lhe a ginástica? - perguntou Daisy com cortesia.

- Eu estava a dormir! - exclamou o senhor Klipspringer, num espasmo de embaraço. - Isto é, tinha estado a dormir. Depois levantei-me...

- O Klipspringer toca piano - disse Gatsby, interrompendo-o.

- Não toca, Ewing, meu velho?

- Não toco lá muito bem. Não... não toco quase nada. Estou des...

- Vamos lá para baixo - interrompeu outra vez Gatsby. Tocou

num interruptor. O cinzento das janelas desapareceu assim que

a casa resplandeceu de luz.

Na sala de música, Gatsby acendeu uma lâmpada solitária junto do piano. Segurando, com mão trémula, um fósforo, acendeu o cigarro de Daisy e sentou-se ao pé dela num sofá, bem ao fundo da sala, onde a única luz que havia era a que, a

partir do hall, reflectia o fulgurante soalho.

Quando acabou de tocar The Love Nest, Klipspringer voltou-se

no banco e, com um ar infeliz, procurou Gatsby na escuridão.

- Estou completamente destreinado, como vê! Já Lhe tinha dito que não sabia tocar. Estou completamente des...

- Não fale tanto, meu velho! - ordenou Gatsby. - Toque! De

manhã, Ou à tarde. Quanto não gozámos nós...

Lá fora o vento soprava forte e ouvia-se um vago trovejar ao

longo do Sound. Já todas as luzes se acendiam em West Egg; os

comboios eléctricos, cortando a chuva, despejavam os passageiros de Nova Iorque, de regresso a casa. Era a hora de profundas mudanças no ser humano e no ar gerava-se a excitação. Uma coisa é certa e nada há de mais certo, Os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres têm cada vez mais filhos.

Entretanto, Nos intervalos...

Ao aproximar-se deles para me despedir, notei que a expressão de perplexidade tinha voltado ao rosto de Gatsby, como se uma vaga dúvida lhe tivesse ocorrido, quanto à índole

da sua actual felicidade. Quase cinco anos! Deve ter havido momentos, ainda nessa altura, em que Daisy não correspondeu inteiramente aos seus sonhos - não por culpa dela, mas devido

à colossal vitalidade da própria ilusão dele, que tinha ultrapassado Daisy, e tudo o mais. Tinha-se lançado na ilusão

com tal paixão criadora, que constantemente a acrescentava,

104

ataviando-a de todas as plumas de cor que lhe aparecessem pelo

caminho. Não há fogo nem frescura, por muito grandes que sejam, capazes de competir com os fantasmas que, no seu íntimo, um homem consegue armazenar.

Quando me pus a observá-lo, recompôs-se um pouco, visivelmente. A sua mão apoderou-se da dela e quando ela lhe

sussurrou qualquer coisa ao ouvido voltou-se para ela com um

ímpeto de emoção. Acho que era a voz dela, com aquele calor febril e flutuante, o que mais o arrebatava, porque inexcedível pelos sonhos - aquela voz era uma canção imortal.

Já se tinham esquecido de que eu estava ali, mas Daisy ergueu os olhos e estendeu-me a mão; Gatsby é que parecia ter-se esquecido agora completamente de mim. Olhei uma vez mais para eles e eles devolveram-me um olhar distante, possuídos de uma vida intensa.

Então saí da sala e descí a escadaria de mármore, à chuva, deixando-os sozinhos lá dentro.

Capítulo VI

Mais ou menos por esta data, um jovem repórter ambicioso,

vindo de Nova Iorque, bateu uma manhã à porta de Gatsby e perguntou-lhe se tinha alguma coisa a dizer.

- Alguma coisa a dizer a respeito de quê? - perguntou

Gatsby, delicadamente.

- Bom... qualquer declaração a fazer.

Passados uns cinco confusos minutos, ficou a saber-se que o rapaz tinha ouvido, lá pela redacção, o nome de Gatsby associado a qualquer coisa que, ou não queria revelar, ou não tinha entendido totalmente. Era o seu dia de folga e, por sua louvável iniciativa, tinha-o aproveitado para ver in loco o que se passava.

Era um tiro ao acaso e ainda assim o instinto do repórter tinha a sua lógica. A notoriedade de Gatsby, propalada pelas centenas de pessoas que tinham beneficiado da sua hospitalidade e se tinham tornado, por isso, autoridades a respeito do seu passado, crescera durante todo aquele Verão, acabando por suplantar as notícias.

Com ele se prendiam as lendas contemporâneas, como a do oleoduto subterrâneo para o Canadá" e contava-se com persistência uma história, segundo a qual ele não morava numa casa, mas sim num barco que parecia uma casa, que subia e descia, às ocultas, a costa de Long Island.

Não é fácil dizer ao certo por que razão estas invenções eram, para James Gatz, de North Dakota, uma fonte de satisfação.

James Gatz - tal era, na verdade, ou pelo menos legalmente, o seu nome. Tinha-o mudado aos dezassete anos e no momento específico que testemunhou o início da sua carreira - quando viu o iate de Dan Cody lançar ferro no mais insidioso baixio do Lago Superior.

106

Fora James Gatz quem, naquela tarde, andara a vadiar pela praia, em camisola de lã verde rasgada e calças de lona, mas

foi já Jay Gatsby quem pediu emprestado um barco a remos, arrancou para o Tuolomee e informou Cody de que, se um vento forte o apanhasse ali, em meia hora lhe dava cabo do iate.

Suponho que, já então, pensava em mudar de nome. Os seus pais eram gente do campo; pobre e sem aspirações - a imaginação dele nunca chegara, de facto, a aceitá-los como pais. A verdade é que Jay Gatsby de West Egg, Long Island, nasceu da concepção platónica que ele tinha de si mesmo. Era

um filho de Deus - frase que, se significa alguma coisa, é exactamente isso - e devia andar ao serviço do Pai, ao serviço

de uma vasta, vulgar e meretrícia beleza. Assim, inventou exactamente o tipo de Jay Gatsby que qualquer rapaz de

dezassete anos provavelmente inventaria e a esta concepção manteve-se fiel até ao fim.

Durante mais de um ano calcorreara a costa meridional do Lago Superior a apanhar ostras e a pescar salmões ou a fazer qualquer outra coisa que lhe assegurasse comida e cama. O seu

corpo trigueiro e calejado vivia naturalmente do trabalho semiviolento e semi-indolente da vida revigorante ao ar livre.

Cedo conheceu as mulheres, mas, como o estragaram com mimos, começou a desprezá-las: as virgens, porque eram ignorantes, as

outras porque reagiam histericamente a certas coisas que, na

sua obsessiva auto-contemplação, tomava como naturais.

Mas o seu coração andava num tumulto constante e turbulento.

À noite, na cama, perseguiram-no os pensamentos mais grotescos

e fantásticos.

Um universo de inefável louçania ficava-lhe a rodopiar na

cabeça, enquanto o relógio tiquetaqueava em cima do lavatório

e o luar impregnava de luz as roupas amontoadas a esmo, no chão. Todas as noites acrescentava alguma coisa às suas fantasias até a sonolência desabar, num abraço de esquecimento, sobre uma qualquer cena vivida.

107

Durante algum tempo, estes devaneios foram um escape para a sua imaginação; eram um indício satisfatório da irreabilidade do

real, uma promessa de que a rocha do mundo se alicerçava firmemente na asa de uma fada.

O seu instinto para a glória futura tinha-o levado, uns meses antes, a frequentar a pequena universidade luterana de

St. Olaf, no Sul do Minnesota.

Por lá ficou duas semanas, desiludido com a feroz indiferença do ambiente da universidade perante o rufar dos tambores do seu destino, perante o destino em geral, e desprezando o trabalho de porteiro com que devia pagar a sua

carreira académica. Derivou então, novamente, para o Lago Superior e continuava à procura de uma ocupação qualquer no

dia em que o iate de Dan Cody ancorou nos baixios, junto à

costa.

Cody tinha então cinquenta anos e era um produto das minas de prata do Nevada, do Yukon e de todas as corridas ao metal desde setenta e cinco.

As transacções em cobre de Montana, que tantas vezes o

fizeram milionário, apanharam-no fisicamente robusto mas à beira da debilidade mental e, suspeitando disto, uma infinidade de mulheres procurou apartá-lo do seu dinheiro. As maquinações de modo nenhum edificantes com que Ella Kaye, a jornalista, representou para ele, neste seu estado senil, o papel de Madame de Maintenon(1) e o mandou para o mar num iate, eram propriedade pública do jornalismo sensacionalista de 1902.

*1. Madame de Maintenon (Françoise d'Aubigné, marquesa de), neta de Agrippa d'Aubigné (Nion, 1635-Saint Cyr, 1719). Baptizada na Igreja Católica, mas educada na religião calvinista, converteu-se ao catolicismo e desposou o poeta Scarron (1652). Enviuvando em 1660, foi encarregada da educação dos filhos de Luís XIV e de Madame de Montespan; depois da morte de Maria Teresa, casou-se secretamente com o rei (1684). Exerceu sobre Luís XIV influência considerável, em especial no domínio religioso. Após a morte do rei (1715), retirou-se para a casa de Saint-Cyr que ela fundara para a educação de moças nobres e pobres.

108

Havia já cinco anos que costeava ao longo de praias verdadeiramente hospitaleiras, quando apareceu na Little Girl

Bay, decidido a seguir o destino de James Gatz.

Para o jovem Gatz que, apoiado aos remos, contemplava de baixo a amurada do convés, aquele iate representava toda a

beleza e esplendor do mundo. Imagino que terá sorrido a Cody -

provavelmente, já então tinha descoberto que as pessoas gostavam do seu sorriso. Seja como for, Cody fez-lhe algumas perguntas (com uma das quais conseguiu arrancar-lhe o nome ainda por usar) e reconheceu que ele era sagaz e singularmente

ambicioso. Dias depois, levou-o a Duluth, e comprou-lhe um casaco azul, seis pares de calças de fazenda branca e um boné.

E quando o Toulomee partiu para as Antilhas e para a Costa Berbere, levou consigo Gatsby.

Ia vagamente em serviço pessoal - enquanto se manteve com Cody, foi alternadamente criado, grumete, capitão, secretário,

e até carcereiro, pois o Dan Cody sóbrio sabia em que

prodigalidades o Dan Cody bêbedo logo se metia e prevenia-se contra tais contingências, depositando cada vez maior confiança em Gatsby. O contrato durou cinco anos, durante os quais o barco deu três voltas ao continente. Podia ter durado indefinidamente, se não fosse o facto de Ella Kaye ter vindo a bordo, uma noite, em Boston, e daí a uma semana Dan Cody ter inospitadamente morrido.

Lembro-me do retrato dele lá em cima, no quarto de Gatsby, um homem de cabelo grisalho e aspecto sadio, com um rosto duro e um olhar vazio - o tipo do pioneiro debochado que, em determinada época da vida americana, trouxe consigo para a Costa Leste a violência selvagem do bordel e do saloon da fronteira. Era indirectamente devido a Cody que Gatsby bebia tão pouco. Por vezes, no decorrer de festas licenciosas, havia mulheres que lhe friccionavam o cabelo com champanhe; por si, adquiriu o hábito de não tocar em bebidas alcoólicas.

109

E foi de Cody que ele herdou dinheiro - um legado de vinte e cinco mil dólares. Que não chegou a possuir. Nunca conseguiu perceber que dispositivo legal usaram contra ele, mas o que restava dos milhões foi, intacto, para Ella Kaye. A ele, ficou-lhe a educação que tinha e singularmente se lhe apropriava; o vago contorno de Jay Gatsby recheava-se da substância de um homem.

Só muito mais tarde ele me contou tudo isto, mas narro-o já aqui, na intenção de fazer cair por terra esses primeiros descomedidos rumores acerca dos seus antecedentes, que não tinham o menor fundamento. Além de que mo contou numa altura em que eu andava tão baralhado que chegara ao ponto de acreditar ao mesmo tempo em tudo e em nada do que a seu respeito se dizia. Aproveito, portanto, esta breve pausa, enquanto Gatsby, por assim dizer, retoma o fôlego, para pôr termo a esta série de calúnias.

Pausa esta que o foi também relativamente à minha intervenção nos seus assuntos particulares. Durante várias semanas, não o vi nem tão-pouco. Lhe ouvi a voz ao telefone - passei a maior parte deste tempo em Nova Iorque, a correr com Jordan de um lado para o outro e a tentar ganhar as boas graças da senil tia dela -, até que, num domingo à tarde, acabei por ir a casa dele. Estava eu lá, havia, se tanto, dois

minutos, quando alguém apareceu com Tom Buchanan para beber um

copo. Fiquei, naturalmente, espantado, mas de surpreender realmente era que isto não tivesse acontecido há mais tempo.

Eram, ao todo, três e tinham vindo a cavalo - Tom, um homem chamado Sloane e uma bonita mulher, em traje de amazona castanho, que já lá tinha estado.

- É um enorme prazer vê-los por cá! - disse Gatsby, de pé, à

entrada. - Estou encantado com a vossa visita!

Como se, realmente, se importasse com eles!

- Sentem-se, por favor! Querem um cigarro? E um charuto?

-

Andava ligeiro à volta da sala, a tocar campainhas. - Já lhes

dou de beber. É só um minuto!

110

Sentia-se profundamente afectado pelo facto de Tom ali estar. Mas muito mais embaraçado ficaria enquanto não lhes oferecesse alguma coisa, compreendendo vagamente que era só

para isso que eles tinham vindo. O senhor Sloane não quis nada. Uma limonada? Não, obrigado. Um pouco de champanhe? Absolutamente nada, obrigado... Não leve a mal...

- E gostaram do passeio?

- Boas estradas, estas, aqui à volta.

- Os automóveis é que...

- Pois é.

Movido por um impulso irresistível, Gatsby voltou-se para Tom, que aceitara ser-lhe apresentado, como se fossem estranhos um ao outro.

- Creio que nos conhecemos de qualquer lado, senhor Buchanan.

- Oh, sim! - disse Tom com rude delicadeza, mas manifestamente não se lembrando de onde. - Tem razão! Lembro-me agora perfeitamente!

- Encontrámo-nos há cerca de duas semanas.

- Exactamente. Estava o senhor aqui com o Nick.

- Conheço a sua esposa - continuou Gatsby, quase agressivamente.

- Ah sim?

Tom virou-se para mim:

- Vive aqui perto, Nick?

- Mesmo ao lado.

- Ah, sim?

O senhor Sloane não entrou na conversa - continuou pachorrentamente sentado, a olhar com sobranceira; e a mulher

também não se manifestou a não ser ao segundo uísque com soda,

e com inesperada cordialidade:

- À sua próxima festa, havemos de vir todos, senhor Gatsby!

- propôs ela. - Que nos diz?

- De acordo! Terei muito prazer em vê-los por cá!
- Que gentileza! - disse o senhor Sloane, sem gratidão.
-
Bom... já devíamos estar a caminho de casa.

111

- Deixem-se estar, que estão muito bem! - instou Gatsby, já a controlar a situação e a querer descobrir mais coisas em Tom. - Porque é que vocês não... por que não ficam para jantar? Não me admirava nada se aparecessem cá em casa mais pessoas de Nova Iorque.
- Venha o senhor jantar comigo! - disse a dama, entusiasticamente. - Aliás, venham os dois!
O outro era eu. O senhor Sloane pôs-se em pé.
- Venha daí! - disse ele, mas era só com ela.
- Estou a falar a sério! - insistiu ela. - Gostaria imenso de os receber! Espaço não falta!
Gatsby olhou para mim, interrogativamente. Apetecia-lhe ir e não percebia que o senhor Sloane estava decidido a evitá-lo.
- Lamento muito, mas não posso ir! - disse eu.
- Então, vem o senhor! - teimou ela com Gatsby.
O senhor Sloane murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido.
- Se formos já, chegamos a tempo! - respondeu ela em voz alta.
- Mas eu não tenho cavalo - disse Gatsby. - No exército andava a cavalo, mas nunca cheguei a comprar nenhum. Terei de os seguir no meu carro. Dêem-me licença só por um minuto.
Enquanto isto, fomos andando até ao pórtico, onde Sloane e a dama encetaram uma acalorada conversa à parte.
- Meu Deus, parece que o homem vem mesmo - disse Tom. - Será que ele não percebe que ela não o quer para nada?
- Ela quer que ele vá jantar com ela!
- Ela dá hoje um grande jantar e ele não vai lá encontrar uma única alma conhecida! - franziu o sobrolho. - Só pergunto é onde raio é que ele foi desencantar a Daisy. Posso ser muito bota-de-elástico mas, meu Deus, cá para o meu gosto acho que as mulheres, hoje em dia, andam demasiado à solta. À mercê de todo e qualquer bicho careta.

112

De repente, o senhor Sloane e a dama desceram a escadaria e montaram os seus cavalos.
- Vamos embora - disse o senhor Sloane a Tom -, já estamos

atrasados. Temos de ir andando. - E, a seguir, para mim:
-

Diga-lhe que não podemos esperar, sim?

Tom apertou-me a mão, troquei um frio aceno de cabeça com os outros e fiquei a vê-los descer o caminho a trote rápido e desaparecer sob a folhagem de Agosto, no preciso momento em que Gatsby, de chapéu e com o sobretudo fino na mão, aparecia à porta.

Tom ficou evidentemente perturbado com os passeios solitários de Daisy, pois no sábado seguinte, à noite, apareceu com ela na festa de Gatsby. Foi, talvez, a presença dele que tornou essa noite particularmente pesada - de entre as outras festas de Gatsby, nesse Verão, é esta que se destaca

na minha memória. Havia a gente do costume, ou pelo menos o mesmo tipo de gente, a mesma profusão de champanhe, a mesma agitação polícroma e polifonia, mas eu sentia que o ar estava desagradável, impregnado de uma aspereza que não tinha sentido

antes. Ou talvez me tivesse apenas habituado a aceitar West Egg como um mundo acabado, com os seus padrões próprios e as

suas personalidades importantes, em nada inferior a nada, por

não ter consciência alguma de ser como era, e que eu contemplava agora através dos olhos de Daisy. É sempre confrangedor ver com outros olhos as coisas em relação às quais já havíamos esgotado a nossa própria capacidade de ajustamento.

Chegaram ao anoitecer e, enquanto deambulávamos pelo jardim,

entre as centenas de animados convivas, a voz de Daisy ia-nos

seduzindo com os seus murmúrios guturais:

- Estas coisas excitam-me tanto! - sussurrava ela. - Se em

qualquer momento da noite me quiser beijar, Nick, basta que mo

diga e de bom grado farei tudo para o conseguir. Só tem de mencionar o meu nome. Ou de apresentar um cartão verde.

Estou

a distribuir cartões ver...

- Olhe à sua volta! - sugeriu Gatsby.

- Já estou a olhar. Estou a sentir-me maravilhosamente...

- Deve estar a ver caras de muita gente de quem tem ouvido falar.

O olhar arrogante de Tom percorreu a multidão.

- É raro sairmos - disse. - Estava exactamente a pensar

que

não conheço aqui viva! alma!

- É capaz de conhecer aquela senhora. - Gatsby apontou para

uma vistosa e quase desumana orquídea feminina, pomposamente

sentada debaixo de uma ameixoeira branca. Tom e Daisy fitaram-na, com essa peculiar sensação de irrealidade que normalmente acompanha a identificação de uma celebridade do

cinema, até aqui espectral.

- É adorável - disse Daisy.

- O homem que está curvado sobre ela é o realizador.

Conduziu-os cerimoniosamente de grupo em grupo:

- A senhora Buchanan... e o senhor Buchanan... - Após um instante de hesitação, acrescentou: - O jogador de pólo.

- Oh, não - objectou Tom vivamente -, eu não!

Mas era evidente que a designação agradara a Gatsby, pois Tom ficou a ser o jogador de pólo, para o resto da noite.

- Nunca encontrei tantas celebridades! - exclamou Daisy.

-

Gostei muito daquele sujeito... como se chamava ele?... com um

nariz a modos que azul.

Gatsby identificou-o, acrescentando que era um pequeno produtor.

- O que ele é não me interessa, só sei que gostei dele.

- Cá por mim, agradava-me mais não ser o jogador de pólo

-

disse Tom prazenteiramente. Preferia ficar a olhar para toda

esta gente famosa no anonimato.

Daisy dançou com Gatsby. Lembro-me de ter ficado surpreendido com a graciosidade e o rigor com que ele executou

o fox-trot - nunca o tinha visto dançar. A seguir foram andando até minha casa e sentaram-se nos degraus, durante meia

hora, enquanto eu, a pedido dela, fiquei de sentinela no jardim.

- Para o caso de haver um incêndio ou um dilúvio - explicou ela -, ou qualquer outra manifestação da vontade divina!

Já nós estávamos sentados para cear, quando Tom saiu do seu anonimato".

- Importam-se de que eu me sente além a comer com aquela gente? - perguntou. - Está lá um tipo a contar umas coisas curiosas.

- Prà frente! - respondeu Daisy cordialmente. - E se quiseres tomar nota de alguns endereços, aqui tens a minha lapiseirinha de ouro!...

Passado um instante, olhou à sua volta e disse-me que a rapariga era vulgar mas bonita, e só então percebi que, a

não

ser a meia hora que passara a sós com Gatsby, não se estava a divertir nada.

Quanto a nós, por minha culpa, ficámos numa mesa de gente particularmente embriagada. Gatsby tinha sido chamado ao telefone - e duas semanas antes eu divertira-me com esta mesma gente. Mas o que então me divertira empestava agora a atmosfera.

- Como se sente, Miss Baedeker?

A rapariga a quem se dirigiam tentava em vão cair sobre o meu ombro. Ao ouvir a pergunta, endireitou-se e abriu os olhos:

- Quê?

Uma mulher apática e volumosa, que estivera a desafiar Daisy para ir jogar golfe com ela, no dia seguinte, no clube local, interveio a favor de Miss Baedeker:

- Oh, ela já está bem! Sempre que bebe cinco ou seis cocktails, começa a gritar dessa maneira. Bem lhe digo que se deixe de bebidas.

- Mas eu não bebo - afirmou falsamente a acusada.

- Ouvimo-la berrar e eu disse aqui ao doutor Civet: "Há ali alguém a precisar da sua ajuda, doutor."

115

- Tenho a certeza de que lhe está muito grata - disse outra amiga, sem gratidão nenhuma. - Mas a senhora molhou-lhe o vestido todo quando lhe meteu a cabeça na piscina.

- Se há coisa que detesto é que me metam a cabeça dentro da

água - resmungou Miss Baedeker. - Por essas e por outras é que

eu me ia afogando uma vez, em New Jersey.

- Por isso mesmo é que devia deixar de beber - contrapôs o doutor Civet.

- Fale mas é por si! - exclamou veementemente Miss Baedeker.

- Até as mãos lhe tremem! A mim é que o senhor não operava!

Levaram todo o tempo nisto. Praticamente, a única coisa de

que me lembro é de estar de pé, ao lado de Daisy, a observar o

realizador de cinema e a sua estrela. Continuavam debaixo da

ameixoeira branca e os seus rostos tocavam-se, admitindo de

permeio não mais do que um fino e pálido raio de luar.

Ocorreu-me então que ele passara toda a noite a debruçar-se, pouco a pouco, cada vez mais sobre ela, para chegar a esta

proximidade, e justamente enquanto eu estava a observá-los vi-o inclinar-se um grau mais e beijá-la na face.

- Gosto dela - disse Daisy -, acho-a linda!

Mas tudo o mais a ofendia - e sem polémica possível, porque não era um simples gesto mas uma verdadeira emoção. Ela estava

chocada com West Egg, com esta quinta, sem precedentes, engendrada pela Broadway numa aldeia piscatória de Long Island

- chocada com o rude vigor que corroía pela base os velhos eufemismos e com o destino demasiado obstrutivo dos seus habitantes, arrebanhados ao longo de um atalho que os conduzia

do nada para o nada. A verdadeira simplicidade, ininteligível

para ela, inspirava-lhe terror.

Sentei-me com eles nos degraus da entrada, enquanto esperavam pelo seu automóvel. À nossa frente estava escuro;

116 - 117

só a porta projectava dez pés quadrados de luz intensa na escuridão da suave madrugada. Por vezes, uma sombra movia-se

diante do estore do quarto de vestir, em cima, dava lugar a

outra sombra, a uma indefinida procissão de fantasmas, que se

maquilhavam a um espelho invisível.

- Mas, afinal, quem é este Gatsby? - perguntou Tom de repente. - Algum contrabandista de álcool dos grandes?

- Onde é que ouviu dizer isso? - perguntei eu.

- Não ouvi dizer. Calculei. Fique sabendo que a maior parte destes novos-ricos não são senão contrabandistas de bebidas alcoólicas.

- Mas o Gatsby não é - respondi laconicamente.

Ficou calado um instante. O saibro da álea estalava-lhe debaixo dos pés:

- Bom, mas deve-lhe ter dado bom trabalho reunir todos estes espécimes.

A brisa agitou o pêlo cinzento da estola de Daisy.

- Ao menos, são mais interessantes do que as pessoas que nós

conhecemos - disse ela com esforço.

- Não me pareceste assim tão interessada.

- Mas estava!

Tom riu-se e voltou-se para mim:

- Reparou na cara da Daisy quando aquela rapariga lhe pediu

que lhe desse um duche de água fria?

Daisy começou a cantar ao som da música, num cicio cavo e

rítmico, que conferia a cada palavra sua um significado que nunca tivera nem voltaria a ter. Quando a melodia se

elevava,
a sua voz acompanhava-a docemente, de um modo peculiar aos
contraltos, e a cada mudança derramava no ar um pouco da
sua
quente magia humana.

- Muitas das pessoas que cá vêm nem sequer foram
convidadas

- disse subitamente. - Aquela rapariga, por exemplo, não
foi
convidada. Limitam-se a entrar à força e ele é demasiado
delicado para lhes pôr objecções.

- Ainda gostava de saber quem é ele e o que faz - insistiu
Tom. - Acho que vou tentar descobri-lo.

- Posso dizer-te já - respondeu ela. - Ele foi
proprietário
de uns drugstores, de uma série deles. Foi ele mesmo que
os
montou.

A retardada limusina começou a deslizar pelo acesso
acima.

- Boa noite, Nick - disse Daisy.

O seu olhar deixou-me para visar o iluminado topo das
escadas, a porta, de onde derivava agora a Three o'clock
in

the morning, uma valsinha ingénua e triste, muito em voga
nesse ano. Ao fim e ao cabo, havia na própria sem-cerimónia
da

festa de Gatsby românticas possibilidades, totalmente
ausentes

do mundo dela. Que haveria naquela melodia que parecia
chamá-la outra vez para dentro? Que iria acontecer agora
nas

incalculáveis horas crepusculares? Talvez chegasse algum
convidado incrível, uma pessoa infinitamente rara e digna
de

ser admirada, alguma rapariga autenticamente radiosa a quem
bastasse um fresco relance de olhos a Gatsby, num momento
de

encontro mágico, para apagar aqueles cinco anos de
inabalável

devoção.

Nessa noite, fiquei lá até tarde. Gatsby pediu-me que
esperasse que ele se libertasse dos hóspedes e demorei-me
pelo

jardim até o inevitável grupo de nadadores, tiritantes e
animados, voltar da praia escura e as luzes se apagarem nos
quartos de hóspedes, em cima. Quando ele, por fim, desceu

as

escadas, tinha a pele bronzeada do rosto mais repuxada do
que

habitualmente e os olhos brilhantes de fadiga.

- Ela não gostou da festa - disse imediatamente.

- Mas é claro que gostou.

- Não gostou, não - insistiu ele. - Não se divertiu nada.

Calou-se e eu adivinhei-lhe a inexprimível depressão.

- Sinto-me muito distante dela - disse ele. - É difícil
fazê-la compreender.

- Refere-se ao baile?

118

- O baile? - Com um estalar de dedos, repudiou todos os bailes que já tinha dado. - Não é o baile que importa, meu velho!

O que ele queria de Daisy era tão-somente que ela fosse ter com Tom e lhe dissesse: "Nunca te amei." Só depois de ela ter riscado aqueles quatro anos com esta simples frase é que eles poderiam decidir sobre as medidas mais práticas a tomar. Uma delas era que, mal ela ficasse livre, haviam de voltar a Louisville para se casarem na casa dela... tal como se fosse há cinco anos atrás.

- E ela não compreende isso! - disse ele. - Antigamente era capaz de entender. Ficávamos horas sentados...

Fez uma pausa e começou a andar para lá e para cá de um caminho desolado, coberto de cascas de fruta, objectos de adorno e flores esmagadas.

- Se fosse eu, não exigia demasiado dela - arrisquei-me a dizer. - O passado não se repete.

- O passado não se repete? - exclamou, incrédulo. - Mas é claro que se repete!

Olhou, esgazeado, à sua volta, como se o passado estivesse à espreita dele ali mesmo, na sombra da casa, ainda que fora do seu alcance.

- Vou preparar tudo exactamente como antes - disse, acenando com determinação. - Ela vai ver!

Falou muito sobre o passado e fui levado a concluir que ele pretendia recuperar qualquer coisa, uma ideia de si mesmo, talvez, que tinha entrado no seu amor por Daisy. Desde então, a vida tinha-se-lhe tornado desordenada e confusa, mas se ele pudesse algum dia voltar a um certo ponto de partida e percorrê-lo, lentamente, de fio a pavio, havia de descobrir que coisa era essa...

Cinco anos antes, numa noite de Outono, tinham andado a passear numa rua coberta de folhas, até que chegaram a um sítio onde não havia árvores e o passeio estava banhado de luar. Aí pararam e viraram-se um para o outro. A noite estava fresca e trazia com ela a misteriosa excitação que acompanha as duas grandes mutações do ano.

As luzes tranquilas das casas zumbiam na escuridão e havia um burburinho entre as estrelas. Pelo canto do olho, Gatsby viu que os blocos dos passeios formavam realmente uma escada que ia dar a um lugar secreto, acima das árvores - podia subi-la, se fosse sozinho e, uma vez lá em cima, mamar na teta da vida, bebendo de um trago o incomparável leite do prodígio. O coração batia-lhe mais depressa à medida que o branco rosto de Daisy se aproximava do seu. Ele sabia que quando tivesse beijado esta rapariga e para sempre unido as suas indizíveis visões ao perecível hálito dela, jamais a sua mente voltaria a folgar como a mente divina. Por isso esperou, escutando por mais um instante o diapasão que batera contra uma estrela. Depois beijou-a. Quando os seus lábios a tocaram, ela desabrochou para ele com uma flor e a encarnação consumou-se.

De tudo quanto ele disse, já do seu próprio decepcionante sentimentalismo, alguma coisa me ficou na memória - um ritmo ilusório, um fragmento de palavras perdidas que eu já ouvira algures, havia muito tempo. Por instantes, uma frase tentou formar-se-me na boca e os meus lábios apartaram-se como os de um mudo, como se dizê-la exigisse deles maior esforço do que um intimidado sopro de ar. Mas não conseguiram articulá-la e o que eu quase chegara a recordar ficou para sempre incomunicável.

Capítulo VII

Foi quando a curiosidade por Gatsby atingiu o auge que, um sábado à noite, as luzes da sua casa ficaram por acender - e tão obscuramente como tinha começado a sua carreira de Trimalcião(1) acabou.

Só pouco a pouco me fui apercebendo de que os automóveis que entravam, expectantes, no acesso da casa, permaneciam ali

apenas um minuto, para logo se irem embora, amuados.

Receando

que ele estivesse doente, fui até lá saber o que se passava-um

mordomo desconhecido, com cara de vilão, olhou-me, desconfiadamente, de esquelha, através da porta.

- O senhor Gatsby está doente?

- Ná. - Depois de uma pausa, acrescentou um "senhor" arrastado e de má vontade.

- Como não o tenho visto por aqui, estava em cuidados. Diga-lhe que esteve cá o senhor Carraway.

- O quem? -- perguntou, rudemente.

- O Carraway.

- Carraway: Está bem, eu digo-lhe.

E atirou abruptamente com a porta.

Foi a minha finlandesa que me informou de que Gatsby tinha despedido todo o pessoal, havia uma semana, e o substituíra por meia dúzia de outros serviçais, que nunca iam à povoação de West Egg para não se deixarem subornar pelos comerciantes e, em vez disso, encomendavam as provisões, agora moderadas, pelo telefone.

*1. Referência ao episódio do festim de Trimalcião, do Satiricon, de Petróneo, que descreve um banquete ridiculamente sumptuoso. (N. da T.)

122 - 123

O rapaz da mercearia contava que a cozinha parecia um chiqueiro e a opinião geral da aldeia era a de que o novo pessoal não era propriamente criadagem.

No dia seguinte, Gatsby telefonou-me.

- Está de viagem? - indaguei.

- Não, meu velho.

- Disseram-me que você despediu os criados todos.

- Precisava de cá ter gente que não desse à língua. A Daisy vem cá muitas vezes... à tarde.

Assim, ao desaprovador olhar dela, todo aquele caravançarái tinha desabado como um castelo de cartas.

- É uma gente por quem Wolfshiem queria fazer qualquer coisa. São todos irmãos e irmãs uns dos outros. Estavam à frente de um pequeno hotel.

- Estou a perceber.

Estava a telefonar-me, dizia ele, a pedido de Daisy; para saber se eu queria ir almoçar, no dia seguinte, a casa dela. E

que a Miss Baker também lá ia. Meia hora depois telefonou a própria Daisy, que me pareceu aliviada quando eu lhe disse que

ia. Alguma coisa tinha acontecido. E no entanto era incapaz de

acreditar que eles escolhessem esta ocasião para fazerem uma

cena - sobretudo uma cena humilhante como aquela que Gatsby esboçara no jardim.

No dia seguinte, praticamente o último e decerto o mais quente desse Verão, o calor era de abrasar. Quando o comboio emergiu do túnel para a luz do dia, só os silvos da National Biscuit Company quebravam a ardente quietude do meio-dia. Os

assentos de palha da carruagem estavam à beira da combustão;
a
mulher que ia ao meu lado transpirou delicadamente, por
algum
tempo, na sua blusa branca, e depois, como o jornal se lhe
humedecesse de suor nas mãos, pôs-se a abanar-se,
desesperada
com o calor insuportável. A sua carteira escorregou para
o
chão e ela suspirou arquejante:

- Oh, meu Deus!

Curvei-me penosamente para a apanhar e entreguei-lha,
segurando-a, de braço estendido, com as pontas dos dedos,
para

Lhe dar a entender que não tinha qualquer segunda intenção

-

mas nem assim escapei ao olhar desconfiado das pessoas ali
ao

pé, incluindo ela própria.

- Mas que calor está! - disse o maquinista às caras
familiares. - Que raio de tempo este!... Quente!...
Quente!...

Quente!... Está suficientemente quente para o seu gosto?

Assim

já está quente? Já?

Devolveu-me o bilhete de comutação⁽¹⁾ com uma mancha
escura.

Como se alguém, com um calor destes, se preocupasse em saber
que lábios ardentes beija ou que cabeça lhe embebe de suor
o

bolso do pijama, sobre o coração!

Pelo hall da casa dos Buchanan soprava um vento leve,
trazendo o toque do telefone até à porta, onde Gatsby e eu
esperávamos:

- O corpo do patrão? - berrou o mordomo para o bocal. -
Lamento muito, minha senhora, mas não podemos fornecê-lo...
com um calor destes ao meio-dia, nem se lhe pode tocar!

O que, na realidade, ele dizia, era: "Sim... Sim... Eu
vou

ver." Pousou o auscultador e encaminhou-se para nós, com
um

vago ar de satisfação, para pegar nos nossos rígidos chapéus
de palha.

- A senhora espera-os no salão! - exclamou, indicando
desnecessariamente o caminho. Com este calor, qualquer
gesto a

mais era uma afronta às reservas comuns da vida.

A sala, bem protegida do sol pelos toldos das janelas,
estava sombria e fresca. Daisy e Jordan, deitadas, como
ídolos

de prata, num sofá enorme, retinham os seus vestidos brancos
contra a melodiosa brisa das ventoinhas.

- Não podemos mexer-nos! - disseram ao mesmo tempo.

*1. Commutation ticket, no original. Bilhete válido para
um

número fixo de viagens dentro do mesmo percurso e por período limitado. (N. da T.)

124

Os dedos de Jordan, cobertos de pó-de-arroz, assentaram por um instante nos meus.

- Que é feito do senhor Thomas Buchanan, o atleta? - indaguei.

E simultaneamente ouvi-lhe a voz rude, abafada e roufenha, ao telefone, no hall.

Gatsby ficou no meio do tapete carmesim, a olhar em torno, fascinado.

Daisy observava-o e ria-se, com aquele seu riso doce e excitante; uma minúscula nuvem de pó-de-arroz soltou-se-lhe do seio para o ar.

- Parece que é a namorada de Tom que está ao telefone - sussurrou Jordan.

Ficámos calados. No hall, a voz ergueu-se num tom irritado:

- Muito bem, nesse caso não lhe vendo o carro... Não lhe devo qualquer espécie de favor... e esta coisa de me vir incomodar com isso à hora do almoço, tem de acabar!

- Isso mesmo, desliga-lhe o telefone! - disse Daisy com cinismo.

- Não, não é caso para isso - assegurei-lhe eu. - Trata-se de um negócio sério. Por acaso estou a par dele.

Tom abriu a porta de rompante, bloqueou a passagem, por instantes, com o seu volumoso corpo e avançou à pressa pela sala:

- Senhor Gatsby! - estendeu a mão larga e espalmada com bem disfarçada relutância. - Muito prazer em vê-lo por cá... Nick...

- Prepara-nos um refresco! - pediu Daisy.

Quando ele voltou a abandonar a sala, ela levantou-se, aproximou-se de Gatsby, puxou-lhe o rosto para baixo e beijou-o na boca.

- Bem sabe que o amo - murmurou ela.

- Não esqueças que está uma senhora aqui presente! - disse Jordan.

Daisy olhou em volta, com ar de dúvida:

125

- Beija tu também o Nick.

- Que rapariga vulgar, ordinária!

- Quero lá saber! - bradou Daisy, que começou a fazer sapateado na lareira de tijolo. Então lembrou-se do calor e sentou-se de novo no sofá, com ar de culpa, no preciso

momento

em que uma ama, que parecia lavada e engomada de fresco, entrou na sala com uma menina.

- Mi-nha jói-a! - cantou ela a meia voz, estendendo os braços. - Venha à mamã que a adora.

A ama largou a criança e esta atravessou a sala a correr para se ir esconder timidamente nas saias da mãe.

- A minha jóia preferida! A mamã já lhe sujou o cabelinho loiro com pó-de-arroz, não foi? Agora ponha-se direita e diga:

Como passaram os senhores?

Gatsby e eu, cada um por sua vez, fizemos-Lhe uma vénia e

apertámos-Lhe a mãozinha relutante. Ele ficou a olhar para a

criança com surpresa, como se realmente nunca tivesse acreditado que ela existia.

- Vesti-me antes do almoço! - disse a criança, reclamando a atenção de Daisy.

- Isso foi porque a mamã estava ansiosa por te mostrar!

-

curvou-se para beijar o único refego do pescocinho branco da

menina. - Oh, sonho meu! Meu sonho absoluto!

- Sim - admitiu calmamente a criança. - A tia Jordan também tem um vestido branco.

- Gostas dos amigos da mãe? - Daisy fê-la dar meia volta, até ficar de frente para Gatsby. - Achas que são bonitos?

- Onde está o papá?

- Não se parece nada com o pai - explicou Daisy. - Parece-se

é comigo. Tem o meu cabelo e a forma do meu rosto.

Daisy reclinou-se no sofá. A ama avançou um passo e estendeu-lhe a mão:

- Vamos, Pammy.

- Adeus, minha querida!

126

Com um relutante relance de olhos à retaguarda, a disciplinada criança pegou na mão da ama e deixou-se levar porta fora, no mesmo momento em que Tom voltava com quatro

gins, a tilintar cheios de gelo.

Gatsby tirou um dos copos.

- Têm ar de estar bem frescos! - disse em visível tensão. Bebemo-los em longos e sôfregos tragos.

- Li em qualquer parte que, de ano para ano, o Sol vai aquecendo! - disse Tom amavelmente. - Parece que muito em breve a Terra vai embater no Sol... Não, esperem aí... É exactamente o contrário... O Sol é que, de ano para ano, vai arrefecendo.

- Venha até lá fora! -- sugeriu ele a Gatsby. - Gostaria que

desse uma vista de olhos a isto.

Acompanhei-os até à varanda. No verde Sound, que parecia estagnado ao sol, uma pequena vela rastejava lentamente em direcção ao alto mar, mais fresco. Gatsby seguiu-a momentaneamente com o olhar; levantou a mão e apontou para o outro lado da baía:

- Moro mesmo em frente a vocês.

- É verdade.

Erguemos os olhos acima dos canteiros de rosas, do relvado escaldante e dos resíduos de algas secas da canícula, ao longo

da praia. As asas brancas do barco moviam-se devagar sobre a

linha azul e fria do horizonte. Adiante estendia-se o oceano encrespado e as abençoadas ilhas da abundância.

- Aquilo é que é desporto! - disse Tom, abanando a cabeça.

-

Gostava de estar ali uma hora.

Almoçámos na sala, igualmente às escuras por causa do calor, afogando a jovialidade nervosa na cerveja fria.

- Que vamos nós fazer esta tarde? - exclamou Daisy. - E amanhã, e durante os próximos trinta anos?

- Não sejas mórbida! - disse Jordan. - Quando vier o Outono e o tempo arrefecer, a vida começa de novo.

*1. O rickey é uma mistura de uma bebida alcoólica (neste caso, gim), sumo de limão, açúcar e soda. (N. da T.)

- Mas está tanto calor! - insistiu Daisy, à beira das lágrimas. - E está tudo tão confuso! Vamos todos para a cidade!

A sua voz debatia-se obstinadamente contra o calor, procurando dar forma à sua vacuidade.

- Já vi transformarem uma cavaleriça em garagem - dizia Tom a Gatsby -, mas sou eu o primeiro a transformar uma garagem em cavaleriça.

- Quem é que quer ir para a cidade? - insistiu Daisy. Os olhos de Gatsby flutuaram em direcção a ela. - Ah! - exclamou ela -, parece tão calmo!

Os olhos de ambos encontraram-se e fixaram-se um no outro, sozinhos no espaço. Com esforço, ela baixou-os para a mesa:

- Parece sempre tão calmo! - repetiu.

Ela tinha-lhe dito que o amava e Tom Buchanan viu que assim era. A sua boca entreabriu-se levemente, a olhar para Gatsby e

depois outra vez para Daisy, como se acabasse de reconhecer nela alguém que conhecera há muito tempo.

- Você faz-me lembrar o anúncio do homem - continuou ela inocentemente. - Conhece aquele anúncio com um homem...

- Pois bem! - interrompeu energicamente Tom -, por mim, estou perfeitamente disposto a ir até à cidade. Vamos embora... todos para a cidade!

Levantou-se, com os olhos ainda a chispar entre Gatsby e a mulher. Ninguém se mexeu.

- Vamos embora! - começou a perder o controlo. - Mas, afinal, que se passa? Para ir à cidade, tem de ser já!

Com a mão a tremer do esforço de se dominar, levou à boca o resto da cerveja. A voz de Daisy fez-nos pôr de pé a caminho da vereda de saibro flamejante.

- E vamos assim, sem mais nem menos? - objectou ela. - Não se pode fumar um cigarro primeiro?

128

- Toda a gente passou o almoço a fumar.

- Oh, vamos mas é divertir-nos! - suplicou ela. - Está calor de mais para zaragatas!

Ele não respondeu.

- Seja feita a tua vontade! - disse ela. - Anda daí, Jordan!

Enquanto elas subiram ao andar de cima para se vestirem, nós os três ficámos a arrastar os pés pelo saibro. Já o C prateado da lua pairava no céu, a oeste. Gatsby ia para falar e mudou de ideias, mas nesse momento já Tom rodara sobre os pés e o encarava, expectante.

- Os estábulos ficam aqui? - perguntou Gatsby com esforço.

- Não, ficam mais ou menos a um quarto de milha daqui, ao fundo da estrada.

- Ah!

Pausa.

- Não percebo esta ideia de irmos agora para a cidade!

- Irrompeu Tom ferozmente. - As mulheres têm cada ideia!...

- Levamos alguma coisa que se beba? - perguntou Daisy de uma janela, lá em cima.

- Vou buscar uísque! - respondeu Tom, e entrou em casa. Gatsby voltou-se rigidamente para mim:

- Não posso abrir a boca nesta casa, meu velho!

- Ela tem uma voz indiscreta - observei. - Uma voz cheia de... - hesitei.

- A voz dela está cheia é de dinheiro! - disse ele subitamente.

Era isso mesmo. Nunca o tinha compreendido. Cheia de dinheiro - era esse o inexaurível encanto dos seus altos e baixos, aquele tilintar, aquela melodia de címbalos... Lá

no
cimo de um palácio branco, a filha do rei, a menina de ouro!
...
Tom saiu de casa com uma garrafa de um quarto de galão,
embrulhada numa toalha, seguido por Daisy e Jordan, ambas
com
chapéus de tecido metálico e capas leves no braço.

129

- Vamos todos no meu carro? - sugeriu Gatsby. Apalpou o couro verde do assento, que escaldava. - Devia tê-lo deixado à
sombra.
- É de transmissão standard? - perguntou Tom.
- É.
- Nesse caso, o senhor leva o meu coupé e deixa-me conduzir o seu carro até à cidade.
A ideia desagradou a Gatsby.
- Acho que não tem gasolina suficiente - objectou.
- Gasolina tem ele à farta! - disse Tom com rispidez. Olhou para o manómetro. - E se faltar, pára-se num drugstore! Hoje em dia, compra-se tudo o que se quiser num drugstore!
A esta observação, aparentemente sem sentido, seguiu-se uma
pausa. Daisy franziu o sobrolho a Tom e no rosto de Gatsby perpassou uma expressão indefinível, decididamente estranha e
vagamente familiar ao mesmo tempo, como se apenas a tivesse ouvido descrever por palavras.
- Vamos lá, Daisy! - disse Tom, empurrando-a com a mão para
o carro de Gatsby. - Vais comigo neste vagão de circo!
Abriu-lhe a porta, mas ela desviou-se do círculo do seu braço.
- Tu levas o Nick e a Jordan e nós vamos atrás de vocês no
coupé.
Aproximou-se de Gatsby, roçando-lhe o casaco com a mão. Jordan, Tom e eu ocupámos os lugares da frente do carro de Gatsby, Tom experimentou as engrenagens que não conhecia e
disparámos pelo calor opressivo, deixando-os para trás, bem fora do nosso alcance.
- Viram aquilo? - perguntou Tom.
- O quê?

130

Olhou penetrantemente para mim, partindo do princípio de que, tanto eu como Jordan, há muito devíamos saber de tudo:
- Mas vocês acham que eu sou completamente estúpido? - instigou-nos. - Posso ser muito estúpido, mas às vezes tenho uma... quase como que uma segunda visão, que me diz o que devo

fazer. Podem não acreditar, mas a ciência...

Calou-se. A contingência imediata colheu-o de surpresa e fê-lo recuar, à beira do abismo das teorias.

- Já andei a investigar umas coisas sobre este tipo - prosseguiu. - Se soubesse, tinha ido mais longe...

- Quer dizer que consultou um medium? - inquiriu Jordan, com humor.

- Um quê? - confuso, ele fitou-nos e nós ríamos. - Um medium?

- Por causa do Gatsby.

- Um medium para o Gatsby! Não, nada disso. O que eu quis dizer foi que já andei a fazer uma pequena investigação a respeito do seu passado.

- E descobriu que ele andou em Oxford! - disse Jordan, à laia de ajuda.

- Andou agora em Oxford! - exclamou, incrédulo. Em Oxford, uma figa! Um homem que usa um fato cor-de-rosa?

- Pois é, mas que andou em Oxford, andou.

- Oxford, Novo México! - resfolegou Tom com desdém. - Ou qualquer coisa no género.

- Escute cá, Tom, se você é tão snob, porque é que o convidou para almoçar? - perguntou Jordan, já irritada.

- Quem o convidou foi a Daisy! Conheceu-o antes de nos casarmos... sabe Deus onde!

Passado o efeito da cerveja, já íamos todos irritados e, conscientes disso, calámo-nos por algum tempo. Depois, quando

ao fundo da estrada apareceram os olhos murchos do doutor T.

J. Eckleburg, lembrei-me do aviso de Gatsby a propósito da gasolina.

- Ainda temos que chegue, até à cidade - disse Tom.

131

- Mas há uma garagem já ali! - contrapôs Jordan. - Não quero parar na estrada, com este calor de assar!

Tom accionou impacientemente os dois travões e parámos bruscamente, erguendo uma nuvem de poeira, sob a tabuleta de

Wilson. Passado um instante, veio lá de dentro o dono, que fixou no carro o seu olhar vazio.

- Precisamos de gasolina! - ordenou Tom com rudeza. - Ou para que é que você pensa que parámos aqui? Para admirar a paisagem, não?

- Estou doente - disse Wilson, sem se mexer. - Tenho estado todo o dia assim.

- Que é que sente?

- Estou esgotado.

- Então posso servir-me? - perguntou Tom. - Mas ao telefone

estava bem esprevidado!

Com esforço, Wilson saiu da sombra e do apoio da ombreira da porta e, respirando com dificuldade, desatarraxou o tampão do depósito de gasolina. À luz do dia, o seu rosto parecia verde.

- Não queria interromper-Lhe o almoço - disse. - Mas como ando muito mal de dinheiro, queria saber o que tencionava o senhor fazer com o seu carro velho.

- Que lhe parece este? - perguntou Tom. - Comprei-o a semana passada.

- O amarelo é muito bonito! - disse Wilson, enquanto se esforçava a dar à bomba.

- Quer comprá-lo?

- Assim eu pudesse! - disse Wilson, e sorriu, abatido.

-
Esse não, mas com o outro podia fazer algum dinheiro.

- Mas para que é que quer o dinheiro, assim de repente?

- Já estou farto de viver aqui. Quero ir-me embora. A minha mulher e eu queremos ir para o Oeste.

- A sua mulher também quer ir? - exclamou Tom, alarmado.

- Há dez anos que fala nisso - descansou um momento contra a bomba, protegendo os olhos do sol. - E agora vai mesmo, quer ela queira ou não queira. Daqui, hei-de eu levá-la!

132

O coupé passou por nós num relâmpago, com uma lufada de pó e uma mão a acenar.

- Quanto Lhe devo? - perguntou Tom asperamente.

- De há dois dias para cá é que eu comecei a abrir os olhos e a perceber umas certas coisas - observou Wilson. - É por isso que eu me quero ir embora. E por isso é que tenho andado a maçá-lo com a história do carro.

- Quanto lhe devo?

- Um dólar e vinte.

O calor implacável começava a confundir-me e passei ali um mau bocado antes de compreender que, até agora, não era sobre

Tom que as suspeitas de Wilson recaíam. Descobrira que Myrtle

tinha uma vida qualquer à parte da sua, num outro mundo, e o

choque deixara-o fisicamente doente. Fixei o olhar nele, e

depois em Tom, que havia menos de uma hora fizera idêntica descoberta - e ocorreu-me então que não havia entre os homens,

em inteligência ou raça, uma diferença tão profunda como aquela que separa os doentes dos sãos. Wilson estava tão

doente que parecia culpado, imperdoavelmente culpado - como se acabasse de fazer um filho a alguma pobre rapariga.

- Eu vendo-lhe o carro - disse Tom. - Mando-lho cá amanhã à tarde.

Aquela localidade tinha sempre qualquer coisa de inquietante, mesmo em pleno resplendor da tarde, e eu voltei a cabeça como se me tivessem alertado para qualquer coisa atrás

de mim. Por sobre os montes de cinzas, os gigantescos olhos do

doutor T. J. Eckleburg continuavam vigilantes, mas no instante

a seguir percebi que outros olhos, a menos de vinte pés de distância, nos observavam com peculiar intensidade.

Numa das janelas por cima da garagem, alguém afastara ligeiramente as cortinas: era Myrtle Wilson que, dali, perscrutava o carro, cá em baixo. Tão absorvida estava que nem

reparou que eu a observava. Emoções, uma após outra,

133

insinuavam-se-lhe no rosto, quais objectos num negativo em lenta revelação. Tinha uma expressão curiosamente familiar

-

uma expressão que frequentemente eu notara em rostos femininos, mas que no de Myrtle Wilson me pareceu despropositada e inexplicável, até eu perceber que os seus olhos, dilatados de ciumento pavor, se fixavam, não em Tom, mas em Jordan Baker, que ela julgou ser a sua mulher.

Não há maior confusão do que a de um espírito simples, e quando prosseguimos caminho, Tom ia a experimentar as ardentes

vergastadas do pânico. A mulher e a amante, ainda há uma hora

seguras e invioláveis, escapavam agora precipitadamente ao seu

controlo. O instinto fê-lo calcar o acelerador, com o duplo propósito de alcançar Daisy e deixar Wilson rapidamente para

trás; acelerámos a caminho de Astoria, a cinquenta milhas à

hora, até que, por entre as araneiformes vigas mestras da ferrovia aérea, avistámos o coupé azul, em calmo andamento.

- Aqueles cinemas à volta da Fiftieth Street são frescos -

lembrou Jordan. - Gosto de Nova Iorque é nas tardes de Verão, quando toda a gente está fora. Há qualquer coisa de sensual nesta atmosfera... de bem maduro, como se toda a espécie de

frutos estranhos nos fosse cair nas mãos.

A palavra sensual teve como efeito desinquietar ainda mais

Tom, mas antes que pudesse inventar um protesto, o coupé parou e Daisy fez-nos sinal para pararmos ao lado deles.

- Onde vamos? - perguntou.
- Que tal, se fôssemos ao cinema?
- Está tanto calor! - queixou-se. - Mas vão vocês. Nós vamos dar uma volta por aí e depois encontramo-nos todos. - Fez um esforço para ter graça. - Encontramo-nos aí numa esquina qualquer. Eu serei o homem que fuma dois cigarros!

134

- Não podemos ficar aqui a debater o assunto - disse Tom com impaciência, quando um camião protestou, atrás de nós, com uma buzina. - Sigam-me até ao lado sul do Central Park, em frente do Plaza.

Por diversas vezes virou a cabeça para trás, à procura deles, e, se se atrasavam com o trânsito, ele abrandava a marcha até tornar a avistá-los. Parecia temer que eles virassem repentinamente para uma rua lateral e para sempre desaparecessem da sua vida.

Mas não foi isso que eles fizeram. E todos nós tomámos a ainda menos explicável resolução de alugar a sala de uma suite no Plaza Hotel.

O prolongado e tumultuoso debate, que acabou por nos encurralar naquela sala, varreu-se-me, embora mantenha viva a memória física de que, no decorrer dele, a roupa interior se me foi enroscando pelas pernas acima como uma cobra viscosa, e que frias gotas de suor me escorriam intermitentemente pelas costas abaixo. Por sugestão de Daisy nasceu a ideia de alugarmos cinco casas de banho para tomarmos banhos frios, ideia que assumiu depois a forma mais tangível de um local onde pudéssemos tomar um mint julep(1). Cada um de nós repetiu vezes sem conta que era uma ideia maluca - falávamos todos ao

mesmo tempo para um empregado assarapantado, pensando, ou fingindo pensar, que estávamos a ter imensa graça...

A sala era ampla e abafada e, embora fossem já quatro da tarde, as janelas abertas admitiam apenas uma lufada de ar quente a cheirar aos arbustos do Parque. Daisy foi para o espelho e pôs-se, de costas para nós, a compor o cabelo.

- Excelente suite esta! - murmurou Jordan, sisuda, e todos nós rimos.

- Abram outra janela! - ordenou Daisy, sem se voltar.

- Não há mais janelas para abrir!

*1. Mint julep, ou simplesmente julep, é uma mistura de uma bebida alcoólica (bourbon ou brande), açúcar, gelo moído e hortelã. (N. da T.)

135

- Então é melhor pedirmos para a recepção um machado...
- O melhor que há a fazer é esquecer o calor! - disse Tom, impaciente. - Com tanta lamúria, ainda o tornas dez vezes pior!

Desembrulhou da toalha a garrafa de uísque e pô-la em cima da mesa.

- Porque é que não a deixa em paz, meu velho? - comentou Gatsby.

- O senhor é que quis vir à cidade!

Houve um momento de silêncio. A lista dos telefones escorregou do prego e estatelou-se no chão, ao que Jordan murmurou:

- Peço desculpa! - Mas desta vez ninguém se riu.

- Eu apanho-a - ofereci-me.

- Já está. - Gatsby examinou com interesse o cordel, que se

partira, fez bum! e atirou a lista para cima de uma cadeira.

- Gosta muito dessa expressão, não gosta? - disse Tom, incisivo.

- Qual?

- Essa coisa do meu velho. Onde é que a foi arranjar?

- Ouve só isto, Tom! - disse Daisy, voltando-se do espelho -, se vais começar a implicar com as pessoas, não fico aqui nem mais um minuto. Telefona a pedir que tragam gelo para o mint julep.

Quando Tom levantou o auscultador, o calor comprimido explodiu em som e ouvimos os portentosos acordes da Marcha Nupcial, de Mendelssohn, que vinham lá de baixo, da sala de baile.

- A casarem-se com um calor destes, imaginem só! exclamou Jordan, desanimada.

- E no entanto... eu casei em meados de Junho - lembrou Daisy. - Louisville em Junho! Houve alguém que até desmaiou. Quem foi, Tom?

136

- O Biloxi - respondeu ele, laconicamente.

- Um homem chamado Biloxi. Biloxi, o Cepo, que fazia caixas, não é brincadeira, e que era de Biloxi, no Tennessee.

- Levaram-no para minha casa - acrescentou Jordan -, porque

morávamos quase ao lado da igreja. Ficou lá três semanas, até que o papá lhe disse que ele tinha de se ir embora. Ele foi, e no dia seguinte o papá morreu. - Passado um instante, acrescentou: - Mas não houve ligação nenhuma entre os factos!

- Conheci em tempos um Bill Biloxi, de Memphis - observei.

- Era primo dele. Antes de se ir embora, contou-me a história de família toda. Deu-me um putter de alumínio(1), que ainda hoje tenho a uso.

A música extinguiu-se, começava a cerimónia, e pelas janelas já subia uma prolongada aclamação, seguida de brados intermitentes de "Eia-a-a!", e, finalmente, de uma explosão de jazz, a abrir o baile.

- Estamos a ficar velhos! - disse Daisy. - Se fôssemos novos, levantávamo-nos imediatamente e íamos dançar.

- Lembra-te do Biloxi! - advertiu Jordan. - Onde é que você o conheceu, Tom?

- O Biloxi? - Fez um esforço para se concentrar. - Eu não o conhecia. Era amigo da Daisy.

- Não era nada! - negou ela. - Nunca o tinha visto. Ele veio na tua carruagem particular.

- Mas ele disse que te conhecia! Disse que tinha sido criado em Louisvill. O Asa Bird é que o trouxe no último minuto e perguntou se ainda havia lugar para ele.

Jordan sorriu:

- Se calhar, queria boleia até casa. A mim, disse-me que tinha sido presidente da vossa turma, em Yale.

*1. O putter é um ferro de cabeça pequena e face quase perpendicular ao solo, concebido para o jogo de golfe no green que, por sua vez, é a zona final de cada buraco, mais ou menos ondulada, onde com o putter se introduz a bola. (N. da T.)

Tom e eu olhámo-nos inexpressivamente.

- O Biloxi?

- Em primeiro lugar, nunca tivemos presidente...

Gatsby começou a bater um compasso breve e impaciente com o pé e Tom fitou-o de repente:

- A propósito, senhor Gatsby, oiço dizer que o senhor se formou em Oxford.

- Não é exactamente assim.
 - Oh, sim., o que oiço dizer é que estudou em Oxford.
 - Sim... Passei por lá.
 Pausa. A seguir, a voz de Tom fez-se ouvir, incrédula e insultuosa:
 - Deve ter passado por lá mais ou menos na mesma altura em que o Biloxi passou por New Haven.
 Outra pausa. Um criado bateu à porta e entrou, trazendo hortelã e gelo moídos, mas o silêncio permaneceu inquebrável, mesmo com o seu "obrigado" e o suave fechar da porta. Era chegada altura de esclarecer de uma vez por todas este pormenor espantoso.
 - Já Lhe disse que passei por lá.
 - Ouvi-o perfeitamente, mas gostava de saber quando.
 - Em mil novecentos e dezanove, e só lá estive cinco meses. Por isso é que, em rigor, não posso dizer que tenha estudado em Oxford.
 Tom olhou de relance à sua volta para ver se partilhávamos da sua descrença, mas estávamos todos a olhar para Gatsby:
 - Foi uma oportunidade que ofereceram a alguns oficiais, depois do armistício - continuou. - A de podermos frequentar uma universidade qualquer de Inglaterra ou França.
 Apeteceu-me levantar e felicitá-lo com uma palmada nas costas. Senti uma dessas renovações de absoluta confiança nele, que já tinha experimentado antes.
 Daisy levantou-se, a sorrir levemente, e dirigiu-se à mesa:

138

- Abre o uísque, Tom - ordenou -, que eu preparo-te um mint julep. Talvez fiques menos estúpido... Olha a hortelã!
 - Espera um minuto! - vociferou Tom. - Ainda tenho uma outra pergunta a fazer ao senhor Gatsby.
 - Continue - disse Gatsby, com delicadeza.
 - Mas, afinal, que espécie de distúrbio anda o senhor a tentar provocar na minha casa?
 Estavam finalmente ao ar livre e Gatsby mostrava-se contente com isso.
 - Não é ele que está a provocar distúrbios. - Daisy olhou desesperadamente de um para o outro. - És tu, tu é que estás a provocá-los. Por favor, vê se te controlas!
 - Controlar-me, eu? - repetiu Tom, incrédulo. - Só me falta refastelar-me numa cadeira e ficar a ver o senhor Ninguém, de Parte Nenhuma, a fazer amor com a minha mulher. Se é essa a ideia, não contem comigo!... Se hoje em dia as pessoas já

desprezam desta maneira a vida e as instituições familiares, daqui a pouco deitam mesmo tudo a perder e começam a casar pretos com brancos!

Ruborizado da sua eloquente asneirada, viu-se de pé, sozinho, a defender o último baluarte da civilização.

- Aqui, somos todos brancos - murmurou Jordan.

- Bem sei que não sou popular, que não dou grandes festas. Parece que para se ter amigos, no mundo moderno, tem de se fazer da própria casa uma pocilga!

Furioso como eu estava, como todos nós estávamos, fiquei tentado a rir-me de cada vez que ele abria a boca, tornando-me, assim, de libertino em pedante.

- Devo dizer-Lhe uma coisa, meu velho... - começou Gatsby. Mas Daisy adivinhou-lhe a intenção.

- Não, por favor! - interrompeu, desamparada. - Vamos todos

para casa, por favor! Porque é que não vamos para casa?

- Boa ideia! - disse eu, e levantei-me. - Vamos embora, Tom.

Ninguém quer beber nada.

139

- Quero saber o que é que o senhor Gatsby tem para me dizer.

- A sua mulher não o ama - disse Gatsby. - Nem nunca o amou.

É a mim que ela ama.

- Deve estar louco! - exclamou Tom automaticamente.

Gatsby pôs-se de pé num pulo, vivamente excitado.

- Ela nunca o amou, está a ouvir? - gritou ele. - Só se casou consigo porque eu era pobre e se cansou de esperar por

mim. Foi um erro terrível, mas lá no íntimo dela nunca amou mais ninguém a não ser a mim!

Nesta altura, Jordan e eu tentámos sair, mas Tom e Gatsby insistiram com competitiva firmeza que ficássemos - como se

nenhum deles tivesse nada a esconder e fosse um privilégio partilhar com simpatia as suas emoções.

- Senta-te, Daisy! - A voz de Tom sondou em vão a nota paternalista. - Que se tem estado a passar? Quero saber tudo!

- Já Lhe disse o que se tem passado - disse Gatsby. - O que

se passa há cinco anos... e que o senhor não sabia.

Tom voltou-se bruscamente para Daisy:

- Tens-te encontrado com este sujeito, nestes cinco anos?

- Encontrar, não - disse Gatsby. - Não nos podíamos encontrar. Mas continuámos a amar-nos durante este tempo todo,

meu velho, e você não sabia. Às vezes ria-me - mas agora estava sério - só de pensar que você não sabia.

Tom bateu com os grossos dedos uns nos outros, como um clérigo, e reclinou-se na cadeira:

- Oh... é tudo. - Depois explodiu: - Você está é louco!

Não

posso falar do que se passou há cinco anos, porque nessa altura nem conhecia a Daisy... mas raios me partam se você conseguiu alguma vez aproximar-se dela a uma milha sequer, a menos que fosse você quem lhe levava as mercearias à porta das traseiras! Quanto ao resto, é uma mentira execrável.

140

A Daisy amava-me quando se casou comigo, e ainda hoje me ama.

- Não! - disse Gatsby, abanando a cabeça.

- Isso é que me ama! O único problema é que às vezes se lhe

metem umas ideias malucas na cabeça e não sabe o que faz nem o

que diz. - Acenou com gravidade. - E o que é mais, é que eu

também amo a Daisy! Uma vez por outra lá vou a uma farra e

faço má figura, mas volto sempre para casa e cá no meu íntimo é sempre dela que continuo a gostar.

- És revoltante! - disse Daisy. Virou-se para mim e a sua voz, uma oitava abaixo, encheu a sala de incisivo desdém:

-

Sabe por que é que saímos de Chicago? Até me admira como nunca

lhe contaram a história dessa farra!

Gatsby foi pôr-se ao lado dela e disse-Lhe com determinação:

- Mas, Daisy, tudo isso acabou. Já não importa. Diz-Lhe só a

verdade... que nunca o amaste... e está tudo acabado para sempre.

Ela olhou-o cegamente.

- Mas... como é que era possível tê-lo amado... alguma vez?

- Nunca o amaste!

Ela hesitou. Os seus olhos caíram em Jordan e em mim, numa espécie de súplica, como se finalmente compreendesse o que estava a fazer - e como se nunca, durante todo este tempo, tivesse tencionado fazer o que quer que fosse. Mas agora estava feito. Era tarde demais.

- Nunca te amei - disse ela, com perceptível relutância.

- Nem em Kapiolani? - perguntou Tom de repente.

- Não.

Da sala de baile, lá em baixo, os acordes surdos e sufocantes subiam com as lufadas de ar quente.

- Nem naquele dia em que te levei ao colo, à saída do Punch Bowl, para não molhares os sapatos? - Havia na sua voz uma ternura áspera: - ...Daisy?

141

- Por favor, acaba com isso! - A voz dela era fria, mas o rancor abandonara-a. Olhou para Gatsby. - Aí tem, Jay! - disse ela, mas a mão tremeu-lhe, ao tentar acender um cigarro. De repente, atirou com o cigarro e o fósforo a arder para cima do tapete.

- Oh, quanto você exige! - exclamou ela a Gatsby. - Agora amo-o... não lhe basta isso? Não posso alterar o passado.

- Começou a soluçar, impotente. - Cheguei a amá-lo... mas nunca deixei de o amar a si também.

Gatsby abriu e fechou os olhos.

- Também me amava, ao mesmo tempo? - repetiu ele.

- Até isso é mentira! - disse Tom ferozmente. - Ela nem sequer sabia se você era vivo. De facto... é que há coisas entre mim e a Daisy que você nunca vai saber, coisas que nenhum de nós pode algum dia esquecer!

Estas palavras pareciam morder fisicamente Gatsby.

- Quero falar a sós com a Daisy - insistiu. - Ela está completamente fora de si...

- Mesmo a sós, não posso dizer que nunca ameí o Tom! - admitiu ela, num tom deplorável. - Não seria verdade!

- Claro que não! - concordou Tom.

Ela virou-se para o marido.

- Como se isso te importasse! - disse.

- Mas é claro que me importa. De hoje em diante, vou passar a dar-te mais atenção.

- O senhor não está a perceber - disse Gatsby, levemente em pânico. - O senhor vai é deixar de se ocupar dela.

- Ah sim? - Tom abriu muito os olhos e riu-se. Agora estava em condições de se dominar. - Mas porquê?

- A Daisy vai deixá-lo.

- Que disparate!

- Vou sim! - disse ela, com visível esforço.

- Ela não me deixa! - As palavras de Tom pesaram, de repente, sobre Gatsby. - E ainda menos para me trocar por um vulgar trapaceiro que teria de ir roubar a aliança para lha enfiar no dedo!

- Já não tolero mais isto! - gritou Daisy. - Oh, vamo-nos embora, por favor!

- Mas, afinal, quem é você? - irrompeu Tom. - Que faz parte dessa súcia que anda sempre atrelada ao Meyer Wolfshiem, até aí sei eu. Já comecei a indagar sobre os seus negócios e a partir de amanhã vou continuar.

- A esse respeito, faça como mais lhe aprouver, meu velho
-

disse Gatsby, com serenidade...

- Já descobri que drugstores eram os seus. - Voltou-se para nós a falar rapidamente. - Ele e este tal Wolfshiem compraram uma série de drugstores em ruas escondidas, aqui e em Chicago, e vendiam álcool de cereais ao balcão. Mas esta é apenas uma

das suas pequenas proezas. A primeira vez que o vi, tomei-o logo por contrabandista de álcool e não me enganei muito.

- E depois, que tem isso? - disse Gatsby com cortesia.

-
Suponho que o seu amigo Walter Chase não teve tantos pruridos

em entrar no negócio.

- E você deixou-o à sorte, não foi? Deixou-o ir um mês para a cadeia, em New Jersey. Deus meu! Você devia ouvir o Walter falar a seu respeito!

- Quando nos veio procurar, estava sem cheta. Ficou muito contente por juntar uns cobres, meu velho!

- Pare lá de me chamar meu velho" - gritou Tom. Gatsby não reagiu.

- Também o Walter podia tê-lo levado a prestar contas à justiça, por causa das apostas, mas o Wolfshiem forçou-o a calar a boca!

Ao rosto de Gatsby voltava aquela expressão estranha e, no entanto, reconhecível.

- Esse negócio dos drugstores ainda foi coisa de pequena monta - continuou Tom brandamente -, agora aquilo em que você

anda metido é que o Walter até tem medo de me contar!

Olhei de relance para Daisy que, aterrorizada, fixava ora Gatsby e o marido, ora Jordan, que começara a equilibrar no

queixo um objecto invisível, mas absorvente. Depois voltei-me

para Gatsby - e fiquei assustado com a sua expressão. Parecia

mesmo - e digo isto com todo o desprezo pelas difamações balbuciadas no seu jardim - que tinha matado um homem,. Durante um momento, toda a expressão do seu rosto se poderia descrever como simp lesmente fantástica.

Passou-lhe, e ele começou a falar exaltadamente para Daisy, negando tudo, defendendo o seu nome contra acusações que nem

sequer Lhe tinham sido feitas. Mas, como a cada palavra sua ela se encolhia mais e mais, ele acabou por desistir e só o

sonho morto continuou a debater-se na tarde que se escapulia, esforçando-se por tocar o que deixara de ser tangível, lutando em vão, mas desesperadamente, por recuperar aquela voz perdida no outro lado da sala.

E a voz tornou a suplicar que nos fôssemos embora:

- Por favor, Tom! Não aguento mais isto!

Os seus olhos assustados diziam que todas as intenções, toda

a coragem que tivera, se tinham ido para sempre.

- Vocês os dois vão indo para casa, Daisy - disse Tom.

- No

carro do senhor Gatsby.

Ela olhou para Tom, agora alarmada, mas ele insistiu com magnânimo desdém:

- Vai lá! Ele não vai molestar-te. Acho que já percebeu que

o seu presunçoso galanteio acabou.

E assim partiram, sem uma palavra, separados, tornados acidentais, isolados como fantasmas, mesmo da nossa piedade.

Passado um momento, Tom levantou-se e começou a embrulhar na

toalha a garrafa de uísque, que continuava intacta.

- Querem alguma coisa daqui? Jordan?... Nick?

Não respondi.

- Nick? - voltou a perguntar-me. .

- O quê?

144 - 145

- Quer um copo?

- Não... Estava agora mesmo a lembrar-me de que faço anos hoje.

Fazia trinta anos. E diante de mim estendia-se a portentosa

e ameaçadora estrada de uma nova década.

Eram sete horas da tarde quando nos metemos com ele no coupé

e partimos para Long Island. Tom falava sem cessar, exultante

e risonho, mas a sua voz era tão estranha a Jordan e a mim como o clamor dos forasteiros nos passeios, ou o tumulto da

ferrovia aérea por cima de nós. A simpatia humana tem os seus

limites, e agradava-nos deixar que todas aquelas trágicas discussões se extinguissem atrás de nós como as luzes da cidade. Trinta anos - a promessa de uma década de solidão, um

rol reduzido de celibatários como eu a conhecer, uma reserva

de entusiasmo cada vez mais pequena, o cabelo a rarear. Mas lá estava Jordan ao meu lado, que, ao contrário de Daisy, era demasiado sensata para se permitir transportar, de uma idade para a outra, sonhos bem esquecidos. Ao transpormos a negra ponte, o seu rosto pálido descaiu preguiçosamente no meu ombro e a temível pulsação dos trinta desvaneceu-se sob a pressão tranquilizadora da mão dela.

E assim continuámos a deslizar a caminho da morte pelo refrescante crepúsculo.

Aquele rapaz grego, o Michaelis, que explorava o café-restaurant à beira do vale de Cinzas, foi a principal testemunha no inquérito. Tinha dormido a sesta, no pino do calor, para além das cinco, e depois foi até à garagem e encontrou George Wilson no escritório, doente - doente de verdade, descorado como o próprio cabelo e a tremer por todos os lados. Michaelis aconselhou-o a ir para a cama, mas Wilson recusou, dizendo que se o fizesse ia perder muito negócio. Enquanto o vizinho tentava persuadi-lo, um violento clamor irrompeu por cima deles.

- Fechei a minha mulher à chave, lá em cima - explicou Wilson, calmamente. - E vai lá ficar até depois de amanhã, que é quando nos vamos daqui para fora.

Michaelis ficou atónito; eram vizinhos havia já quatro anos e nunca Wilson Lhe tinha parecido minimamente capaz de tamanha proeza. Era em geral um homem gasto: quando não estava a trabalhar, estava sentado numa cadeira, à entrada da porta, a mirar as pessoas e os carros que passavam na estrada. Se alguém falava com ele, ria-se invariavelmente, de um modo agradável, mas apagado. Era o homem da sua mulher, mas não de si mesmo.

Michaelis tentou, pois, naturalmente, saber o que se passara, mas Wilson não disse palavra - começou, em vez disso, a lançar curiosos e desconfiados olhares ao seu visitante e a perguntar-lhe o que tinha feito a certas horas e em certos dias. Está este último já a ficar embaraçado, quando um grupo de operários passou à porta do seu restaurante e Michaelis aproveitou a oportunidade para se safar, na intenção de ali voltar mais tarde, mas não voltou. Talvez se tenha simplesmente esquecido. Quando, pouco depois das sete, voltou cá fora, veio-Lhe à mente a conversa, porque ouviu a senhora Wilson, já na garagem, em altos berros.

- Vá, bate-me! - gritava ela. - Atira-me ao chão e bate-me, anda, seu cobardolas nojento!

Um instante depois, saiu a correr para o lusco-fusco, a gesticular e a gritar - e antes que ele conseguisse descolar da sua porta, já o caso estava arrumado.

O carro da morte, como Lhe chamaram depois os jornais, não parou; surgiu da escuridão que aumentava, descreveu tragicamente alguns SS e desapareceu na curva seguinte. Michaelis nem sequer estava certo da cor dele - disse ao primeiro polícia que apareceu que era verde-claro. O outro carro, que ia em direcção a Nova Iorque e, portanto, em sentido contrário, veio a parar cem jardas mais à frente e o motorista voltou a correr, para trás, onde Myrtle Wilson, violentamente arrancada à vida, ficara de bruços na estrada, misturando o sangue escuro e espesso com o pó.

146

Este homem e Michaelis foram os primeiros a chegar ao pé dela, mas quando lhe arrancaram a blusa ainda húmida de suor, viram que tinha o seio esquerdo truncado, pendente como um naco de carne, e que já nem valia a pena escutar-lhe as pulsações por debaixo dele. A boca toda aberta e levemente rasgada aos cantos, como se ao abandonar a tremenda vitalidade que por tanto tempo armazenara tivesse estado a ponto de sufocar.

Ainda a alguma distância, vimos três ou quatro automóveis e uma multidão à volta.

- Um acidente! - disse Tom. - Ainda bem. Finalmente o Wilson vai fazer algum negócio.

Abrandonou a marcha, mas ainda sem intenção de parar, até que, ao aproximarmo-nos, a expressão atenta e o silêncio das pessoas reunidas à porta da garagem o fizeram travar automaticamente.

- Vamos só espreitar - disse ele, preparando-se para o pior

- é só para ver.

Comecei então a ouvir um som oco e lamentoso dimanando, ininterruptamente, da garagem, um som que, ao sairmos do coupé e nos encaminharmos para a porta, se cifrou nas palavras "Oh, meu Deus!", articuladas vezes sem conta num gemido convulsivo.

- Aqui há coisa grave! - disse Tom, já perturbado.

Pôs-se em bicos de pés e espreitou por cima de um círculo de cabeças para dentro da garagem, iluminada apenas por uma

lâmpada amarela, envolta numa rede metálica, que pendia do tecto. Saiu-lhe então da garganta um som áspero e com os braços possantes empurrou a multidão, abrindo caminho por entre ela.

147

O círculo voltou a fechar-se com um prolongado murmúrio de reprovação; só um minuto depois é que eu consegui ver fosse o que fosse. Depois chegaram outros curiosos, que desordenaram a bicha, e Jordan e eu fomos impelidos para dentro.

O corpo de Myrtle Wilson, embrulhado em dois cobertores, como se, apesar da noite quente, estivesse com arrepios, jazia numa banca de trabalho, junto da parede, e Tom, de costas para nós, inclinava-se, imóvel, para ele. Ao lado dele estava um polícia a tomar nota de nomes num livrinho, com muito suor e algumas correcções. A princípio não consegui descobrir a origem dos agudos lamentos que ecoavam clamorosamente pela despida garagem - só depois vi Wilson, de pé, na soleira da porta do escritório, a balouçar-se para trás e para diante, agarrado com ambas as mãos ao umbral. Um homem qualquer falava com ele em voz baixa, procurando de vez em quando pôr-lhe a mão no ombro, mas Wilson nem o ouvia. Os seus olhos baixavam lentamente da lâmpada do tecto para a mesa junto da parede, onde estava o cadáver, voltavam, de repente, à lâmpada e lá soltava ele aquele grito agudo de horror:

- Oh, meu Deus! Oh, meu Deeeus! Oh, Deeeus! Oh, meu Deeeus!
- Logo a seguir, Tom levantou rapidamente a cabeça e, depois de olhar em volta com os olhos vidrados, mastigou uma observação incoerente para o polícia.

- M-a-v... - soletrava o polícia, ... o...
- Não, r... - corrigiu o homem -, M-a-v-r-o...
- Escute o que eu digo! - murmurou Tom, impetuoso.
- r... - continuou o polícia -, o...
- g...
- g... - o polícia levantou os olhos, quando a enorme mão de

Tom lhe caiu ríspidamente no ombro. - Que é que você quer?
- Que é que aconteceu? É só isso que eu quero saber.
- Um carro atropelou-a. Teve morte instantânea.
- Morte instantânea - repetiu Tom, com um olhar vago.
- Ela saiu a correr para a estrada. O filho da puta nem sequer parou.

- Eram dois carros - disse Michaelis -, um vinha e outro ia, percebe?

- Ia para onde? - perguntou o polícia, perspicaz.

- Ia cada um para seu lado. Bom, ela... - ia apontar para os cobertores, mas suspendeu o gesto e deixou cair a mão. - Ela

saiu a correr para ali e o carro que vinha de Nova Iorque bateu-lhe em cheio, à velocidade de umas trinta ou quarenta milhas à hora.

- Que nome tem este lugar aqui? - perguntou o agente.

- Não tem nome nenhum.

Um negro de tez não muito escura e bem vestido aproximou-se.

- Foi um carro amarelo - disse ele -, um carro amarelo grande.

- Novo, - Viu o acidente? - perguntou o polícia.

- Não, mas o carro passou por mim ali em baixo, na estrada, a mais de quarenta à hora. A uns cinquenta ou sessenta.

- Chegue aqui e dê-me o seu nome. Deixem passar, vá, quero registar o nome dele.

Algumas destas palavras devem ter chegado aos ouvidos de Wilson, que continuava a balouçar-se à porta do escritório, pois subitamente um novo tema encontrou expressão entre os seus gritos de angústia:

- Não preciso que me digam que espécie de carro era! Eu sei bem qual era!

Ao observar Tom, vi que a massa muscular da espádua se lhe contraía dentro do casaco. Encaminhou-se rapidamente para Wilson e, de frente para ele, agarrou-o firmemente pelos braços.

- Você tem de recobrar o ânimo! - acalmou-o ele com rudeza.

Wilson olhou para Tom; ergueu-se bruscamente nas pontas dos pés e se Tom não o segurasse teria caído de joelhos.

- Escute uma coisa! - disse Tom, sacudindo-o ligeiramente. -

Cheguei aqui há um minuto, vindo de Nova Iorque. Para lhe trazer o coupé, de que falámos. Aquele carro amarelo que você

me viu a conduzir esta tarde não era meu, está a ouvir? Não o vi toda a tarde!

Só o negro e eu estávamos suficientemente perto para ouvir o que ele disse, mas o polícia percebeu alguma coisa no tom da voz de Tom e olhou-o com truculência.

- Que história é essa? - perguntou.

Tom voltou a cabeça para responder, mas continuou a segurar

Wilson com firmeza:

- Sou amigo dele. Ele diz que conhece o carro que a matou...
Era um carro amarelo.
Um obscuro impulso levou o polícia a olhar, desconfiado, para Tom:
- E de que cor é o seu carro?
- Azul, um coupé.
- Viemos directamente de Nova Iorque - disse eu.
Alguém que viera a conduzir atrás de nós confirmou-o, e o polícia virou costas.
- Então vamos lá ver se escrevo esse nome como deve ser...
Levantando Wilson como um boneco, Tom levou-o para o escritório, sentou-o numa cadeira e voltou cá para fora.
- Há aí alguém que se vá sentar ao pé dele? - perguntou, autoritário. Ficou a ver os dois homens que estavam mais perto entreolharem-se e entrarem, de má vontade, no escritório. Então fechou a porta e desceu o único degrau, evitando olhar para a mesa. Ao passar junto de mim, murmurou: - Vamo-nos daqui para fora.
Pouco à vontade, mas rompendo caminho, autoritariamente, com os braços, lá conseguiu que atravessássemos a multidão, que continuava a crescer, cruzando-nos com o médico, todo apressado, de maleta na mão, chamado com irreflectida esperança, havia meia hora.

150

Tom conduziu devagar até passarmos a curva - depois carregou com força no acelerador e o coupé disparou pela noite dentro.
Passado pouco tempo ouvi-Lhe um soluço rouco e profundo e vi que as lágrimas lhe alagavam o rosto.
- Maldito covarde! - soluçou. - Nem sequer parou!
A casa dos Buchanan flutuou de repente em direcção a nós por entre o negro arvoredado rumorejante. Tom parou o carro ao lado do pórtico e olhou para o segundo piso, onde duas janelas resplandeciam de luz entre as trepadeiras.
- A Daisy está em casa - disse ele. Ao sairmos do carro, olhou-me de relance e franziu um pouco a testa.
- Devia tê-lo deixado em West Egg, Nick. Já não há nada a fazer esta noite.
Tinha-se operado nele uma mudança e falava num tom grave e decidido. Ao atravessarmos o saibro, banhado de luar, até à porta, ele dispôs da situação em poucas e breves palavras:
- Vou telefonar a pedir um táxi que o leve a casa, mas enquanto espera é melhor ir com a Jordan até à cozinha, a

ver

se vos dão de cear... se é que querem comer. - Abriu a porta.

- Entre.

- Não, obrigado. Mas fico-lhe muito grato se me chamar um

táxi. Espero cá fora.

Jordan pousou-me a mão no braço:

- Então, não entra, Nick?

- Não, obrigado.

Sentia-me um pouco indisposto e preferia estar só. Mas Jordan insistiu.

- São só nove e meia - disse ela.

Amaldiçoado fosse eu se ali entrasse; farto de os aturar o

dia inteiro estava eu, incluindo a própria Jordan que, percebendo-o, talvez, pela minha cara, se afastou abruptamente, correu escada acima e entrou em casa. Fiquei sentado alguns minutos com a cabeça entre as mãos, até que ouvi alguém, lá dentro, levantar o auscultador do telefone e a

voz do mordomo a pedir um táxi.

151

Então desci calmamente a álea, na intenção de esperar pelo táxi ao portão.

Não tinha eu andado mais de vinte jardas, quando ouvi pronunciar o meu nome e Gatsby me apareceu do meio de dois arbustos. Devia estar a sentir-me bastante esquisito nessa altura, porque não consegui pensar senão na luminosidade do

seu fato cor-de-rosa, ao luar.

- Que faz aqui? - indaguei.

- Estou aqui à espera, meu velho.

De qualquer modo, era uma ocupação que me parecia vil. Não

me espantava nada que, de um momento para o outro, ele assaltasse a casa; até já via caras sinistras, as da súcia do

Wolfshiem, a espreitar por detrás dele, escondidas nos negros

arbustos.

- Notou alguma agitação na estrada? - perguntou, passado um

minuto.

- Sim.

Ele hesitou.

- Ela morreu?

- Sim.

- Bem me parecia; foi o que eu disse à Daisy. Foi melhor que

o choque viesse todo de uma vez. Ela aguentou-se bastante bem.

Falava como se a reacção de Daisy fosse a única coisa que lhe importava.

- Voltei para West Egg por uma estrada secundária -

prosseguiu - e deixei o carro na minha garagem. Penso que ninguém nos viu, mas, é claro, nunca se sabe.

Senti, nesta altura, uma tamanha aversão por ele que achei desnecessário dizer-lhe que estava enganado.

- Quem era aquela mulher? - perguntou.

- O apelido de casada é Wilson. O marido dela é o dono da garagem. Mas, cos diabos, como foi isso?

- Bom, ainda tentei virar o volante... - Calou-se, e de repente adivinhei a verdade.

- Era a Daisy que vinha a guiar?

152 - 153

- Era - disse ele, passado um instante -, mas é claro que direi sempre que era eu. Sabe, quando saímos de Nova Iorque ela estava muito nervosa e pensou que, conduzindo, acalmava...

E precisamente no momento em que passávamos por um carro que ia em sentido contrário, vinha essa mulher a correr para nós.

Passou-se tudo num minuto, mas pareceu-me que ela vinha para nos falar, tomando-nos, talvez, por alguém que ela conhecia.

Bom, primeiro a Daisy guinou o carro para não ir contra a mulher, mas quando deu com o outro automóvel, descontrolou-se

e voltou à posição anterior. No mesmo segundo em que deitei a mão ao volante, senti o embate... e ela deve ter tido morte instantânea.

- Ficou toda esfacelada...

- Nem me conte, meu velho! - estremeceu. - De qualquer forma... a Daisy carregou no acelerador. Tentei fazê-la parar,

mas ela não conseguiu, e eu puxei o travão de emergência. Então desmaiei-me no colo e conduzi eu até ao fim.

- Amanhã já está boa - disse ele, logo a seguir. - Vou ficar

aqui à espera só para ver se o marido a maltrata por causa do

desentendimento que houve esta tarde. Ela fechou-se à chave no

quarto e, se ele tentar qualquer brutalidade, ela faz-me um

sinal de apagar e acender a luz.

- Garanto-lhe que ele nem lhe toca - disse eu. - Não é ela

que de momento o preocupa.

- Não confio nele, meu velho.

- Quanto tempo vai ficar aqui à espera?

- Toda a noite, se for preciso. Enfim, até todos se deitarem.

Ocorreu-me outra hipótese: suponhamos que Tom descobria que

era Daisy que vinha a guiar. Podia perfeitamente relacionar isto com a morte... Podia pensar o que quisesse. Olhei para a

casa: havia duas ou três janelas iluminadas em baixo e a claridade rosada do quarto de Daisy, no andar de cima.

- Espere aqui - disse eu -, vou ver se há algum sinal de agitação.

Voltei para trás pela beira do relvado, atravessei o saibro de mansinho e subi os degraus para a varanda em bicos de pés.

As cortinas da sala de visitas estavam abertas mas não havia lá ninguém. Atravessando a galeria onde tínhamos jantado naquela noite de Junho, três meses antes, cheguei a um pequeno

rectângulo de luz que supus ser a janela da copa. O estore estava descido, mas descobri uma greta no peitoril e espreitei.

Daisy e Tom estavam sentados, frente a frente, à mesa da cozinha, com uma travessa de frango frito entre eles e duas garrafas de cerveja. Ele estava concentrado a falar-Lhe, inclinado para ela, e na sua concentração deixara cair a mão

sobre a dela, cobrindo-a. Uma vez por outra, ela erguia os olhos para ele e acenava um assentimento.

Não tinham um ar feliz e nenhum deles tocara no frango nem

na cerveja - mas tristes também não pareciam. Reinava claramente, naquele rectângulozinho, uma atmosfera de natural

intimidade e qualquer pessoa teria dito que estavam ali em conspiração.

Ao descer do pórtico em bicos dos pés, ouvi o meu táxi a

subir às apalpadelas a negra estrada, a caminho da casa. Gatsby continuava à espera no mesmo sítio onde eu o deixara.

- Está tudo calmo lá dentro? - perguntou com ansiedade.

- Sim, está tudo calmo - hesitei. - Era melhor vir para casa

e dormir um bocado.

Ele abanou a cabeça.

- Fico aqui à espera que Daisy vá para a cama. Boa noite, meu velho.

Meteu as mãos nos bolsos do casaco e voltou zelosamente a

ficar de sentinela à casa, como se a minha presença profanasse

a sua sagrada vigília. Então afastei-me e ali o deixei, de pé,

ao luar - de sentinela a coisa nenhuma.

Capítulo VIII

Não consegui dormir toda a noite: uma buzina de nevoeiro

uivava sem cessar, no Sound, e eu dava voltas na cama, meio doente, entre a grotesca realidade e sonhos brutais, aterradores. Perto da madrugada, ouvi um táxi subir o acesso da casa de Gatsby, saltei logo da cama e comecei a vestir-me

- senti que tinha alguma coisa para Lhe dizer, um aviso qualquer

a fazer-lhe e que de manhã seria demasiado tarde.

Ao atravessar o seu relvado, vi que a porta de entrada continuava aberta e que ele se apoiava a uma mesa do hall, abatido de sono ou de desgosto.

- Não aconteceu nada - disse ele, sem vigor. - Esperei e

cerca das quatro horas ela veio à janela, ali ficou um minuto e depois apagou a luz.

Nunca a casa dele me parecera tão enorme como nessa madrugada em que corremos os compartimentos todos à procura de

cigarros. Afastámos cortinados que pareciam pavilhões e tacteámos às escuras metros sem conta de parede para encontrar

os interruptores - cheguei a espalhar-me ao comprido sobre o

teclado de um piano fantasma. Era pó por todo o lado e os compartimentos cheiravam a mofo, como se há muitos dias não fossem arejados. Encontrei o humidor, (1) em cima de uma mesa invulgar, com dois cigarros secos e velhos lá dentro.

Abrimos

de par em par as portas envidraçadas da sala de visitas e ali

nos sentámos a fumar às escuras.

- Você devia ir-se embora - disse eu. - É mais que certo que

acabam por descobrir o seu carro.

*1. Caixa geralmente usada para guardar charutos, em que o ar é devidamente humidificado (N. da T.)

156

- Ir-me embora já, meu velho?

- Vá para Atlantic City ou para Montreal e deixe-se por lá

estar para aí uma semana.

Mas nem sequer admitiu a hipótese. Não podia abandonar Daisy, enquanto não soubesse o que ela queria fazer. Estava agarrado com unhas e dentes a uma última esperança e não tive

coragem de o abanar, para que se libertasse dela.

Foi nessa madrugada que ele me contou a estranha história da

sua juventude com Dan Cody - e só me contou porque o Jay Gatsby se tinha estilhaçado como vidro de encontro à dura malícia de Tom e a prolongada e secreta extravagância(1)

tinha
chegado ao fim. Penso que me teria então confessado tudo
sem
reservas, mas o que ele queria era falar de Daisy.

Era a primeira rapariga decente que ele conhecia. Por
artes
e ofícios diversos, não revelados, ele já tinha entrado em
contacto com aquele tipo de gente, mas pondo sempre de
permeio
invisível arame farpado. Achou-a excitantemente desejável.
Foi

a casa dela, primeiro com outros oficiais de Camp Taylor,
depois sozinho. E ficou maravilhado - nunca estivera antes
numa casa tão bela. Mas o que lhe dava aquele ar de
irrespirável intensidade era o facto de Daisy ali morar -
facto para ela tão casual como para ele era o de viver numa
tenda de campanha ao ar livre. Pairava sobre ela um
suculento

mistério, um indício de que havia no andar de cima quartos
de

dormir mais belos e mais frescos do que outros quaisquer,
um

indício de alegres e radiosas actividades a desenrolar-se
pelos corredores, e de romances ainda não bolorentos nem
conservados em alfazema, mas frescos e a rescender aos
resplandecentes automóveis desse ano, e de bailes cujas
flores

mal tinham tempo de murchar.

*1. Peça literária ou musical marcada por extrema
liberdade

de estilo e estrutura e, geralmente, por elementos
burlescos;

espectáculo ou facto espectacular; extravagância. (N. da
T.)

Excitou-o também o facto de que muitos homens tinham já
amado

Daisy - o que, aos seus olhos, aumentava o valor dela. Sentiu
a presença deles por toda a casa, impregnando a atmosfera
de

sombras e ecos de emoções ainda a vibrar.

Mas sabia que estava em casa de Daisy por um colossal
acidente. Por muito glorioso que o seu futuro como Jay
Gatsby

pudesse vir a ser, presentemente ele era um rapaz sem
vintém,

sem passado, e em qualquer momento o invisível manto de
militar lhe podia escorregar dos ombros. Procurou, por
isso,

tirar o máximo partido do tempo. Conseguiu de Daisy o que
pôde, com voracidade e sem escrúpulos - até que a possuiu
mesmo numa calma noite de Outubro, e fê-lo porque não tinha

direito sequer a tocar-lhe na mão.

Podia ter-se desprezado, porque a havia possuído, sem dúvida, sob falsas pretensões. Não quero, com isto, dizer que tivesse especulado com o fantasma dos seus milhões, mas tinha, deliberadamente, dado a Daisy um sentimento de segurança; levou-a a acreditar que provinha do mesmo estrato social - que reunia todas as condições para cuidar dela. Quando, na realidade, não tinha tais facilidades - nem sequer uma família abastada a apoiá-lo - e estava sujeito a que, por qualquer capricho de um governo impessoal, o atirassem para qualquer recanto do mundo.

A verdade é que não se desprezou e o resultado disso não foi

o que ele imaginara. Planeara, provavelmente, aproveitar-se

dela quanto pudesse e partir - mas cedo descobriu que se tinha

comprometido a perseguir um novo Graal. Sabia que Daisy era excepcional, mas não exactamente a que ponto podia uma rapariga decente ser excepcional. E assim foi que ela desapareceu na sua opulenta mansão, naquela existência de riqueza e plenitude, deixando a Gatsby - nada. Sentiu-se casado com ela e é tudo.

Quando, dois dias depois, voltaram a encontrar-se, era Gatsby que arquejava, não ela, era ele que, de certo modo, se sentia traído.

158

O pórtico da casa dela brilhava do luxo das estrelas compradas a peso de ouro; o canapé de vime rangeu elegantemente quando ela se voltou para ele, dando-lhe a beijar a curiosa e adorável boca. Ela estava constipada, o que

lhe tornava a voz mais rouca e encantadora que nunca, e Gatsby

estava absolutamente consciente da juventude e do mistério que

a riqueza aprisiona e preserva, da frescura de roupa em abundância e de Daisy, a cintilar como prata, segura e altiva,

muito acima das duras lutas dos pobres.

- Não consigo descrever-lhe a minha surpresa ao descobrir que a amava, meu velho. Cheguei mesmo a desejar por algum tempo que ela me rejeitasse, mas não o fez porque também estava apaixonada por mim. Ela pensava que eu sabia muito, só

porque sabia coisas que ela ignorava... E ali estava eu, bem

longe das minhas ambições, a afundar-me mais na paixão em cada

minuto que passava, e de repente não quis saber de mais nada. De que me servia fazer grandes coisas se me divertia muito mais a dizer-lhe o que ia fazer?

Na véspera de se ir embora, à tarde, ficou muito tempo calado, com Daisy nos braços. Era um dia frio de Outono, a lareira estava acesa e ela afogueada. De vez em quando mexia-se e ele mudava ligeiramente a posição do braço, e a certa altura ele beijou-lhe o cabelo escuro brilhante. O entardecer tinha-lhes trazido alguma tranquilidade, como se para lhes deixar uma boa recordação, antes da longa separação que o dia seguinte prometia. Nunca tinham estado tão perto um do outro durante aquele mês de namoro, nem comunicado mais profundamente um com o outro como quando ela lhe roçou os lábios silenciosos no ombro ou quando ele lhe tocou ao de leve as pontas dos dedos, como se ela estivesse a dormir.

159

Na guerra, ele foi exemplar. Era capitão já antes de ir para a frente e depois das batalhas do Argonne foi promovido a major e recebeu o comando da divisão de metralhadoras. Depois do armistício, tentou desesperadamente regressar ao seu país natal, mas por qualquer complicação ou mal-entendido foi, em vez disso, mandado para Oxford. Andava, então, atormentado - havia nas cartas de Daisy uma espécie de desespero nervoso. Ela não conseguia perceber por que razão ele não voltava. Começava a ser pressionada pelo mundo exterior e queria vê-lo, sentir a presença dele ao seu lado e ter a certeza de que, afinal, estava a proceder correctamente.

É que Daisy era nova e o seu mundo artificial rescendia a orquídeas e a amável e alegre snobismo, e ressoava de orquestras que marcavam o ritmo do ano e eram a soma da melancolia e das solicitações da vida em novas melodias. Os saxofones gemiam toda a noite o comentário desesperançado dos Beale Street Blues, enquanto cem pares de sapatos doirados e prateados se arrastavam na poeira cintilante. À hora cinzenta do chá, havia sempre salas a vibrar, incessantemente, com esta grave e doce febre, enquanto faces frescas derivavam, como

pétalas de rosa, por aqui e acolá, ao triste sopro das trompas espalhadas pelo chão.

Por este universo crepuscular recomeçou Daisy a mover-se, chegada a estação; voltou de repente a marcar meia dúzia de encontros por dia, com outros tantos homens, e a adormecer pela madrugada, com o chiffon do vestido de noite, bordado a pérolas, todo enrodilhado entre as orquídeas moribundas, no chão, ao lado da cama. E todo este tempo, alguma coisa dentro dela reclamava uma decisão. Queria ver a sua vida ganhar forma sem demora, imediatamente, e a decisão teria de ser tomada por alguma força que lhe estivesse logo à mão - amor, dinheiro, inquestionável senso prático.

Essa força ganhou forma em meados da Primavera, com a chegada de Tom Buchanan, cujas personalidade e posição se mostraram de uma solidez salutar que agradou a Daisy.

160

Ela teve, sem dúvida, um conflito interior, mas sentiu ao mesmo tempo um certo alívio. Gatsby estava ainda em Oxford quando a carta dela lhe chegou às mãos.

A aurora já rompia em Long Island e fomos abrir o resto das

janelas do rés-do-chão, inundando a casa de uma luz que ia passando do cinzento ao doirado. A sombra de uma árvore caiu abruptamente através do orvalho e por entre as folhas azuladas

pássaros espectrais começaram com os seus chilreios. Houve no

ar uma agitação lenta e suave, que não chegava a ser brisa, a

prometer um dia de aprazível frescura.

- Penso que ela nunca o amou.

Gatsby voltou-se da janela e olhou-me em ar de desafio.

- Lembre-se, meu velho, que ontem à tarde ela estava muito agitada. Ele disse-lhe tudo aquilo de um modo que a assustou,

que lhe deu a entender que eu era uma espécie de vigarista barato. E o resultado foi que ela mal sabia o que estava a

dizer.

Sentou-se melancolicamente.

- É natural que ela o tenha amado por um minuto que fosse, quando se casaram, e me tenha amado ainda mais depois, entende?

De repente, saiu-se com esta curiosa observação:

- Em qualquer caso, foi uma coisa meramente pessoal.

Que fazer, a não ser suspeitar de que havia na sua concepção

do caso uma intensidade que não podia ser medida?

Voltou de França quando Tom e Daisy andavam em viagem de núpcias, e fez uma viagem penosa, mas irresistível, a Louisville com o que lhe restava do último soldo de oficial. Por lá ficou uma semana, calcorreando as ruas onde os passos de ambos tinham ressoado juntos, naquela noite de Novembro, e revisitado os lugares retirados onde tinham ido no automóvel branco dela.

161

Do mesmo modo que a casa de Daisy sempre lhe tinha parecido mais misteriosa do que as outras, assim também a ideia que tinha da cidade em si, ainda que ela a tivesse abandonado, estava imbuída de uma melancólica beleza.

Saiu dali com a sensação de que, se tivesse procurado mais diligentemente, por certo a teria encontrado - de que estava a deixá-la para trás. Na segunda classe - regressava sem um centavo - estava abafado. Foi até à plataforma aberta e sentou-se numa cadeira dobradiça, a ver fugir a estação e as traseiras de edifícios desconhecidos. Depois, à saída da cidade, irromperam campos e subúrbios, com um eléctrico amarelo a correr a par do comboio por um minuto, cheio de pessoas que, casualmente, podiam já ter-se cruzado com a pálida magia do rosto dela, ao longo de uma rua qualquer.

A linha férrea fazia agora uma curva e o comboio afastava-se do sol, que, descendo cada vez mais no horizonte, parecia derramar-se como uma bênção sobre a cidade a perder-se, onde ela tinha respirado. Estendeu a mão desesperadamente, como para agarrar um nadinha desse ar, para guardar um fragmento do lugar que ela tinha tornado para ele encantador. Mas tudo corria agora demasiado depressa perante os seus turvos olhos e ele percebeu que desse todo tinha perdido a parte mais fresca, e a melhor, para sempre.

Eram nove horas quando acabámos de tomar o pequeno-almoço e saímos para a varanda. Durante a noite produzira-se uma nítida alteração no estado do tempo e havia no ar um gostinho de Outono. O jardineiro, o último dos anteriores empregados de

Gatsby, aproximou-se do fundo das escadas:

- Hoje vou esvaziar a piscina, senhor Gatsby. Não tarda que as folhas comecem a cair e depois entopem os canos.

- Não tem de ser hoje - respondeu Gatsby. Voltou-se para mim, apologeticamente: - Acredita, meu velho, que este Verão não fiz uso da piscina uma única vez?

Olhei para o relógio e levantei-me.

162

- Faltam doze minutos para o meu comboio.

Não me apetecia ir para a cidade. Não estava capaz de fazer fosse o que fosse, mas, mais do que isso, não queria deixar Gatsby sozinho. Perdi aquele comboio, depois outro, até conseguir descolar dele.

- Depois telefone-lhe - disse-lhe por fim.

- Está bem, meu velho.

- Telefone-lhe por volta do meio-dia.

Descemos vagarosamente os degraus.

- Acho que a Daisy também me vai telefonar - olhou-me ansioso, como se à espera da minha corroboração.

- Penso que sim.

- Então, até logo.

Apertámo-nos as mãos, e eu afastei-me. Quando estava mesmo a

chegar à cerca, ocorreu-me uma ideia e virei-me para trás.

- São todos uns canalhas! - gritei do outro extremo do relvado. - Você sozinho vale mais do que todos eles juntos.

Ainda hoje me sinto feliz por Lho ter dito. Foi o único elogio que alguma vez lhe dei, porque, do princípio ao fim, reprovei sempre a sua conduta. Primeiro, acenou-me delicadamente, depois, a cara rasgou-se-lhe naquele sorriso

radioso e compreensivo, como se tivéssemos passado o tempo todo em arrebatadas intimidades a esse respeito. O seu berrante fato cor-de-rosa, que mais parecia um trapo, era uma

mancha de luz contra a alvura da escadaria, e lembrei-me da

primeira noite em que viera ao seu lar ancestral, havia três meses. O relvado e a vereda estavam apinhados de rostos que suspeitavam da sua corrupção - e ele, de pé no cimo daqueles mesmos degraus, guardando só para si o sonho incorruptível, enquanto lhes acenava um adeus.

Agradei-lhe a hospitalidade. Estávamos sempre a agradecer-lha - eu e os outros.

- Adeus, Gatsby! - gritei. - Obrigado pelo pequeno-almoço!

163

Já no escritório, esforcei-me durante algum tempo por registar as cotações de uma série interminável de papéis de

crédito, e acabei por adormecer na minha cadeira giratória. Pouco antes do meio-dia, o telefone acordou-me e levantei-me

em sobressalto, com o suor a escorrer-me na testa. Era Jordan

Baker; costumava telefonar-me a esta hora, porque a incerteza

das suas andanças entre hotéis, clubes e casas particulares tornava difícil encontrá-la de outra maneira. Geralmente, a sua voz chegava fresca e revigorante, pelos fios do telefone, até mim, como se um divot(1) de um verde campo de golfe me tivesse entrado, a voar, pela janela do escritório; mas nessa manhã, pareceu-me seca e áspera.

- Saí de casa da Daisy - disse ela. - Estou em Hempstead e vou esta tarde para Southampton.

Talvez fosse diplomático da sua parte deixar a casa de Daisy, mas a atitude irritou-me, e a observação que fez a seguir tornou-me ainda mais inflexível.

- A noite passada você não foi lá muito atencioso para comigo.

- E que importância teve isso, face àquelas circunstâncias?

Fez-se silêncio por instantes, e depois:

- Em todo o caso... eu quero vê-lo.

- Também eu a quero ver.

- E se em vez de ir para Southampton, eu fosse a Nova Iorque esta tarde?

- Não... esta tarde não pode ser.

- Então, está bem.

- Esta tarde é-me impossível. Tenho várias...

Conversámos neste tom por algum tempo, e de repente deixámos

de comunicar. Não sei qual de nós desligou abruptamente o telefone, mas não me importei.

*1. Divot é um pedaço de turfa, arrancado da zona relvada no acto de lançamento da bola para um buraco, num campo de golfe.
(N. da T.)

Nesse dia sentia-me absolutamente incapaz de ficar a conversar com ela à mesa do chá, mesmo que nunca mais na vida pudesse voltar a falar-lhe.

Alguns minutos depois, liguei para casa de Gatsby, mas a linha estava ocupada. Tentei quatro vezes; por fim, uma exasperada telefonista disse-me que a linha estava reservada para uma chamada interurbana, de Detroit. Saquei do meu horário e desenhei um pequeno círculo à volta do comboio das três e cinquenta. Depois recostei-me na cadeira e tentei concentrar-me. Era justamente meio-dia.

Ao passar de comboio, naquela manhã, pelo vale de Cinzas,

eu
tinha mudado, intencionalmente, para o lado oposto da
carruagem. Imaginava encontrar ali à volta uma chusma de
curiosos, com rapazinhos à procura de manchas de sangue no
pó
da estrada e um ou outro sujeito mais palrador, que não se
cansava de contar o acidente, até que este acabasse por
perder
toda a realidade, inclusivamente para ele próprio, e se
tornasse incapaz de continuar a descrevê-lo, e o trágico
fim
de Myrtle Wilson passasse ao esquecimento. Preciso de
recuar
agora um pouco para relatar o que aconteceu na garagem,
depois
de, na noite anterior, de lá termos saído.

Foi difícil localizar a irmã dela, Catherine. Devia ter
quebrado, nessa noite, a sua regra de abstinência, pois
quando
ali chegou estava embrutecida pelo álcool e foi incapaz de
perceber que a ambulância já tinha partido para Flushing.
Quando, por fim, conseguiram meter-lhe isto na cabeça,
desmaiou, como se esse pormenor fosse o aspecto mais
intolerável do caso. Alguém, por comiseração ou
curiosidade, a
levou no seu carro, no rasto do cadáver da irmã.

Até muito depois da meia-noite, a multidão dos curiosos,
constantemente a renovar-se, continuou a bater contra a
porta
da garagem, enquanto George Wilson se balouçava para trás
e
para a frente, lá dentro, no sofá.

165

A porta do escritório ficou aberta por algum tempo e toda
a
gente que entrava na garagem olhava irresistivelmente lá
para
dentro. Até que alguém achou que era uma vergonha e fechou
a
porta. Michaelis e outros homens faziam-lhe companhia:
primeiro, eram quatro ou cinco, depois só dois ou três, até
que Michaelis teve de rogar ao último estranho que esperasse
mais quinze minutos, enquanto ele ia a casa fazer uma
cafeteira de café. Depois disso, ficou ali sózinho com
Wilson
até ao amanhecer.

Por volta das três da manhã, o incoerente murmúrio de
Wilson
mudou - ficou mais calmo e começou a falar do carro amarelo.
Anunciou que tinha uma maneira de descobrir a quem pertencia
o
carro, e de repente disse, sem pensar, que, uns dois ou três
meses atrás, a mulher tinha voltado da cidade com a cara
pisada e o nariz inchado.

Mas assim que acabou de dizer isto, foi-se novamente abaixo e recomeçou a gemer:

- Oh, meu Deus!

Michaelis tentou distraí-lo, à sua desajeitada maneira:

- Quanto tempo estiveram casados, George? Vá lá, fique quieto um minuto e responda à minha pergunta. Quanto tempo estiveram casados?
- Doze anos.
- Nunca tiveram filhos? Vá lá, George, acalme-se... eu fiz-lhe uma pergunta. Nunca tiveram filhos?

Escaravelhos castanhos esbarravam constantemente contra a luz frouxa, e sempre que um carro passava, veloz, na estrada, Michaelis julgava ouvir o carro que, horas antes, não tinha parado. Não queria entrar na garagem, porque a banca de trabalho, onde o cadáver jazera, estava manchada de sangue; por isso andava às voltas no escritório, constrangido. Antes de amanhecer já ele conhecia de cor e salteado os objectos que dele faziam parte e de vez em quando sentava-se ao lado de Wilson, tentando serená-lo.

166

- Você costuma ir a alguma igreja, George? Mesmo que lá não vá há muito tempo? Talvez eu pudesse telefonar para lá e pedir que cá mandassem um padre para falar consigo, não acha bem?
- Não sou de igrejas.
- Mas devia pertencer a uma igreja qualquer, George... para ocasiões como esta. De certeza que já entrou numa igreja, pelo menos uma vez. Não se casou pela igreja? Escute, George, oiça o que eu lhe digo. Não se casou pela igreja?
- Mas isso foi há muito tempo.

O esforço de responder quebrou-lhe o ritmo do balanço e por um instante ficou calado. Depois voltou-lhe aos olhos murchos a mesma expressão de semiconsciência e de semidesequilíbrio.

- Procure ali naquela gaveta! - disse, apontando para a secretária.
- Qual gaveta?
- Aquela... Não, a outra!

Michaelis abriu a gaveta que lhe estava mais à mão. Tudo o que havia lá dentro era uma trela, pequena mas de luxo, feita de couro e prata entrançada. Ao que parecia, era nova.

- É isto? - perguntou levantando-a no ar.

Wilson fixou-a e aquiesceu.
- Descobri-a ontem à tarde. Ela tentou justificar-se, mas eu percebi que aí havia coisa.
- Quer dizer que a sua mulher a comprou às escondidas?
- Tinha-a em cima da cómoda, embrulhada em papel de seda.
Michaelis não viu nada de estranho no facto e deu a Wilson uma dúzia de razões pelas quais a sua mulher podia ter comprado aquela trela. Mas é de conceber que Wilson tivesse já ouvido algumas delas directamente da boca de Myrtle, porque recomeçou a gemer: "Oh, meu Deus!", em tom de murmúrio, e as outras razões de Michaelis ficaram no ar.

167

- E no fim matou-a! - disse-lhe Wilson. De repente, o queixo descaiu-lhe e ficou de boca aberta.
- Mas quem é que a matou?
- Tenho uma maneira de descobrir.
- Você é mesmo mórbido, George! - disse-lhe o amigo. - Você sofreu um grande abalo com isto e não sabe o que está a dizer. É melhor tentar sossegar até o dia romper.
- Ele assassinou-a!
- Mas foi um acidente, George!
Wilson sacudiu a cabeça. Os olhos semicerraram-se-lhe e com a boca entreaberta deixou escapar um "hum!" profundo, de quem sabe o que diz.
- Eu sei! - afirmou, peremptório. - Sou um desses tipos que acreditam nas pessoas, incapaz de fazer mal a quem quer que seja, mas, quando me cheira a esturro, vou até ao fim. Foi o homem que ia no carro. Ela saiu a correr para lhe falar e ele passou-lhe por cima!
Michaelis tinha visto isso, mas não lhe ocorrera que houvesse aí um significado especial. Julgou que a senhora Wilson ia a fugir do marido e não a mandar parar um carro particular.
- Como é que ela podia ser dessa laia?
- Era cá duma força! - disse Wilson, como se assim respondesse à pergunta. - Aaaah!...
Recomeçou a balouçar-se e Michaelis torcia a trela nas mãos.
- Tem algum amigo a quem eu possa telefonar, George?
Era uma esperança perdida - estava quase certo de que Wilson não tinha amigos: se nem para a mulher ele chegava!... Ficou contente quando, passado pouco tempo, notou uma alteração na

sala: a janela azulava-se mais rapidamente, sinal de que a alvorada não vinha longe. Por volta das cinco horas, já estava suficientemente claro para se apagarem as luzes.

168

Os olhos vidrados de Wilson voltaram-se para os montes de cinzas, onde pequenas nuvens cinzentas assumiam formas fantásticas, deslocando-se para aqui e para ali, ao sabor da leve brisa da madrugada.

- Eu disse-lhe - murmurou após um longo silêncio. - Disse-lhe que a mim podia ela enganar, a Deus é que não. Levei-a até à janela - levantou-se com esforço, foi até à janela e encostou a cara à vidraça - e disse-lhe: Sabe Deus por onde tens andado, só Ele sabe o que tens feito! A mim podes tu enganar, mas a Deus não enganas tu!

De pé, atrás dele, Michaelis apanhou um susto ao ver que ele fixava o olhar nos olhos do doutor T. J. Eckleburg, que acabava de surgir, pálido e enorme, da noite que se desvanecia.

- Deus vê tudo! - repetiu Wilson.

- Mas aquilo é um reclamo luminoso! - assegurou-lhe Michaelis.

Alguma coisa o fez afastar-se da janela e olhar para dentro do escritório. Mas Wilson ficou ali muito tempo, de cara colada à vidraça a acenar no crepúsculo.

Por volta das seis, Michaelis estava exausto e sentiu-se grato ao ouvir um carro parar à porta. Era um dos acompanhantes de Wilson, da noite anterior, que prometera voltar, e Michaelis preparou um pequeno-almoço para três, que só ele e o outro tomaram. Wilson já estava mais calmo e Michaelis foi para casa dormir; quando, quatro horas depois, acordou e correu para a garagem, Wilson tinha desaparecido.

O seu itinerário - andou sempre a pé - foi depois reconstituído: primeiro foi até Port Roosevelt, e dali a Gads Hill, onde comprou uma sanduíche, que não chegou a comer, e bebeu uma chávena de café. Devia estar cansado e ter andado devagar, pois só ao meio-dia chegou a Gads Hill. Até aqui, não houve dificuldade em seguir-lhe o rasto - alguns garotos tinham visto um homem que parecia meio louco e houve motoristas que contaram que ele os tinha fitado de um modo estranho, da beira da estrada.

Perderam-lhe o rasto pelas três horas seguintes. Tendo em vista o que ele dissera a Michaelis, que tinha uma maneira de descobrir - a polícia deduziu que, durante esse tempo, andara de garagem em garagem, à procura do carro amarelo. Mas, por outro lado, nenhum empregado de oficina apareceu a declarar que o tinha visto; é provável que ele tivesse uma via mais fácil e segura de descobrir o que queria saber. Por volta das duas e meia estava ele em West Egg, onde perguntou a alguém o caminho para a casa de Gatsby. Portanto, nessa altura, já ele sabia o nome de Gatsby.

Às duas horas, Gatsby vestiu o fato de banho e disse ao mordomo que, se alguém telefonasse, o fosse avisar à piscina.

Foi à garagem buscar um colchão pneumático, que tinha sido o deleite dos seus convidados durante o Verão, e o motorista ajudou-o a enchê-lo de ar. Depois deu instruções para que o carro aberto não saísse dali em quaisquer circunstâncias que fosse - o que era de estranhar, porque o guarda-lamas direito da frente estava a precisar de reparação.

Gatsby pôs o colchão às costas e encaminhou-se para a piscina. Parou uma vez a ajeitá-lo e o motorista perguntou-lhe se precisava de ajuda, mas ele fez que não com a cabeça e desapareceu num instante por entre o arvoredado que amarelecia.

Não veio nenhuma chamada telefónica e o mordomo, à espera que ela chegasse, ficou até às quatro sem conseguir dormir a sesta - ficou a pé até muito depois de deixar de haver alguém a quem dar o recado, caso ela viesse. Tenho a impressão que já nem o próprio Gatsby acreditava que ela viesse e provavelmente já nem lhe importava. Se foi esse o caso, é porque deve ter sentido que para sempre perdera o seu velho e confortável mundo, que pagara um bom preço por ter vivido demasiado tempo com um sonho único.

Deve ter olhado para cima e deparado com um céu estranho, entrevisto por entre a folhagem ameaçadora, e estremecido ao

descobrir que coisa grotesca pode ser uma rosa e como pode ser
fria a luz do dia por cima da relva incipiente. Um mundo novo,
material sem ser real, por onde pobres fantasmas, respirando
sonhos como se fossem ar, derivavam furtivamente... como aquela figura de cinza, fantástica, ao seu encontro, por entre
as árvores amorfas. O motorista, um dos protegidos de Wolfshiem, ouviu os tiros - se bem que depois tivesse confessado que não lhes tinha dado grande importância.

Guiei da estação directamente para casa de Gatsby e a minha
precipitação pelos degraus acima foi o primeiro sinal de alarme para toda a gente. Mas aposto que, nessa altura, eles já sabiam. Mal tendo pronunciado uma palavra, nós os quatro, o
motorista, o mordomo, o jardineiro e eu, descemos a correr para a piscina.

Havia um ténue, quase imperceptível, movimento à superfície
da água, provocado pelo fluxo frio do alimentador que procurava o seu caminho em direcção ao dreno do outro lado da
piscina. Com ligeiras ondulações que mais pareciam sombras de
ondas, o colchão lastrado movia-se irregularmente para o fundo
da piscina. Um pequeno golpe de vento, que mal enrugou a superfície da água, foi o suficiente para perturbar a rota accidental que ele percorria com a sua accidental carga. O impacto de um molho de folhas revolveu-o lentamente, desenhando, como se fosse um sinal de trânsito, um fino círculo vermelho na água.

Só depois de pegarmos em Gatsby para o levarmos para dentro
de casa é que o jardineiro viu o corpo de Wilson um pouco mais
ao longe, sobre a relva, e o holocausto ficou completo.

Capítulo IX

Passados dois anos, ainda recordo o resto dessa tarde, e
a noite, e o dia seguinte, como um infundável desfile de polícias, repórteres e fotógrafos, a entrarem e a saírem de
casa de Gatsby. Uma corda, atravessada de um lado ao outro do
portão principal, e um polícia, impediam a entrada dos curiosos, mas os garotos, esses, depressa descobriram que

podiam entrar pelo meu pátio e havia sempre um grupo deles, de boca aberta, à volta da piscina. Naquela tarde, um sujeito de modos sentenciosos, um detective, talvez, usou a expressão "louco" ao debruçar-se sobre o cadáver de Wilson e foi a autoridade adventícia da sua voz que deu o tom às notícias dos jornais da manhã seguinte.

A maior parte das reportagens eram um pesadelo - grotescas, circunstanciais, precipitadas e falsas. Quando o depoimento de Michaelis, no inquérito, trouxe a público as suspeitas de Wilson a respeito da mulher, previ logo que a história não tardaria a ser servida em forma de picante pasquinada - mas Catherine, que podia ter dito tudo, não disse uma palavra. Revelou, antes, uma forte personalidade - olhou para o magistrado(1) com um olhar firme, sob as sobrancelhas corrigidas, e jurou que a irmã nunca tinha visto Gatsby, que era perfeitamente feliz com o marido, que nunca tivera nenhum deslize.

*1. No original, [...] looked at the corner ith determined eyes [...], que, traduzido à letra: [...] olhou para o canto com um olhar firme [...]", não faria qualquer sentido. Este excerto descreve a situação de Catherine como depoente no inquérito. Plausível seria que Catherine olhasse com firmeza para o inquiridor, o magistrado, que em inglês se chama coroner, e não corner. Creio, pois, tratar-se de um erro de impressão do original. (N. da T.)

172

Ficou mesmo convencida disso e chorou no lenço, como se a mera suspeita do mau porte da irmã a humilhasse ainda mais do que a realidade. Wilson ficou, portanto, reduzido a um ser transtornado pela dor,, para que o caso se mantivesse na sua forma mais simples. E assim ficou.

Mas tudo isto me parecia remoto e de somenos importância. Fui eu o único que ficou ao lado de Gatsby até ao fim.

Desde que iniciei os contactos telefónicos com West Egg Village, para participar a notícia da catástrofe, só me levantaram suspeitas e questões de ordem prática a seu respeito. A princípio fiquei surpreendido e confuso; depois, com ele ali em casa, imóvel, sem respirar nem falar, horas e

horas seguidas, foi crescendo em mim o sentido da responsabilidade, porque ninguém mais se interessava - quero eu dizer, ninguém mais manifestava esse intenso interesse pessoal a que todos nós temos um vago direito, quando chega a nossa hora.

Telefonei a Daisy meia hora depois de termos dado com ele morto, telefonei-lhe instintivamente e sem qualquer hesitação.

Mas ela e Tom tinham saído logo ao princípio da tarde, com bagagem a acompanhá-los.

- Não deixaram endereço?

- Não.

- Disseram quando voltavam?

- Não.

- Tem alguma ideia do sítio para onde foram? Onde eu possa encontrá-los?

- Não sei. Não posso dizer.

Queria arranjar alguém que lhe fizesse companhia. Apetecia-me entrar no quarto onde ele jazia e tranquilizá-lo:

"Vou buscar alguém que lhe faça companhia, Gatsby. Não se aflija. Confie em mim, que eu hei-de arranjar-lhe alguém."

O nome de Meyer Wolfshiem não constava na lista telefónica.

O mordomo deu-me a direcção do escritório, na Broadway,

173

e eu liguei para as Informações, mas quando consegui o número

do telefone já passava bem das cinco e ninguém me atendeu.

- Não se importa de tentar outra vez?

- Já liguei três vezes.

- É que o assunto é urgente.

- Lamento muito, mas já não deve estar lá ninguém.

Voltei à sala de visitas e por um instante pareceu-me que todos aqueles funcionários, que de repente a encheram, eram visitas de acaso. Mas, apesar de terem puxado para trás o lençol e olhado, impressionados, para Gatsby, o protesto dele

repetia-se-me na cabeça: "Olhe cá, meu velho, você ficou de me

trazer alguém. Insista! Não consigo suportar isto sozinho."

Alguém começou a fazer-me perguntas, mas escapei-me e, subindo ao andar de cima, pus-me a rebuscar à pressa nas gavetas da sua secretária - que não estavam fechadas à chave.

Nunca me dissera claramente se os pais já tinham morrido. Mas

não encontrei nada, além do retrato de Dan Cody, símbolo de

passada violência, a fitar-me da parede.

Na manhã seguinte, mandei o mordomo a Nova Iorque com uma carta para Wolfshiem, a pedir-lhe informações e instando-o

a
vir no primeiro comboio, pedido que me pareceu supérfluo,
ao
escrevê-lo. Tinha a certeza de que ele viria assim que lesse
os jornais, como certo estava de que haveria um telegrama
da
Daisy, ainda antes do meio-dia - mas nem o telegrama, nem
o
senhor Wolfshiem vieram; não veio ninguém, a não ser mais
polícias, jornalistas e fotógrafos. Quando o mordomo me
troux
a resposta de Wolfshiem, comecei a sentir-me revoltado,
solidário com Gatsby no desprezo por todos eles.

Caro senhor Carrauay:
Foi um dos choques mais terríveis da minha vida, mal
consigo
acreditar que seja verdade. Um acto de loucura como o desse
homem é para nos dar que pensar.

174

Não posso ir agora aí, porque tenho em mãos um negócio muito
importante e não posso imiscuir-me nisso. Se houver alguma
coisa que eu possa fazer, mais adiante, mande-me dizer por
carta, através do Edgar. Mal sei onde tenho a cabeça, ao
receber uma notícia destas, e sinto-me completamente fora
de
mim. Sinceramente seu, MEYER WOLESHEIM

E num post scriptum apressado, acrescentava:

Peço-lhe que me informe do funeral, etc., não conheço
ninguém da família dele.

Quando, nessa tarde, o telefone tocou e da Interurbana
me
disseram que era uma chamada de Chicago, pensei que fosse
Daisy, finalmente. Mas feita a ligação, chegou-me a voz de
um
homem, muito sumida e distante.

- Fala Slagle...
- Sim? - O nome era-me desconhecido.
- Mas que notícia mais diabólica, hem? Recebeu o meu
telegrama?
- Não veio telegrama nenhum.
- O jovem Parker está em apuros - disse com rapidez. -
Foi
apanhado em flagrante, a passar as obrigações por cima do
balcão. Cinco minutos antes tinham eles recebido de Nova
Iorque uma circular com os números. Que me diz a isto, hem?
Nestas cidades de província nunca se sabe...

- Está lá? - interrompi-o sem fôlego. - Espere aí... eu não sou o senhor Gatsby. O senhor Gatsby morreu.

Houve um longo silêncio no outro extremo da linha, a que se seguiu uma exclamação. Depois um rápido protesto e a ligação foi cortada.

Creio que foi ao terceiro dia que chegou um telegrama assinado por Henry C. Gatz, vindo de uma terreola do Minnesota. Dizia apenas que o remetente partia imediatamente e pedia que se adiasse o funeral até à sua chegada.

175

Era o pai de Gatsby, um velho solene, desolado e abandonado, envolto num ulster(1) comprido e ordinário, a protegê-lo do calor daquele dia de Setembro. Os seus olhos lacrimejavam, continuamente, de excitação, equando lhe tirei das mãos a mala e o guarda-sol desatou a puxar pelos pêlos da barba rala e grisalha, de tal forma que tive dificuldade em despir-lhe o casaco. Estava a ver que desmaiava, levei-o para a sala de música e obriguei-o a sentar-se, enquanto lhe mandava buscar alguma coisa de comer. Mas ele não quis comer e a sua mão trémula derramou o copo de leite.

- Li a notícia no jornal de Chicago - disse ele. - O jornal de Chicago contava tudo. Pus-me logo a caminho.

- Eu não sabia como havia de o avisar.

Os olhos dele, sem nada verem, percorriam constantemente a sala.

- Foi um louco - disse ele. - Só pode ter sido obra de um louco.

- Quer um café? - insisti.

- Não quero nada. Já estou bem, senhor...

- Carraway.

- Pois. Já me sinto melhor. Para onde é que levaram o meu Jimmy?

Levei-o à sala de visitas, onde o filho jazia, e deixei-o lá com ele. Alguns miúdos tinham subido a escadaria e estavam a espreitar para o hall; quando lhes disse quem tinha chegado, foram-se embora, contrariados.

Pouco tempo depois, o senhor Gatz abriu a porta e saiu, com a boca entreaberta, ligeiramente ruborizado e com os olhos a verterem, irregularmente, lágrimas isoladas.

*1. Ulster, sobretudo comprido e largo, de origem irlandesa, feito de tecido grosso, como a ratina. (N. da T.)

176

Atingira a idade em que a morte perdeu já a espectral surpresa

que lhe está associada, e, ao olhar agora, pela primeira vez,

à sua volta e ver a altura e o esplendor do hall e os enormes compartimentos que, a partir dele, se abriam para outros compartimentos, a sua mágoa começou a confundir-se com um orgulho assombrado. Ajudei-o a subir para um quarto de cama, no andar de cima; enquanto ele despia o casaco e o colete, anunciei-lhe que todos os preparativos para o funeral tinham

sido adiados, à sua espera.

- Como não sabia o que é que o senhor tencionava fazer, senhor Gatsby...

- O meu nome é Gatz.

... senhor Gatz... Pensei, inclusivamente, que quisesse levar o corpo para o Oeste.

Abanou a cabeça.

- O Jimmy sempre gostou mais do Leste. Foi no Leste que ele

chegou à posição que tinha. O senhor era amigo do meu filho, senhor...?

- Éramos amigos íntimos.

- Ele tinha um grande futuro à sua frente, sabe? Ainda era

muito novo, mas tinha uma grande força aqui dentro.

Levou a mão à cabeça, impressionado, e eu assenti.

- Se vivesse, ainda havia de chegar a ser um grande homem. Um homem como James J. Hill(1). Teria ajudado a construir o país.

- É verdade - disse eu, embaraçado.

Tenteou à procura da colcha bordada da cama, para a retirar,

e deitou-se, muito rígido - adormeceu num instante.

Nessa noite telefonou um indivíduo, manifestamente assustado, que, antes de se identificar, quis saber quem eu

era.

- Sou o senhor Carraway - disse eu.

- Oh! - pareceu aliviado. - Daqui fala Klipspringer.

*1. James Jerome Hill (1838-1916), financeiro americano, promotor dos caminhos-de-ferro. (N. da T.)

177

Até eu fiquei aliviado, pois julguei poder contar com mais um amigo de Gatsby no seu funeral. Porque não queria que a notícia viesse nos jornais, para não atrair uma multidão de curiosos, tinha-me dado ao trabalho de telefonar directamente a algumas pessoas. Mas era difícil encontrá-las.

- O funeral é amanhã - disse-lhe. - Às três da tarde, a sair aqui de casa. Agradeço-lhe que avise quem estiver interessado.

- Assim farei! - interrompeu-me ele, à pressa. - Não é muito provável que veja alguém, mas se vir, eu digo.

O seu tom fez-me desconfiar.

- É claro que conto consigo!

- Bom, vou fazer o possível por ir. Mas a razão por que estou a telefonar é...

- Espere aí! - interrompi-o. - Porque é que não me diz já que vem?

- Bom, a verdade é que... para ser sincero, estou em casa de umas pessoas amigas, aqui em Greenwich, e elas estão a contar comigo para amanhã. Estão a pensar fazer um piquenique, ou coisa parecida. Evidentemente que vou fazer os possíveis por me escapar.

Proferi um irreprimível "Huh!" que ele deve ter ouvido, pois continuou com nervosismo:

- Telefonei por causa de um par de sapatos que aí deixei. Queria perguntar-lhe se não seria demasiado incómodo para si pedir ao mordomo que mos mandasse pelo correio. É que são sapatos de ténis, sabe, e fazem-me falta. O meu endereço é:

"Ao cuidado de B. F. ..."

Não ouvi o resto do nome, porque pousei o auscultador.

Depois disso, comecei a sentir-me envergonhado por Gatsby

- um cavalheiro a quem telefonei deu-me a entender que ele tinha

tido o que merecia. No entanto, a culpa foi minha, pois ele era um daqueles que costumavam zombar mais cruelmente de Gatsby, à custa das bebidas alcoólicas que ele próprio lhes oferecia, e eu devia ter tido isso em conta, antes de Lhe telefonar.

No dia do funeral, fui, de manhã, a Nova Iorque, para me

encontrar com Meyer Wolfshiem; não tinha outra maneira de
o
apanhar. Na porta que empurrei, a conselho do ascensorista,
estava assinalado o nome The Swastika Holding Company, e
ao
princípio pareceu-me não haver ninguém lá dentro. Mas
depois
de ter gritado "Bom dia!" várias vezes, em vão, ouvi
irromper
uma discussão por detrás de um tabique e finalmente
apareceu,
a uma porta interior, uma encantadora judia, que me
perscrutou
hostilmente com os seus olhos negros.

- Não está cá ninguém! - disse ela. - O senhor Wolfshiem
foi
para Chicago.

A primeira parte do discurso era obviamente mentira, pois
alguém, lá dentro, começara a assobiar The Rosary.

- Diga-lhe, por favor, que o senhor Carraway deseja
falar-lhe.

- Não posso ir buscá-lo a Chicago, não acha?

Neste momento, a inconfundível voz de Wolfshiem chamou
do
outro lado da porta:

- Stella!

- Deixe o seu nome aí, em cima da secretária - disse, muito
despachada. - Eu dou-Lho, quando ele voltar.

- Mas eu sei que ele está cá!

Avançou um passo para mim e começou a esfregar as mãos
nas
ancas, para cima e para baixo, com indignação.

- Vocês, os rapazes novos, julgam que podem entrar aqui
à
força, a qualquer hora que vos apeteça! - barafustou ela.

-
Começamos a ficar fartos disto! Se eu Lhe digo que ele está
em
Chicago, é porque está mesmo em Chicago!

Mencionei o nome de Gatsby.

- Oh! - voltou a olhar-me de alto a baixo. - Quer fazer
só o
favor de... Como disse que se chamava?

Desapareceu. Daí a um instante, estava Meyer Wolfshiem,
solenemente, à entrada da porta, a estender-me ambas as
mãos.

Levou-me para o gabinete, observando, com uma voz
compungida,
que o momento era de tristeza para todos nós, e ofereceu-me
um
charuto.

- A memória que dele tenho remonta ao nosso primeiro
encontro - disse ele. - Era ele um major muito novo, acabado
de sair do exército e coberto de medalhas ganhas na guerra.
Estava tão aflito de dinheiro, que tinha de continuar a
andar
de uniforme, porque não podia comprar roupas civis. A

primeira
vez que o vi foi quando ele apareceu na sala de apostas do Winebrenner, na Forty-Third Street, a pedir emprego. Não comia
nada havia dois dias. "Venha daí almoçar comigo!", disse-lhe
eu. Em meia hora comeu mais do que o valor de quatro dólares!
- Foi então o senhor que o iniciou nos negócios? - perguntei.
- Iniciar! Fui eu que o fiz!
- Oh!
- Levantei-o do nada, directamente da sargeta. Vi logo que
era um rapaz de maneiras, um cavalheiro, e quando ele me disse
que tinha estado em Oggsford, percebi que me podia ser muito útil. Mandeí-o inscrever-se na Legião Americana e aí chegou a
ocupar posições de destaque. Começou logo por fazer um bom trabalho para um cliente meu lá de cima, de Albany. Éramos tão
unidos como isto, em todas as coisas... - levantou dois dedos
bulbosos no ar. - Inseparáveis!
Fiquei a pensar se esta sociedade não incluiria a transação
do Campeonato Mundial de 1919.
- E agora está morto! - disse eu, passado um momento.
- O senhor era o seu amigo mais íntimo, por isso estou certo
de que há-de querer assistir esta tarde ao seu funeral.
- Gostava de ir.
- Pois, então, venha!
Os pêlos das narinas estremeceram-lhe levemente e ao abanar
a cabeça os olhos encheram-se-lhe de lágrimas.
- Não posso fazer uma coisa dessas... não posso imiscuir-me
no caso - disse ele.

180

- Não se vai imiscuir em nada. Agora está tudo acabado.
- Quando um homem morre assim, assassinado, não me agrada nunca envolver-me no caso, seja de que maneira for. Ponho-me sempre de fora. Quando era novo, reagia de modo diferente... Se algum amigo meu morria, não interessava como, eu ficava ao
lado dele até ao fim. Posso parecer-lhe sentimental, mas era
como lhe digo: mesmo até ao fim!
Percebi que por qualquer razão muito pessoal ele estava decidido a não ir e por isso levantei-me.
- O senhor também é pessoa de estudos? - perguntou de repente.
Julguei, por instantes, que ele ia propor-me uma

gonegação,
mas limitou-se a acenar a cabeça e apertou-me a mão.
- Aprendamos a mostrar a amizade que temos por um homem enquanto ele é vivo e não depois de estar morto! - insinuou.
-
A partir daí, a minha regra é: deixá-lo o mais possível em paz e sossego.
Quando saí do escritório, vi que o céu tinha escurecido e ao chegar a West Egg caía uma chuva miudinha. Depois de mudar de roupa, cheguei à casa ao lado e deparei com o senhor Gatz a passear, excitado, no hall. O orgulho que sentia pelo filho e pelos seus haveres aumentava continuamente e tinha agora qualquer coisa para me mostrar.
Puxou da carteira com dedos trémulos:
- O Jimmy tinha-me mandado esta fotografia. Olhe só para isto!
Era uma fotografia da casa, já quebrada nos cantos e baça de tantas dedadas. Apontou-me entusiasticamente todos os pormenores:
- Olhe só para isto! - procurando a admiração nos meus olhos. Tinha-a mostrado tantas vezes que lhe parecia agora, talvez, mais real do que a própria casa. - Foi o Jimmy que ma mandou. Gosto muito desta fotografia. Mostra tudo muito bem.
- Pois é. Tinha-o visto recentemente?

181

- Ele foi visitar-me há dois anos e comprou-me a casa onde hoje moro. É claro que ficámos destroçados quando ele fugiu de casa, mas agora percebo que tinha as suas razões para o fazer.
Ele sabia que tinha um grande futuro à sua frente. E sempre que se saía bem num negócio, era muito generoso para comigo.
Mostrou-se relutante em guardar a fotografia: ficou com ela nas mãos ainda um minuto, diante dos meus olhos. Depois meteu-a na carteira e tirou do bolso um livro, já meio a desfazer-se, chamado Hopalong Cassidy.
- Olhe para isto! É um livro que ele teve em pequeno. Mostra-lhe bem como ele era.
Abriu-o na contracapa e voltou-o para eu ler. Na última folha de guarda estava escrita a palavra Programa com a data de 12 de Setembro de 1906, e por baixo dizia:

Levantar da cama ... 6 da manhã;
Exercícios de halteres e escalar muros 6.15-6.30;

Estudar electricidade, etc. 7.15-8.15;
Trabalhar 8.30-4.30 tarde;
Basebol e desportos 4.30-5.00;
Praticar elocução, postura e como consegui-lo 5.00-6.00;
Estudar inventos necessários 7.00-9.00 noite;
DETERMINAÇÕES GERAIS: Não perder tempo no Shafers ou no
(aqui, um nome indecifrável);
Deixar de fumar e de mascar;
Tomar banho dia sim, dia não;
Ler um livro ou periódico instrutivo por semana;
Poupar cinco dólares (isto riscado) três dólares por
semana;
Tratar melhor os pais...

182

- Encontrei este livro por acaso - disse o velho. - Mas mostra bem como ele era, não mostra?

- De facto, mostra.

- O Jimmy queria à viva força ir para a frente. Teve sempre determinações destas ou doutras parecidas. Já reparou como ele

se preocupava em desenvolver o espírito? Nisso foi sempre formidável. Uma vez disse-me que eu comia como um reco e dei-lhe uma tarefa.

Resistia a fechar o livro, lendo em voz alta cada um dos pontos do programa e sempre a olhar para mim, ansioso por ver

a reacção. Cheguei a pensar que estava à espera que eu copiasse a lista para meu uso pessoal.

Pouco antes das três chegou um sacerdote da igreja luterana, de Flushing, e, involuntariamente, comecei a olhar pelas janelas, à espera que viessem mais automóveis. O mesmo aconteceu com o pai de Gatsby. E como o tempo passava e os criados já estavam a reunir-se no hall, os olhos dele começaram a piscar e falou da chuva, apouquentado e com um ar

duvidoso. O sacerdote olhou várias vezes para o relógio e então chamei-o à parte e pedi-lhe que esperasse só mais meia hora. Mas de nada serviu. Não veio mais ninguém.

Cerca das cinco horas, o nosso cortejo de três carros chegou ao cemitério e parou no portão, debaixo de forte chuva

- primeiro, o carro funerário, horrivelmente negro e encharcado,

a seguir o senhor Gatz, o sacerdote e eu, na limusina, e depois quatro ou cinco criados e o carteiro de West Egg, na

station de Gatsby, todos molhados até aos ossos. Ao transpormos o portão do cemitério, ouvi um carro parar e alguém a chapinhar atrás de nós, na terra ensopada. Voltei-me

para ver: era o homem dos olhos de coruja que uma noite, havia

três meses, eu tinha encontrado na biblioteca, maravilhado com os livros de Gatsby.

183

Desde essa altura, nunca mais o tinha visto. Não sei como se chamava nem como soubera do funeral. A chuva escorria-lhe pelos grossos óculos abaixo, que ele tirou e limpou para conseguir ver a tenda de lona que protegia da chuva a sepultura aberta de Gatsby.

Tentei, então, pensar um momento em Gatsby, mas já ele estava demasiado distante e tudo quanto me ocorreu, mas já sem

ressentimento, foi que Daisy não tinha enviado nem uma mensagem, nem uma simples flor. Ouvi indistintamente alguém murmurar: "Bem-aventurados os mortos sobre os quais a chuva cai", e o homem dos olhos de coruja respondeu: "Ámen!", em tom

de coragem. Debandámos rapidamente, debaixo de chuva, para os

carros. Ao pé do portão, o Olhos-de-Coruja disse-me:

- Não consegui encontrar a casa.

- Deixe lá, que os outros também não!

- Não me diga! - disse em sobressalto. - Como é possível, Deus meu! Iam lá às centenas!...

Tirou os óculos e voltou a limpá-los, por dentro e por fora.

- Pobre filho da puta! - disse ele.

Uma das memórias mais vivas que guardo é a de regressar ao

Oeste, primeiro do liceu, depois da universidade, para as férias do Natal. Os que iam para lá de Chicago costumavam reunir-se na antiga e sombria Union Station, às seis da tarde,

em Dezembro, com alguns amigos de Chicago, já envolvidos na

alegria própria da quadra, para lhes dizerem adeus à pressa. Lembro-me dos casacos de peles das raparigas que voltavam da

escola da Miss Fulana ou Sicrana, da tagarelice de hálitos congelados, das mãos a acenar por cima das cabeças, quando descobríamos algum velho conhecido, da menção dos convites à

compita: "Vais a casa dos Ordways? Dos Herseys? Dos Schultzes?", e dos compridos bilhetes verdes, bem apertados nas mãos enluvadas.

184

E, por fim, das carruagens amarelas e soturnas da companhia

ferroviária Chicago, Milwaukee & St. Paul, para nós tão alegres como o próprio Natal, para além das barreiras, nas vias.

Quando arrancávamos, entrando pela noite de Inverno, e a verdadeira neve, a nossa neve, começava a estender-se à nossa frente e a reluzir nas vidraças, por onde passavam as luzes frouxas das pequenas estações do Wisconsin, então, de súbito, respirava-se no ar um estímulo penetrante e bravio, que inalávamos profundamente, de volta do jantar, pelos frios corredores das carruagens, inexprimivelmente conscientes da nossa identidade com esta terra, por uma única hora estranha, antes de nos voltarmos a fundir nela.

É este o meu Middle West - não os trigais, nem as pradarias, nem as perdidas colónias suecas, mas os emocionantes comboios de regresso da minha juventude, e os lampiões das ruas e os guizalhos dos trenós na congelada escuridão, e as sombras das coroas sagradas que, das janelas iluminadas, se projectavam na neve. Sou parte de tudo isso, um tanto misterioso ao descrever a impressão daqueles longos Invernos, um tanto complacente por ter crescido na casa dos Carraway, numa cidade onde, no decorrer das décadas, as casas continuam a ser conhecidas pelos nomes de família. Só agora vejo que, afinal, isto é uma história do Oeste - Tom e Gatsby, Daisy e Jordan e eu, éramos todos do Oeste, westerners, e é possível que tivéssemos qualquer deficiência em comum, que nos tornava subtilmente incapazes de nos adaptarmos à vida no Leste.

Mesmo quando o Leste mais me excitou, quando me senti mais agudamente consciente da sua superioridade em relação às enfadonhas, espreiadas e tumefactas cidades de além-Ohio, com as suas intermináveis inquisições, que só os muito velhos e as crianças poupavam - mesmo então, o Leste foi sempre para mim uma coisa distorcida. West Egg, em especial, figura ainda nos meus sonhos mais fantásticos. Vejo-o como uma cena nocturna de El Greco: uma centena de casas, a um tempo convencionais e grotescas, agachadas debaixo de um céu escuro e ameaçador e de uma lua baça.

Em primeiro plano, quatro homens, cerimoniosamente vestidos de casaca e chapéu alto, carregam numa padiola, pelo passeio fora, uma mulher bêbeda, de vestido de noite branco.

A mão dela, pendente, faísca de frias pedras preciosas. Com um ar grave, os cavalheiros viram para entrar numa casa - que não é dela. Mas ninguém sabe o nome da mulher, nem quer saber.

Depois da morte de Gatsby, o Leste pareceu-me assim assombrado, distorcido para além do meu poder de correcção visual. Assim, quando o fumo azul da queima das folhas quebradiças começou a subir no ar e o vento começou a congelar

as roupas a enxugar nas cordas, decidi voltar à minha terra.

Tinha uma coisa a fazer ainda antes de partir, uma coisa desagradável e embaraçosa, que talvez fosse melhor não ter feito. Mas queria pôr tudo em ordem e não deixar simplesmente

que aquele mar obsequioso e indiferente para sempre varresse a

minha recusa em ficar. Fui procurar Jordan Baker e falei sobre

tudo o que nos tinha acontecido e sobre o que depois disso se

passara comigo, e ela escutou-me, perfeitamente imóvel, refastelada numa poltrona.

Estava vestida para jogar golfe e lembro-me de que me pareceu uma boa ilustração de uma revista, com o queixo erguido um tanto altivamente, o cabelo da cor das folhas de

Outono, o rosto do mesmo matiz castanho que a luva sem dedos poisada no joelho. Quando acabei de falar, disse-me sem rodeios que estava comprometida com outro homem. Duvidei, embora ela pudesse ter arranjado vários, dispostos a casar com

ela a um simples aceno de cabeça, mas fingi-me surpreendido. Durante um minuto interroguei-me sobre se não estaria a cometer um erro, depois revi tudo a correr, mentalmente, e

levantei-me para me despedir.

- A verdade é que foi você que me deu para trás - disse Jordan, de repente. - Deu-me com os pés ao telefone. Você agora não me interessa minimamente, mas foi uma experiência nova para mim e durante algum tempo andei meio atordoada. Apertámo-nos as mãos.

- Oh, e lembra-se da conversa que tivemos uma vez acerca de

guiar automóveis? - acrescentou.

- Hum... não me lembro exactamente.
- Você disse-me que um mau condutor só está seguro de si enquanto não encontra pela frente outro igual. Pelos vistos, encontrei outro mau condutor, não é assim? Quero dizer que foi um descuido da minha parte ter errado o palpite. Julguei que você fosse uma pessoa honesta, franca. Pensei que fosse esse o seu secreto orgulho.
- Tenho trinta anos - disse eu. - Já tenho cinco anos a mais do que é permitido para mentir a mim próprio e chamar a isso honra.
Ela não deu resposta. Irritado, meio apaixonado por ela e tremendamente arrependido, fui-me embora.

Uma tarde, em fins de Outubro, vi Tom Buchanan. Ia à minha frente, pela Fifth Avenue, com o seu modo atento e agressivo, as mãos um pouco afastadas do corpo, como para repelir qualquer interferência, a cabeça a mover-se rapidamente de um lado para o outro, em conjugação com o seu olhar irrequieto. Precisamente no momento em que abrandei o passo para evitar ultrapassá-lo, ele parou a olhar, de testa franzida, para a montra de uma joalheria. De repente viu-me e voltou para trás, de mão estendida para me cumprimentar.
- Que se passa, Nick? Recusa-se a apertar-me a mão?
- Naturalmente! Você sabe o que penso a seu respeito!
- Mas você está doido, Nick! - disse ele, ligeiro. - Doido como o diabo! Que é que lhe deu?

187

- Tom - perguntei -, que disse você ao Wilson naquela tarde?
Fitou-me sem dizer palavra e eu percebi que o meu palpite estava certo, a respeito daquelas três horas em que se perdera o rasto de Wilson. Fiz menção de me ir embora, mas ele deu mais um passo e agarrou-me pelo braço.
- Conte-lhe a verdade! - disse ele. - Preparávamo-nos nós para sair, quando ele chegou à nossa porta e, quando lhe mandei dizer que não estávamos em casa, ele tentou subir à força. Vinha tão tresloucado que estava capaz de me matar, se não lhe dissesse quem era o dono do carro. Tinha um revólver no bolso e não largou mão dele, enquanto estive lá em casa...

- interrompeu-se, a ver se eu dizia alguma coisa. - Que mal faz ter-lhe dito a verdade? Aquele tipo não podia esperar outra coisa. Deitou-lhe areia aos olhos, a você, como à Daisy, mas era duro de roer. Atropelou a Myrtle como quem atropela um cão e nem sequer parou o carro!

Não tinha nada a dizer-lhe a não ser a pura verdade, mas essa não podia eu revelar-Lhe.

- E se você julga que não passei o meu mau bocado... Oiça só isto: quando fui ao apartamento para o entregar ao senhorio e vi a maldita caixa dos biscoitos do cão pousada no aparador da cozinha, sentei-me e desatei a chorar como uma criança. Meu Deus, foi horrível!...

Não podia perdoar-Lhe nem gostar dele, mas percebi que o que tinha feito era, aos seus olhos, inteiramente justificado. Tudo era impensado e confuso. Era uma gente insensata, o Tom e

a Daisy - esmagavam coisas e pessoas e depois batiam em retirada, de volta ao seu dinheiro ou à sua enorme indiferença, ou o que quer que fosse que os mantinha unidos, e deixavam aos outros o cuidado de limpar a sujeira que eles tinham feito...

Acabei por lhe apertar a mão; seria idiota não o ter feito, pois de repente tive a noção de que estava a falar com uma criança.

188

A seguir, ele entrou na joalheria para comprar um colar de pérolas, talvez - ou, muito simplesmente, um par de botões de punho -, para sempre livre dos meus provincianos escrúpulos.

A casa de Gatsby ainda estava vaga, quando eu parti, e a sua relva crescera tanto como a minha. Um dos motoristas de táxi da povoação nunca recebia o dinheiro da corrida de qualquer cliente que por ali deixasse, sem antes parar um minuto ao portão da entrada e apontar lá para dentro; talvez tenha sido ele quem, na noite do acidente, transportou Daisy e Gatsby para West Egg, e à volta disso tenha construído uma história muito sua. Eu não estava interessado em ouvi-la e evitava-o o mais possível de cada vez que saía da estação.

Passava as noites de sábado em Nova Iorque, porque as festas deslumbrantes que ele dava permaneciam tão vivas na minha

memória, que me parecia ouvir a música e os risos, ténues mas incessantes, que vinham do seu jardim, e os automóveis a subirem e a descerem a sua vereda. Uma noite ouvi um carro, este autêntico, que vi parar com os faróis voltados para a escadaria principal. Mas não fui averiguar quem era. Talvez algum derradeiro conviva que, tendo andado pelos confins do mundo, ignorava que a festa tinha acabado.

Na última noite, com a mala feita e o carro já vendido ao merceeiro, fui até lá para olhar uma vez mais para aquela casa imensa, incoerente e falhada. Nos degraus brancos, destacava-se claramente ao luar uma obscenidade, traçada com um pedaço de tijolo por um garoto qualquer. Raspando a pedra com a sola do meu sapato, apaguei-a. Depois descí até à praia e estendi-me na areia.

A maior parte dos estabelecimentos estavam agora fechados e poucas luzes havia, para além da frouxa iluminação do ferry-boat, que fazia a travessia do Sound.

189

E à medida que a Lua subia, o contorno das casas começou a fundir-se e a desaparecer, até que, gradualmente, fui tomando consciência da ilha que outrora desabrochava aos olhos dos marinheiros holandeses como um seio verde e refrescante deste Novo Mundo. As árvores desaparecidas, como as que tinham dado lugar à casa de Gatsby, tinham outrora encorajado com os seus murmúrios o maior e derradeiro de todos os sonhos humanos; por um instante de encanto transitório, o homem deve ter retido a respiração em presença deste continente, compelido a uma contemplação estética que nem desejava nem percebia, frente a frente, pela última vez na história, a algo de comensurável à sua capacidade de assombro.

Ali sentado na areia, a meditar nesse mundo antigo e desconhecido, imaginei o espanto de Gatsby quando, pela primeira vez, identificou a luz verde na extremidade da doca de Daisy. Tinha percorrido um longo caminho para chegar a este relvado azul, e o sonho deve ter-lhe parecido tão próximo, que dificilmente escaparia à sua posse. Não sabia que o sonho

ficara lá para trás, perdido algures na vasta obscuridade, mais além da cidade, onde os campos da república se desenrolavam sem fim sob o negro manto da noite.

Gatsby acreditava na luz verde, no futuro orgástico que, ano

após ano, recua diante dos nossos olhos. Nessa altura iludiu-nos, mas não importa - amanhã correremos mais depressa,

esticaremos mais os braços... E uma bela manhã...

Assim vamos persistindo, como barcos contra a corrente, incessantemente levados de volta ao passado.

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

FRANCIS SCOTT FITZGERALD (1896-1940) nasceu em 24 de Setembro de 1896 em St. Paul, Minesota, filho único de uma família católica da classe média abastada. Em 1917, após ter

abandonado a Universidade de Princeton sem se ter formado, alistou-se no exército e foi colocado em Montgomery, Alabama.

Ali conheceu Zelda Sayre, com quem viria a casar em 1921. Em

1920, escreveu o seu primeiro romance, *Este Lado do Paraíso*, em que fala da nostalgia e abandono de um jovem americano que

vê a sua vida mutilada pela guerra. A sua fama aumentou com *Belos e Malditos* e com as duas colecções de contos *Flappers and Philosophers* e *Tales of the Jazz Age*. Fitzgerald alcança então um grande êxito financeiro. Torna-se o menino de ouro das letras americanas, cujas obras retratavam a era dos *roaring twenties*.

Seguiu-se *O Grande Gatsby*, o seu melhor romance e um dos mais lúcidos do nosso tempo. Parece que a vida frenética de

Scott e de sua mulher, Zelda, inspiradora de tantas páginas, se reflecte também em páginas posteriores, como *Terna É a Noite*.

Foi um dos elementos da *lost generation*, que se tornou conhecida a seguir à Primeira Guerra Mundial, e que contou com

nomes famosos como Ezra Pound, no campo da lírica, Ernest Hemingway, John Steinbeck, John Dos Passos e Henry Miller, no romance.

Nos nove anos que mediaram entre o primeiro romance e *Terna*

É a Noite, Fitzgerald escreveu contos e guiões para o cinema.

A sua dependência do álcool acentua-se; agrava-se a instabilidade psicológica de Zelda, que é internada numa clínica psiquiátrica.

F. Scott Fitzgerald morreu antes de terminar *O Último Magnata*, um romance sobre a vida de Hollywood.

Obras principais:

Romance:

Este Lado do Paraíso (1920),
Belos e Malditos (1922),
O Grande Gatsby (1925),
Terna É a Noite (1934), A Década Perdida (1939),

0

Ultimo Magnata (1941),
A Fenda Aberta (1945);

Conto:

Berenice Corta o Cabelo,
Pat Hobby em Hollywood,
Sonhos de Inverno e Outros Contos,
Três Horas entre Dois Aviões e Outros Contos.

Data da Digitalização

Amadora, Abril de 2002